

Jornal O CONFRADE

ÓRGÃO DA ACADEMIA GOIANA MAÇÔNICA DE LETRAS



ABIM | REGISTRO Nº 083-J

ANO 7 – NÚMERO 25

ABRIL / MAIO / JUNHO 2025

GOIÂNIA | GOIÁS

editorial

OLHANDO PARA A FRENTE!

O que se espera de um periódico que é a voz de uma Academia de Letras é, exatamente, esta firme e inarredável disposição de sempre olhar para a frente, sempre eleger alvos novos a serem alcançados, conquistas a serem atingidas. E este é o nosso lema, a nossa disposição de estar sempre olhando para a frente, em busca de conquistas novas, de aperfeiçoamento maior, de objetivos novos a serem atingidos.

O Confrade, desde seu nascimento, teve e continua tendo este lema: Olhando para a frente!

E a razão disto é óbvia e lógica, calcada na experiência da vida e na história dos povos. Temos desenvolvido uma batalha hercúlea, um esforço enorme ara atingir o nosso objetivo cultural, maçônico e artístico. Com este propósito e dentro desta finalidade o jornal busca apresentar, em todas as suas edições matérias que variam de pesquisas a artigos de opinião. De estudos ritualísticos a palavras de estímulo e ânimo para as conquistas que devemos buscar na vida e sempre, como é o esperado, levando os leitores ao desenvolvimento cada vez maior do prazer da leitura pela excelência dos textos, seja em prosa seja em verso, numa batalha contínua e valiosa para a busca do aperfeiçoamento do falar e do escrever neste idioma maravilhoso que é a língua portuguesa.

Comprometidos com a arte, fomentamos a publicação de livros cuja leitura representa, sem dúvida, passo largo na ampliação e aprofundamento da cultura e do conhecimento geral sobre os assuntos que interessam a nossa formação e estrutura intelectual e cultural, a partir de fontes seguras.

E sempre estaremos buscando alvos que eram mais distantes e tidos como inalcançáveis mas que agora achamos que é possível e louvável buscar atingi-los, o que serve de estímulo na luta diária pela melhoria, pelo aperfeiçoamento.

Certamente alguém, todavia, deverá estar cismando: mas por que este propósito tolo de sempre olhar só para a frente?

Olhar para trás também, é útil e necessário!

Rever conquistas alcançadas e nos agigantarmos para novas vitórias... Aprender com os erros acaso cometidos, corrigindo-os...

Quem poderá contestar a utilidade deste olhar para trás?

A resposta é uma só: NINGUÉM!

O problema porém está no fato incontestável de que, na maioria absoluta das vezes em que olhamos para trás, o perigo que está à espreita se transforma em dano real.

Se fizemos algo notável, corremos o risco do auto endeusamento, de nos julgarmos mais ou melhores do que os demais, de sermos tomados pela vaidade, pelo orgulho e às vezes até pela prepotência, esquecidos de que vieram do Alto a inspiração e a força para objetivarmos o ideal e do companheirismo e esforço conjunto o resultado positivo.

Corre-se também o risco da acomodação. Já fizemos tudo o que de nós se esperava. Agora é descansar em berço esplêndido...

E o pior: tendo havido fracasso, derrota ou incompletude, no passado, insistirmos na mesma prática, continuarmos na mesma direção. Aí, o desastre será total e completo!

Quando Jeová enviou anjos para a destruição de Sodoma e Gomorra, Ló (sobrinho de Abraão), e sua família, por intercessão do Patriarca foram poupados. O anjo os afastou dali e determinou que fugissem depressa e...sem olhar para trás...Mas a mulher de Ló, cujo coração ainda estava preso aos prazeres, ao luxo, ao conforto (independentemente da luxúria e licenciosidade) reinantes nas cidades de Sodoma e Gomorra, desobedeceu e olhou para trás...e se transformou numa estátua de sal.

Quando nos determinamos a uma tarefa, o ideal é esquecer o que passou (vitórias ou derrotas) e devotarmos todo esforço, luta, dedicação e atenção a esta tarefa, a este alvo, sem nos decepcionarmos se enfraquecermos por derrotas passadas nem nos exaltarmos ao máximo, envaidecidos, por vitórias anteriormente conquistadas.

O ideal é continuarmos olhando para a frente, em busca de novos desideratos, novas conquistas, novos aperfeiçoamentos, mesmo porque o Mestre dos mestres ensinou: Ninguém eu tendo posto a mão no arado olha para trás é digno do reino de Deus.



AGML em ação

Em um momento marcante para o município de Fazenda Nova, AGML, em parceria com a Loja União e Sigilo Nº2320 e Prefeitura Municipal por meio da Secretaria de Educação Municipal voltada à educação e à cultura, com a presença de centenas de dezenas de pessoas.





fala do presidente

O CONFRADE E A FORÇA DA PALAVRA MAÇÔNICA

José Mariano Lopes Fonseca | Cadeira nº 06

Meus estimados Irmãos e Confrades,

É com imensa alegria e gratidão que me dirijo a todos, neste momento especial, para reconhecer e enaltecer o trabalho valoroso do jornal O Confrade, que chega, com excelência, à sua 25ª edição. Essa conquista é fruto do comprometimento de inúmeros escritores e articulistas que, com dedicação e talento, vêm contribuindo para a construção de um espaço de reflexão, cultura e integração dentro de nossas oficinas maçônicas e para além delas. A AGML sente-se honrada em contar com um instrumento de comunicação que tanto engrandece nossas ações e ideias.

Aproveito este momento para convidar todos os irmãos, familiares e confrades do Brasil para o 1º CONAMA – Congresso Nacional da Academia Maçônica de Goiás, que será realizado em Caldas Novas – Goiás, no acolhedor Hotel D’Roma Termas. Será um momento de troca, integração e fortalecimento de nossas ações culturais, educacionais e maçônicas, além de um extraordinário espaço para lazer e entretenimento, com muitas piscinas e apresentações culturais da cultura goiana.

Em breve, toda a programação com notáveis conferencistas nacionais e o formulário de inscrições estarão disponíveis no site oficial: www.conama.com.br. Fiquem atentos e garantam sua participação neste marco histórico.

Quero também destacar, com muito orgulho, as importantes ações de Educação e Extensão realizadas em

diversos municípios goianos que contam com oficinas das potências maçônicas reconhecidas. Entre elas: Extensão da AGML em Bom Jesus de Goiás e São Luís de Montes Belos, promovendo Educação, Cidadania e Trabalho Seguro, partindo de nossas casas maçônicas, em diálogo direto com a comunidade.

Projeto Pira Literária Maçônica, já foi implantado em diversos municípios goianos, com destaque Firminópolis e Fazenda Nova, onde homenageamos autoridades municipais com Títulos de Reconhecimento pelos relevantes serviços prestados à comunidade, fomentando o apreço pela leitura e escrita entre estudantes da educação básica, e promovendo o engajamento comunitário em prol do desenvolvimento social e educacional.

A entrega de Diplomas de Honra ao Mérito aos confrades, em suas respectivas oficinas, tem sido uma importante ferramenta para estreitar laços, divulgar as ações extraordinárias que vêm sendo desenvolvidas e valorizar os irmãos que honram e representam nossa Academia com dedicação e brilhantismo.

Por fim, faço um chamado fraterno e vibrante a todos os membros da Academia Goiana Maçônica de Letras: unamo-nos, com espírito de irmandade, para juntos engrandecer ainda mais nossa Academia, promovendo a cultura, o saber, a ética e o compromisso com a construção de uma sociedade mais justa e iluminada.

Avante, com fé, luz e sabedoria!



DIRETORIA – BIÊNIO 2024/2026



CADEIRA Nº 06

Presidente
José Mariano
L. Fonseca



CADEIRA Nº 21

Vice-Presidente
Adegmar José
Ferreira



CADEIRA Nº 24

1º Secretário
Isaías Costa Dias



CADEIRA Nº 37

2º Secretário
Hamilton Rios
de Araújo



CADEIRA Nº 33

1º Tesoureiro
Carlos A. B.
de Castro



CADEIRA Nº 32

2º Tesoureiro
Anestor Porfírio
da Silva



CADEIRA Nº 29

Diretora de
Patrimônio
Joás de Franca Barros



CADEIRA Nº 02

Diretoria Cultural
Anderson Lima
da Silveira



CADEIRA Nº 16

Diretor de Divulgação
João Batista
Fagundes



CADEIRA Nº 26

Bibliotecário
Aírton B. de Andrade



CADEIRA Nº 18

Orador
Absai Gomes Brito



CADEIRA Nº 04

Diretoria Jurídica
Breno Boss C. Caiado

CONSELHO FISCAL

Conselheiros Titulares



CADEIRA Nº 20

Gesmar José
Vieira



CADEIRA Nº 25

Paranyhya
Santana



CADEIRA Nº 14

Castro Filho



CADEIRA Nº 23

Genserico B.
de Siqueira



CADEIRA Nº 13

Getúlio Targino
Lima



CADEIRA Nº 15

Jefferson S.
de Carvalho

Conselheiros Suplentes



artigo

O ESTOICISMO – I

Paulo Marra | Cadeira nº 17

Em 338 a.C a Grécia foi dominada por Filipe II, rei da Macedônia. Após sua morte, o filho Alexandre, então com 20 anos, assumiu o lugar do pai e comandou as tropas para barrar o expansionismo persa na Ásia Menor, no Egito e na Babilônia, tornando-se imperador dos persas. Morreu em 323 a.C de febre tifoide aos 33 anos. Alexandre Magno, com suas conquistas, difundiu a cultura helênica grega aos povos do Oriente. Dessa fusão de valores gregos e orientais surgiu a cultura helenística.

E é esse contexto histórico, de conflito incessante no nível político, que permitiu o surgimento de quatro novas escolas de filosofia: a dos *Cínicos*, a dos *Céticos*, a dos *Epicuristas* e a dos *Estoicos*. Todos esses filósofos estão preocupados em como um homem civilizado deve viver num mundo inseguro, politicamente instável e perigoso. No entanto, será abordado no presente texto, somente o pensamento filosófico dos *Estoicos* e de seus principais representantes.

O estoicismo como filosofia permaneceu como um movimento organizado por cerca de 500 anos. Com ele, e por meio dele, a filosofia ocidental deixou de ser especificamente grega e tornou-se internacional. Isso foi consequência direta das conquistas de Alexandre Magno, que difundiram a cultura da região grega, pelo assim mundo civilizado. Os primeiros filósofos estoicos eram sírios em sua maioria e os últimos quase todos romanos. As vozes dos mais famosos deles vieram de todos os níveis de hierarquia social, um deles até sendo escravo (Epicteto) e outro, um imperador romano (Marco Aurélio).

Breve histórico do estoicismo

O termo *estoico*, do grego: *stoá poikilé*, quer dizer: “Pórtico Pintado”. O fundador do estoicismo foi Zenão de Cício ou Cítio, em Chipre, por volta de 300

a.C. O núcleo da filosofia estoica está na concepção de que não pode haver nenhuma autoridade superior à da razão. Desdobrando as consequências dessa crença, chega-se aos mais importantes princípios da filosofia estoica. Primeiro, o mundo tal como nossa razão o apresenta para nós, isto é, o mundo da Natureza, é toda a realidade que existe. Não existe nada “superior”. **E a própria Natureza é governada por princípios racionalmente inteligíveis.** Nós mesmos somos parte da Natureza. O espírito de racionalidade que impregna os homens e a Natureza é o que se entende por Deus. Assim concebido, Deus não está fora do mundo e separado dele, mas totalmente impregnado no mundo – **ele é a mente do mundo, a autoconsciência do mundo.** Junto com as escolas da mesma época, *epicurismo* e *ceticismo* o Estoicismo compartilhou a afirmação do primado da questão moral sobre as teorias e o conceito de filosofia como *vida contemplativa* acima das ocupações, das preocupações e das emoções da vida comum. Seu ideal, portanto, é de *ataraxia* (*estado de alma que nada consegue perturbar, pela eliminação das paixões e da apatia* (*estado da alma alcançado pela vontade e que a torna não somente inacessível à perturbação das paixões, mas insensível à dor*)).

O estoicismo pode ser dividido em três períodos:

O estoicismo antigo – fundado por Zenão de Cício (c. 335 – 264 a.C) e difundido principalmente por Cleantes (331 – 232 a.C) e Crisipo (c. 280 – c. 205 a.C);

O estoicismo médio – de caráter mais eclético, cujos principais representantes são: Panécio (c. 180 – c. 110 a.C) e Posidônio (135 – 51 a.C);

Estoicismo romano –, imperial ou novo, representado por Sêneca (4 a.C – 65 d.C), Epicteto (50 – 125 ou 130) e Marco Aurélio (121 – 180).

Uma vez que a morte e a adversidade estão fora de nosso controle, e acontecem a todo mundo, devemos enfrentá-las com nobre resignação.
(Pensamento estoico)

Os fundamentos da escola estoica

O estoicismo concebe a filosofia de forma sistemática e composta de três partes fundamentais: a *física*, a *lógica* e a *ética*, cuja relação é explicada através da metáfora da árvore. A física corresponderia à raiz, a lógica ao tronco e a ética aos frutos. Portanto, a parte mais importante é a ética: são os frutos que podemos colher da árvore do saber, porém, não podemos tê-los sem as raízes e o tronco.

Essa concepção reflete-se na estreita relação que o estoicismo vê entre a física e a ética. O homem é um microcosmo no macrocosmo, ou seja, é parte do universo, da natureza. Para ter uma conduta ética que assegure sua felicidade, suas ações devem estar de acordo com os princípios naturais, com harmonia do cosmo, que dá equilíbrio a todo o universo, inclusive ao homem. A boa ação, de um ponto de vista ético, é portanto uma ação de acordo com a natureza. São três as virtudes

básicas para os estoicos: a **inteligência**, que consiste no conhecimento do bem e do mal; a **coragem** ou o conhecimento do que temer e do que não temer; e a **justiça**, o conhecimento que nos permite dar a cada um o que lhe é devido.

Um dos principais representantes do estoicismo antigo foi Cleantes – (331 – 232 a.C). Em virtude da concepção de natureza pressuposta pela ética estoica, temos na verdade um forte determinismo ético, chegando mesmo a caracterizar um fatalismo. A noção de necessidade, ou destino (*heimamene*), é muito forte no estoicismo; o homem deve resignar a aceitar os acontecimentos como determinados. Isso não se traduz pela inação; devemos agir de acordo com os preceitos éticos e fazer o que julgamos devido, mas devemos também aceitar as consequências de nossa ação e o curso inevitável dos acontecimentos. Segundo

um exemplo famoso, se vejo alguém se afogando, devo tentar salvá-lo mas, se não o conseguir, não devo desesperar-me, pois era inevitável. O destino, no entanto, não é cego e arbitrário, mas reflete a racionalidade do real, a qual devo aceitar mesmo que não entenda. Para o estoicismo, felicidade (*eudamonia*) consiste na tranquilidade (*ataraxia*) ou ausência de perturbação. Alcançamos esse estado através do autocontrole, da contenção e da austeridade, aceitando o curso dos acontecimentos. Porém, só o sábio perfeito é capaz disso, e tal perfeição é difícil de atingir, embora devamos almejá-la e buscá-la.

Outro representante do estoicismo antigo é o filósofo Crisipo (c. 280 – c. 205 a.C) de origem grega, nascido em Soles, Cilícia; sucedeu Cleantes na direção do Pórtico. É considerado a figura mais importante do chamado *estoicismo antigo*, pois admite-se que foi ele quem deu estrutura e solidez ao pensamento estoico, sobretudo no campo da lógica. A lógica estoica é concebida como *dialética*, ou seja, como ciência de raciocínios hipotéticos cuja premissa expressa um estado de fato, imediatamente percebido.

Com Panécio (180 – 110 a.C) e Posidônio (135 – 51 a.C), o estoicismo toma um rumo eclético, aproximando-se de certas doutrinas do platonismo e do aristotelismo, uma tendência característica do helenismo. Essa fase tornou-se conhecida como “médio estoicismo”.

A partir do século I o núcleo do estoicismo desloca-se para Roma, dando origem ao assim chamado “novo estoicismo”, ou “estoicismo imperial”, cujos principais representantes foram: Sêneca (4 a.C – 65 d.C), o mais importante filósofo desse período, Epicteto (60 – 138) e Marco Aurélio (121 – 180), imperador romano após o ano de 161.

Continua na próxima edição...



opinião

PRECEITOS DIALÉTICOS NA MAÇONARIA

Newton Agrella | Colaborador

A Dialética em sentido genérico consiste no conceito de oposição, conflito proveniente da contradição entre princípios teóricos ou fenômenos empíricos. A palavra advém do grego “*dialektiké*” que significa a arte do diálogo, a arte de debater, persuadir ou raciocinar. Na Maçonaria é muito frequente o exercício desta disposição intelectual, uma vez que ela sugere um debate onde há ideias diferentes, em que um posicionamento ou ponto de vista possa ser defendido e contradito. No seu conceito original a Dialética

consistia em separar fatos, dividir as ideias para poder debater-las com mais clareza. A dialética também consiste numa legítima maneira de filosofar. Grandes pensadores da Humanidade como Sócrates, Platão, Aristóteles, Hegel, Marx, e outros, valem-se da Dialética como exercício constante do poder de argumentação.

Há porém, um aspecto menos nobre deste princípio, isto é; quando a Dialética assume um caráter “pejorativo”, como um uso exagerado de sutilezas. Na Maçonaria é frequente que correntes

doutrinárias defendam linhas interpretativas e conceitos variados na busca da verdade, através do que a alma se eleva, gradativamente, das aparências sensíveis às realidades inteligíveis ou ideias. A própria Lógica aristotélica que se fundamenta no chamado “raciocínio lógico” embora coerente em seu encadeamento interno, está calcada em ideias do “apenas prováveis”, e por esta razão traz em sua essência a possibilidade de ser repellido ou negado.

A Dialética também denota um conjunto de premissas e de admissibilidade de postulados que facultam ao Livre Pensador arquitetar idéias, compor um arsenal de conjecturas intelectuais e permitir que estes conceitos possam ser revistos ou revisitados sem prejuízo às suas manifestações. Não é nenhuma falácia afirmar que a Dialética se traduz como a Arte das Palavras aliada ao Caminho entre as ideias.



falando francamente

A SITUAÇÃO É MUITO GRAVE

Aparecido José dos Santos | Cadeira nº 31

Eu sou apenas um habitante deste incandescente Planeta Terra assim como outros bilhões de indefesos viventes, cujos semblantes são de desespero, insegurança. Os ditos e tidos como os mais sábios são quase unânimes – se não forem unânimes – em afirmarem que o problema da alteração climática da Terra (nossa casa em comum) está na devastação das florestas, em especial, a da Amazônia. Alguns poucos culpam a poluição e a morte dos rios. Já ouvi dizer que é grave a poluição produzida pelas fezes, excrementos, dejetos expelidos pelo gado, também conhecido como “Bosta de vaca”, que, convenhamos, é muito boa para usarmos como adubo orgânico na produção de hortaliças, mas que agora virou vilão do clima, na visão dos “cientistas” pesquisadores a procura dos culpados pelo estado alarmante em que nós nos encontramos (coitada da vaca), com esse calorão sem sombras para se proteger do Sol! “Bem feito, diria um colegial, se elas são culpadas por isso”.

Esclareço aos amigos leitores que não sou cientista nem pesquisador, muito menos especialista em Meio Ambiente, sou apenas um dos esbaforidos em busca de uma sombra para me resfolegar um pouco. E aqui

eu aproveito para sugerir o acréscimo de mais um Versículo no Livro da Lei: “Bem aventurados os que não são cientistas, porque deles, não serão exigidas explicações. Por isso, sinto-me bem à vontade para abrir a boca e questionar o porquê desta drástica mudança que está acontecendo em nosso Planeta.

Tenho ouvido muitos sermões de profundos conhecedores da Bíblia Sagrada, dando conta de que, sem dúvida nenhuma, isso é o fim dos Tempos e que Jesus Cristo está vindo para recolher os escolhidos e o resto, bem o resto... Pode até ser mesmo, não duvido de mais nada depois dos resultados das últimas eleições presidenciais brasileiras. Mas, e se não for isso? O certo é que o calor está fora do normal e as chuvas, quando vem, vem arrancando árvores, derrubando casas e destruindo estradas e matando gente, “Coisa tremenda”, diria meu pai, José Atanásio dos Santos, fervoroso evangélico da Igreja Assembléia de Deus, em São Luís de Montes Belos.

Mas, abri esta página, caríssimos leitores, para dar minhas opiniões (eu também sou filho de Deus) empiricamente, é bem verdade, sobre o que vejo, escuto e sinto, neste momento.

Fico pensando: roçar, derrubar matas, queimar pode ser realmente, muito grave, mas, no lugar das

árvores, planta-se soja, milho, girassol, algodão, café que também são vegetais, embora sazonais, e, se não plantar nada, a natureza se incumba de se recuperar em curto espaço de tempo – dois anos – por exemplo, já vira mato de novo. Já vi roçado queimado se transformar em capoeira e mato assim, ó, de uma hora pra outra. Brota tudo e com Força e Vigor, daí, a possível recuperação da cobertura da terra, em pouco tempo. Agora, vejo outras possíveis e irreversíveis causas pouco ou quase nada analisadas pelos especialistas, estudiosos ou cientistas, como o problema do uso da água.

Fico vendo a quantidade de poços artesanais sendo perfurados diariamente por todo o País, retirando dos lençóis subterrâneos a água que, possivelmente abasteceria alguma nascente natural. E aí, acontece outro problema, enquanto os nascentes naturais existem para suprir as necessidades de todos: gente, bichos, pássaros, capins, árvores, peixes (sapos também), os poços artesanais são de serventia específica de quem os faz. Seria isso um problema climático? Não sei. Melhor perguntar lá no Posto Ipiranga.

Outro possível problema que acho muitíssimo grave, são as extrações de petróleo, gás e minérios do interior da terra. Dizem os entendidos que esses recursos não são renováveis. Como são bilhões e bilhões de metros cúbicos retirados diariamente das profundezas de Terra, fico imaginando: se não são renováveis, como ficariam essas cavernas provocadas pelo esvaziamento desses materiais?

Pensemos na Terra como uma bola gigantesca e que, de dentro dela são retirados incalculáveis conteúdos não renováveis. Qual a imagem que podemos fazer dela? Eu a vejo como uma bola vazia e que, a qualquer momento, pode murchar e engolir grande parte de sua crosta, terra e mar, para preencher aqueles espaços vazios. Você também já pensou nesta hipótese?

Mas não carece de se preocupar, caro leitor, se estiver com medo. Antes que isso possa acontecer, ainda tem margem para piorar muito a qualidade de vida dos terráqueos, como nós, por exemplo: os gases venenosos que contaminam o ambiente diretamente a partir de sua emissão como é o caso do dióxido de enxofre, o ácido sulfídrico, os óxidos de nitrogênio, a amônia, o monóxido de carbono. O dióxido de carbono, o metano, fuligem e aldeídos e outros que são perigosos poluentes emitidos aos milhões na atmosfera no mundo inteiro pelos bilhões de carros, motos, fábricas, etc... Para onde vai isso? Não sei. Recomenda-se perguntar os cientistas ou especialistas. Eles devem de saber. Um fio de esperança pode vir da eletricidade para amenizar nosso drama, como o aparecimento da chamada energia limpa, os carros elétricos, fogão elétricos, (Falar em Fogão, e o Botafogo, em?), panela elétrica e por aí vai. Sol e calor não devem faltar. No entanto, até agora, a solução é não desmatar a Amazônia só isso. Aplausos pra eles. Mas a situação é muito mais grave do que isso,

Francamente,
Até a próxima.



crônica

21 DE ABRIL: DIA DE TIRADENTES

Valteude Guimarães Ferreira | Colaborador

Omês de abril deste ano está recheado de comemorações, dia primeiro de abril é comum celebrarem o dia da mentira, mentira é uma afirmação falsa transmitida com a intenção de enganar o destinatário. Uma mentira é contada quando uma pessoa tem a intenção de enganar a outra, ou fazendo deliberadamente, sem notificação prévia de seu propósito e sem ter sido explicitamente solicitada a fazê-lo pelo alvo. No Brasil, o primeiro de abril começou a ser difundido em Minas Gerais, onde circulou A Mentira, um periódico de vida efêmera, lançado em 1º de abril de 1828, com a notícia do falecimento de Dom Pedro I, desmentida no dia seguinte.

A Mentira saiu pela última vez a 14 de setembro de 1849, convocando todos os credores para um acerto de contas no dia 1º de abril do ano seguinte, dando como referência um local inexistente. Em seguida teremos a sexta feira da paixão que relembra o calvário de nosso senhor Jesus Cristo, é celebrado o domingo de páscoa, e no dia 22 antes nas escolas comemorava-se o dia do descobrimento do Brasil refere-se ao episódio de chegada e formalização de posse por Portugal ao território que deu origem ao Brasil. O marco deste episódio é o avistamento da terra que, então, denominaram por ilha de vera cruz, nas imediações

do monte pascoal, pela armada comandada por Pedro Álvares Cabral.

E no dia vinte e um de abril no Brasil é feriado nacional, pois nesse dia foi a morte de José Joaquim da Silva Xavier, mais conhecido por Tiradentes, por ter sido um dentista prático, o mártir da Inconfidência Mineira. Nascido em 12 de novembro de 1746, há 279 anos na fazenda Pombal, estado de Minas Gerais. Morto em 1792 aos 45 anos no estado do Rio de Janeiro há 233 anos, por ter tido a ousadia de se opor contra a coroa portuguesa sendo que o Brasil era dominado por Portugal. Tiradentes hoje é considerado o patrono da polícia militar e da polícia civil e enaltecido como um dos heróis brasileiros.

O Brasil não mudou nada nesses 233 anos, não é diferente, pois a falsidade, vaidade e sede pelo poder político continua como no passado. É notório vermos líderes políticos se digladiando e acusando, outros se defendendo, mas o objetivo, é o poder de mandar, governar e mentir, em época de campanha para angariar votos e permanecer no poder, dizem que vão mudar a vida do brasileiro pobre, sendo que quem conseguem bons empregos é a maioria que tem um poder aquisitivo maior.

Nesses 233 anos o Brasil virou uma balbúrdia, dizem que é um estado democrático de direito, assim diz

a constituição que todos são iguais na forma da lei, o rico cada vez mais rico e o pobre cada vez mais miserável. José Joaquim da Silva Xavier foi morto e esquartejado por não concordar com a cobrança de impostos da coroa portuguesa e além disso porque era pobre, assim diz os historiadores, por isso tornou-se um inconfidente. Foi traído por Joaquim Silvério dos Reis, homem nascido em Portugal, sendo destacado para o Brasil, tornou-se coronel de divisão de cavalaria da província de Minas Gerais em borda do campo, hoje cidade de Antônio Carlos, isso prova que a inveja, a traição e a vaidade sempre existiram e que ninguém está livre de ser enganado, dia 21 de abril o dia de Tiradentes.

Jornal O CONFRADE

ÓRGÃO OFICIAL DA ACADEMIA GOIANA MAÇÔNICA DE LETRAS

Rua J 52 Nº 550 Setor Jaó, Goiânia GO – Brasil
CEP: 74674-180 • Telefone: (62) 3207-1020

Presidente: José Mariano L. Fonseca – Cadeira nº 06

Editor/design: Guilherme Fonseca – Colaborador

Revisor: Alexandre A. Giffoni Júnior

Colaboradores: Absai Gomes Brito / Guilherme Freire Fonseca

Conselho Editorial: Anderson Lima da Silveira

/ Getúlio Targino Lima / Luiz Antônio Signates Freitas

/ Flávio Roldão de Carvalho Lelis

Programação/editoração: Adriana Almeida

Coordenação gráfica: Gráfica Poder – 62. 98190-5857

Tiragem desta edição: 500 exemplares

Divulgação: Físico / Digital (<http://agml.com.br/>)

A direção do Jornal não se responsabiliza por conceitos emitidos em matérias publicadas.



artigo

VOCÊ CONHECE A VERDADEIRA MAÇONARIA? – II

Anestor Porfírio da Silva | Cadeira nº 32

Com o apoio da maçonaria nesse melindroso empreendimento, Garibaldi sentiu-se mais encorajado para pôr em prática suas pretensões, o que lhe valeu o triunfo da vitória, ficando o Estado do Vaticano com um espaço territorial, consolidado através do Tratado de Latrão, bem menor do que o que era por ele defendido, mas os maçons mais uma vez tiveram que arcar com as consequências: A séria e implacável perseguição de que os maçons já vinham sendo alvo, recrudesciu ainda mais depois da perda do domínio que o Vaticano detinha sobre Roma e parte da extensão territorial que, segundo a história, lhe pertencia desde o ano de 756, fato esse que ensejou a emissão da bula “Humanum Genus”, de 20 de abril de 1884, pelo papa Leão XIII, em que exortava os católicos do mundo a rejeitarem a maçonaria.

Por volta do ano de 1810, surgiu na Europa uma sociedade secreta, iniciática, revolucionária, política, inimiga dos regimes ditatoriais e do imperialismo, que se fez presente também na Itália, conhecida como carbonária, que foi, ao longo de sua efêmera existência, uma instituição

confundida com a maçonaria, a qual, em função desse engano e das ações violentas que praticava, fazia os meios social e político, e até as instituições, crerem que as atrocidades cometidas pelos carbonários eram de autoria dos maçons. Tal confusão estabelecida entre uma coisa e a outra, decorreu da crença de que ambas as instituições eram uma só. Naturalmente, isso se deu por parte daqueles que não detinham conhecimento dos princípios fundamentais, embora distintos, sem semelhança, que regiam e norteavam as ações de cada instituição em direção ao alcance de suas respectivas finalidades, as quais também não se assemelhavam. Nesse particular, eram poucas as convergências para o mesmo sentido vez que, a carbonária se identificava mais como milícia independente constituída, em sua maioria, de militares da força ativa. Era uma instituição revolucionária, que mantinha em segredo os nomes de seus membros, que pegava em armas e, se preciso fosse, matava para alcançar seus objetivos. Tais objetivos, na maioria das vezes, eram de caráter patriótico e liberal. Sua massa de manobra

na sociedade eram os excluídos e os descontentes com a situação política reinante. Os símbolos carbonários e a forma de tratamento entre seus membros não eram os mesmos da maçonaria. Os carbonários eram de ideais nacionalistas enquanto que os ideais maçônicos eram e ainda são de natureza universal. Na resolução de conflitos, a carbonária tinha como armas instrumentos bélicos, enquanto que a maçonaria sempre negou o recurso à violência para a consecução de quaisquer objetivos, sendo suas armas a coragem e o destemor para agir, o uso da inteligência de seus membros e a força do diálogo.

A partir de 1717, a fundação das diversas potências maçônicas e sua expansão a todos os continentes, deu-se de forma mais ou menos homogênea, isto é, sem a perda das características fundamentais de sua própria identidade e com o mesmo pensamento quanto aos seus ideais mais elevados. Nessa fase ocorreram as mais expressivas conquistas que a maçonaria já alcançou, ficando evidente, de modo claro, cristalino e inofismável, que a sua razão de ser é pela edificação de uma obra social infinita, sem prazo

para ser concluída, que tem como meta o alcance do bem-estar da humanidade. Dessas ditas expressivas conquistas, não fosse a resoluta e decisiva participação da maçonaria, regimes políticos autoritários, opressores não teriam se sucumbido, nem a libertação, por exemplo, de várias nações das Américas teria ocorrido.

Sua posição no meio social e político, qualquer que fosse a causa, sempre foi, em síntese e, às vezes, com insignificantes variações de uma região para a outra, a da defesa inquestionável do povo e do Estado Republicano e Democrático, dos direitos e garantias individuais, da liberdade de pensamento (neste particular, com a correlata responsabilidade), da prevalência da verdade, da obediência às leis, do respeito à justiça etc., além da conjugação de esforços em ações de combate ao vício, aos erros e aos preconceitos vulgares.

Com espírito humanitário, foi e é comprometida com as causas sociais atuando principalmente junto aos menos favorecidos no sentido de minorar suas dificuldades e seus sofrimentos, não havendo, ao longo de sua história, nenhum registro em que a referida instituição tenha abandonado seus sublimes ideais para praticar o mal ou atuar em busca do alcance de vantagens para si própria, ficando assim evidentes os propósitos de uma Ordem essencialmente iniciática, filosófica, filantrópica e progressista, que surgiu para servir e não para ser servida.



opinião

NAZISMO E A MAÇONARIA

Henrique de Oliveira Brito | Colaborador

A história de “terror” vivida pelos maçons e judeus no período que antecedeu a a segunda Guerra Mundial na Europa Ocidental, em específico na Alemanha e Itália deve ser contada e relembada com uma das histórias mais trágicas de toda a humanidade, as atrocidades cometidas contra irmãos e judeus JAMAIS devem ser esquecidas e merecem, ainda, de forma negativa, como já dita, serem repassadas às novas gerações para que nunca mais tais fatos se repitam.

Neste contexto histórico de fatos que antecederam todas perseguição e sofrimento em detrimento ao povo judeu e aos maçons, citam – se como antecedentes históricos, a criação do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (em alemão: Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei – NSDAP), mais conhecido como Partido Nazista (português brasileiro) ou Partido Nazi (português europeu), foi um partido político levado ao poder na Alemanha por Adolf Hitler em 1933.

O termo Nazi é uma contração da palavra alemã (NA)tionalso(ZI)alist (Nacional Socialista), refletindo a ideologia do NSDAP. O partido estabeleceu o Terceiro Reich após ter sido democraticamente eleito para liderar o

governo alemão em 1933. O NSDAP foi a única força política na Alemanha Nazista da queda da República de Weimar em 1933 até o fim da Segunda Guerra Mundial.

O partido adotou dentre seus símbolos, a suástica, e uma saudação a Hitler, inspirada na saudação romana⁴, símbolos estes que atualmente estão profundamente ligados à ideologia racista dos nazistas, tendo se tornado proibidos. A ideologia e as práticas do partido nazista deram origem a um novo ramo de ciência política, popularmente conhecido como “Nazismo”.

Alemanha tornando-se um estado anti-semita e racial após a promulgação das Leis de Nuremberg em 1935. O primeiro ato de Hitler para juntar o partido nazista e o governo alemão aconteceu com a morte do presidente do Paul von Hindenburg, em agosto de 1934. Três horas antes da morte de Hindenburg, o governo de Hitler promulgou uma lei que teria efeito a partir da morte de Hindenburg e que prescrevia que o posto de presidente seria unido ao de Chanceler, e que Hitler seria desde então (chanceler) da Alemanha. Com este ato, Hitler fez de si mesmo o Chefe de Estado, chefe do governo e presidente do partido nazista num só posto.

No meio dos anos 1930, o partido nazista indicou e configurou praticamente todo o governo alemão com membros do partido nazista. Além disso, em 1936 os SS tinham-se tornado a polícia do Estado e controlavam todos os aspectos da aplicação da lei e da política. Quando a Segunda Guerra Mundial começou, em 1939, não havia praticamente nenhuma distinção entre o partido nazista e o governo da Alemanha.

A Maçonaria sob o Regime Nazista assumiram o poder, uma série de medidas políticas foram implementadas contra os maçons. Aquelas Lojas que praticavam a tolerância e equidade e tinham ligações internacionais ou conexões através de seus líderes com Sociais Democratas ou Democratas Liberais fora objeto de perseguições e foram pressionadas a desistirem por ato voluntário.

Outrossim, em 1934, o chefe do Tribunal do Partido Nazista decidiu que os maçons que não deixou suas lojas antes de 30 de janeiro de 1933, não poderiam aderir ao partido nazista. No mesmo mês, o Ministro do Interior Hermann Goering emitiu um decreto convocando as lojas para “voluntariamente” se dissolvem, mas exigindo tais ações voluntárias serem submetidas a ele para aprovação. Além disso, lojas e sucursais em várias cidades por toda a Alemanha foram expostas à violência arbitrária de unidades locais SS e SA, embora este terror não parece ter sido dirigido centralmente.

Perseguições contra judeus e maçons durante o regime nazista.

Pressão crescente dos setores público e profissional forçaram as pessoas a escolher entre permanecer em suas Lojas ou limitar as suas oportunidades de carreira. Hermann Wilhelm Göring era o segundo homem mais importante na hierarquia do Terceiro Reich de Adolf Hitler.

Muitos membros de Lojas e titulares de cargos no serviço público foram forçados a se aposentar ou foram molestados. Em maio de 1934, o Ministério da Defesa proibiu a adesão à Maçonaria de todo o pessoal (soldados e funcionários civis).

Perseguições durante o regime nazista.

Em 28 de outubro de 1934, ministro do Interior Wilhelm Frick¹⁶ emitiu um decreto definindo as Lojas como “Hostis ao Estado” e, portanto, sujeitos a “terem seus bens confiscados”. Finalmente, em 17 de agosto de 1935 Frick ordenou que todas as Lojas restantes e seus ramos dissolvidos e os seus bens confiscados. Propaganda nazista continuou a pregar a ligação entre judeus e maçons. Julius Streicher editou a publicação virulenta Der Stürmer (O Soldado de Assalto) e repetidamente cartoons impressos e artigos que tentaram retratar uma conspiração “judeu-maçônico”.

Em 1938, em meio aos preparativos para a Segunda Guerra Mundial, Hitler anistiou os maçons que renunciaram à ordem. Mas todo cuidado era pouco.

Continua na próxima edição...



crônica

A CAPTURA

José Ricardo Roquette | Colaborador

O “golpe” de março de 1964, apelidado pelos seus autores de “revolução”, encontrou uma situação sui-generis naquela região de Goiás, Mateira, onde eu morava. Todos quantos se julgavam “líderes” (ou chefes políticos) queriam ser os padrinhos da “redentora”. Os fazendeiros e seus filhos e genros e outros tantos, de um lado e os capangueiros, idem, idem, de outro lado. Entretanto, tanto uns quanto outros, se arvoravam em “protetores” da “revolução” de março, anticomunistas todos eles, fazendeiros e capangueiros. Como conciliar? A “revolução” alinhou, parcimoniosamente, em dois partidos políticos, os seus adeptos na “ARENA” e a oposição consentida e subserviente no “MDB”. Os fazendeiros associaram-se à ARENA, partido no poder, e os capangueiros, na falta de outra coisa, assumiram o MDB, até hoje “direita” e “esquerda” na política brasileira.

As “deduragens” eram levadas ao delegado local, da Mateira, visto que a “redentora”, até então, não havia se dignado a mandar nenhum militar para gerenciar as corrutelas. Assim a pretensa “autoridade”, “ditava” as regras. Como nas duas cidades não existiam comunistas a eliminar, e nós, emedebistas, estávamos, prudentemente, com a

crista baixa, o exercício dos poderes do delegado era tranquilo.

Os capangueiros aproveitaram a ocasião e “liberaram”, como se donos fossem, as internadas do Eulampio, as do Aramis (assassinado por um autointitulado garimpeiro!), do Gilberto Márquez, do Elias Ferreira e tantas outras para os garimpeiros vasculharem, a procura de diamantes! Em pouco tempo foram feitas centenas de crateras, quase “lunares”, transformando as ricas pastagens num solo inútil ao apascentamento dos rebanhos! Isso sem falar nos eventuais “abates” de um boi ou uma vaca, periodicamente, para melhorar o “arroz com feijão” cotidiano dos invasores!

Os fazendeiros viam aquilo como um deslante, visto que para eles nada era mais importante que o capim colônio que ali crescia vigoroso, bonito, e que alimentava seus bois, produto de muito trabalho! Reclamaram por várias vezes ao delegado que sempre os “empurrava com a barriga” pois aliava-se aos capangueiros, baiano e garimpeiro que era! Bem, qual a solução?

Na época, derrubado Mauro Borges, o General Carlos de Meira Matos foi nomeado interventor em Goiás. Ele

era ligado aos novos “regentes”, os Caiado, que durante vários anos foram aliados do poder em Goiás pela força dos Ludovico. Estes tiveram o azar de serem aliados do Mauro Borges, também um Ludovico, e, com a sua queda, também dançaram. A força dos Caiado despontou e não tiveram pejo em aliar-se aos milicos de 1964 passando a dominar a política goiana. Os fazendeiros recorreram, portanto, aos mandantes de então, os Caiado!

Prontamente foram atendidos e uma “captura” (grupo de policiais armados, constituídos de um tenente, um sargento, dois cabos e de uns seis soldados) foi mandada para a Mateira para atender o chamado dos fazendeiros. A força dos “capangueiros” começava a ruir com a ida de tal bando!

A “captura” chegou na Mateira numa manhã de domingo, hospedou-se no “Hotel Sírio Libanês” e o tenente foi para a delegacia (uma sala do fórum) e logo mandou chamar o delegado. Prontamente a “autoridade” policial compareceu à presença do tenente, com muita desenvoltura, aliás. Relatando os fatos ao seu “bel prazer”, o delegado, fiel aos seus padrões, “inocentou” os garimpeiros culpando os fazendeiros de todas as mazelas que estavam ocorrendo. Afinal, as pastagens cobertas de colônio estavam produzindo diamantes de primeira ordem – embora o gado estivesse passando fome! Como a “captura” estava ali por conta e ordem do governo intervencionista do Estado – comandado por tradicional família ruralista

goiana, os Caiado -, a conversa do delegado soou mal, com as consequências previstas.

Enquanto o diálogo do delegado com o tenente era tratado na sala da delegacia de polícia, o povo, curioso como sempre, ia se aglomerando por ali. O tenente, então, resolveu mostrar sua “revolucionária” autoridade. Depois de dar uns gritos no ouvido do delegado, foi conduzindo o “diálogo” para os fundos do fórum, no terreno aberto, sem muros, propiciando um espetáculo circense para os espectadores.

– Muito bem, delegado. O senhor conhece a “dança do pato”? Ah, não conhece! Pois vou te ensinar. Fica ali, de pé, na porta dos fundos. Agora, agacha. Agacha mais, seu porco! Agora vem agachado até aqui. Como? Dando uns pulinhos, isso, uns pulinhos. Agora volta até lá! depois que o delegado chegou onde estava a autoridade militar.

E essa pantomima perdurou por uns quinze minutos, sob os olhares do público, inclusive dos “protetores” do delegado, naquelas alturas atônitas, desmoralizados e desautorizados.

A “captura” manteve-se na Mateira por mais uma semana, depois voltou para Goiânia, mas sempre presente na cidade daí pra frente, praticando arbitrariedades mas se “acomodando”, ora com os baianos ora com os fazendeiros. Sobrou, como sempre, para a oposição consentida, que, vira e mexe, levava as bordoadas governamentais.

AH! Belos tempos de democracia!



tempo de estudo

A MAÇONARIA NA BÍBLIA – III

Ianos Roberto Mueller | Colaborador

Coríntios 13

1 Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o bronze que soa ou como o címbalo que retine. 2 Ainda que eu tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e toda a ciência; ainda que eu tenha tamanha fé, a ponto de transportar montes, se não tiver amor, nada serei. 3 E ainda que eu distribua todos os meus bens entre os pobres e ainda que entregue o meu próprio corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me aproveitará. 4 O amor é paciente, é benigno; o amor não arde em ciúmes, não se ufana, não se ensoberbece, 5 não se conduz inconvenientemente, não procura os seus interesses, não se exaspera, não se ressentido do mal; 6 não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade; 7 tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. 8 O amor jamais acaba; mas, havendo profecias, desaparecerão; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, passará; 9 porque, em parte, conhecemos e, em parte, profetizamos. 10

Quando, porém, vier o que é perfeito, então, o que é em parte será aniquilado. 11 Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, pensava como menino; quando cheguei a ser homem, desisti das coisas próprias de menino. 12 Porque, agora, vemos como em espelho, obscuramente; então, veremos face a face. Agora, conheço em parte; então, conhecerei como também sou conhecido. 13 Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três; porém o maior destes é o amor.

Também a solidariedade e a fraternidade lecionadas pela Maçonaria são compatíveis com os ensinamentos bíblicos. Vejamos Gálatas 6:1-2, o qual nos orienta que devemos nos ajudar a levar as cargas uns dos outros e caso alguém erre, não devemos condenar, mas sim auxiliá-lo com brandura a encontrar o caminho correto:

Gálatas 6

O auxílio mútuo e a responsabilidade pessoal. 1 Irmãos, se alguém for surpreendido nalguma falta, vós, que sois espirituais, corri-o com

espírito de brandura; e guarda-te para que não sejas também tentado. 2 Levai as cargas uns dos outros e, assim, cumprireis a lei de Cristo. (...)”

Vejamos também, sobre a fraternidade, a passagem de Mateus 5:23-24:

“Mateus 5

(...) 23 Se, pois, ao trazeres ao altar a tua oferta, ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, 24 deixa perante o altar a tua oferta, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; e, então, voltando, faze a tua oferta. (...)”

Esse preceito bíblico destaca que a desavença entre irmãos contraria de tal forma os mandamentos cristãos que é necessário que prontamente se reconciliem para serem dignos até mesmo de trazerem a sua oferta. De forma análoga e em total compatibilidade com a Bíblia Sagrada, as instruções maçônicas nos ensinam que o maçom deve prontamente buscar se reconciliar com seu irmão antes mesmo de se julgar apto a participar de uma reunião.

Por fim, destaco, ainda, a passagem bíblica de Mateus 6:1-4, ao ensinar sobre a prática da caridade:

“A prática da justiça

Mateus 6

“1 Guardai-vos de exercer a vossa justiça diante dos homens, com o fim de serdes vistos por eles; doutra sorte,

não tereis galardão junto de vosso Pai celeste. Como se deve dar esmolas. 2 Quando, pois, deres esmola, não toques trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas, nas sinagogas e nas ruas, para serem glorificados pelos homens. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa.

3 Tu, porém, ao dares a esmola, ignore a tua mão esquerda o que faz a tua mão direita; 4 para que a tua esmola fique em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará.”

Em suas instruções, a Maçonaria nos ensina, em fiel observância a esse preceito bíblico, que da ajuda dada pela mão direita, a esquerda não precisa saber. Isto é, o auxílio deve ser feito pela vontade genuína de ajudar, para agradar a Deus e não pelo desejo de colher frutos perante os homens pela caridade, ponto em relação ao qual sempre devemos nos policiarmos.

Há muitas outras passagens. Essas, sem a pretensão de esgotar o assunto, são apenas algumas aqui tratadas nesse trabalho para evidenciar a total harmonia dos ensinamentos maçônicos com a Bíblia Sagrada, o nosso Livro da Lei. Por isso meus queridos Irmãos, continuemos a nossa caminhada perseverando nos preceitos bíblicos e maçônicos da fé, esperança e amor.

 artigo

MAÇONS QUE FIZERAM A HISTÓRIA DA MAÇONARIA EM GOIÁS – IV

No exercício do cargo de Grão-Mestre da Grande Loja Maçônica do Estado de Goiás realizou várias obras que valorizou e enalteceu os princípios da Liberdade, Igualdade e Fraternidade, podendo citar: a) Criação do programa “CAMINHO SEM DROGAS”, destinado a promover palestras de prevenção às drogas a comunidade. Foi ministrado um curso de 50 horas/aulas com a finalidade de preparar os multiplicadores (somente maçons e familiares da GLEG) a realizarem palestras. Somente dez chegaram ao final do curso, inclusive uma cunhada. A Grande Loja, através dos maçons ficou apta a oferecer esse tipo de palestras. Muitas palestras foram ministradas. b) Instalação da Escola de Inclusão Digital no Jardim das Aroeiras, Bairro paupérrimo da periferia de Goiânia, para beneficiar crianças e adolescentes carentes e sem condições de pagar uma escola de inclusão digital, na sede da Casa Espírita Mãos Unidas, onde formaram 450 crianças e adolescentes. O Banco do Brasil doou computadores descartados, a Casa Espírita forneceu as instalações e a GLEG doou mesas, impressoras e pagava o professor de computação. c) Conseguiu Bolsas de Estudos junto a Organização das Voluntárias de Goiás (OVG) para todos os Maçons, cunhadas e sobrinhos que fizeram a solicitação e enquadraram no perfil da OVG. d) Foi criado o Coral Vozes da Grande Loja, com

a participação somente de Maçons, cunhadas e sobrinhos da Grande Loja. Somente o Maestro não era maçom, porquanto na GLEG não tinha quem poderia exercer esse cargo. e) Foram doados quarenta e cinco (45) computadores às Lojas jurisdicionadas, mediante sorteios realizados nas Assembleias Gerais. Foram sorteados cinco computadores por Assembleias. f) Foram construídos mais quatro (04) apartamentos, cada um com duas camas, para hospedagem de maçons e familiares do interior, até mesmo de outros Estados, quando em viagem a Goiânia (em tratamento de saúde, a negócios, comparecimento às Assembleias Gerais da GLEG, etc.). Foi construído também um vestiário, com quatro chuveiros, para atender os maçons e familiares, quando vem a Goiânia, sem necessidade de pernoitar. g) Foram adquiridas Bandeiras do Estado de Goiás e da Grande Loja Maçônica do Estado de Goiás para todas as Lojas jurisdicionadas a GLEG. h) Foi determinada a publicação no Boletim Informativo, do balancete mensal da GLEG para análise de todos os Maçons, com total transparência do dinheiro arrecadado das Lojas e outros. i) Muitas doações foram realizadas podendo citar: Ordem Demolay, Ordem das Filhas de Jó, Grupo Espírita Mãos Unidas, Instituto Pestalozzi, Batalhão Escolar da PMGO (Formatura do PROED), Casa Espírita Anália Franco, Abrigo Serra

João Batista Fagundes
Vigésimo Grão-Mestre
Período 2005/2008



da Areia (mantido pela Loja Maçônica Aparecida de Goiânia nº 138), Conselho Tutelar dos direitos da criança, Associação Benemerita e Beneficente mantida pelas cunhadas da Loja Paranaíba nº 4, Centro de Convivência Campo Formoso de Orizona, Rotary Clube (campanha meio ambiente), Associação das mulheres Portadoras de câncer de mama de Uruana, Comunidade Espírita Ramatis, Sanatório Espírita Batuíra, AMEM, etc. j) Em seu Grão-Mestrado foram comemorados o Dia do Maçom, bem como o Dia Internacional da Mulher, (em todos os 03 anos de seu mandato) com palestras alusivas na GLEG. k) Foram pagos R\$ 157.585,00 (cento e cinquenta e sete mil, quinhentos e oitenta e cinco reais) de dívidas do Colégio Libertas, até 30/03/2008.

Em seu Grão-Mestrado foi assinado um TRATADO DE MÚTUO RECONHECIMENTO, FRATERNAL AMIZADE E ESTREITA COLABORAÇÃO, COM O GRANDE ORIENTE DO ESTADO DE GOIÁS, no dia 25/março/2006, devidamente autorizado pela Assembleia Geral da GLEG.

Parte das principais realizações do Grão-Mestrado João Batista Fagundes encontram narradas em uma revista que foi editada (sob patrocínios), sem ônus para a Grande Loja e distribuída a todos os maçons da GLEG, quando do encerramento de seu Grão-Mestrado.

Recebeu o Título HONORÍFICO DE CIDADÃO GOIANIENSE, outorgado pela Câmara Municipal de Goiânia, em 17/08/2006. Recebeu também o Título Honorífico de cidadão Possense, outorgado pela Câmara Municipal da cidade de Posse - GO.

No FILOSOFISMO é grau 33º desde 06/09/82.

Atualmente exerce o ofício de Advogado, inscrito na OAB/GO sob o nº 2.842.

João Batista Fagundes atribui seu sucesso, tanto na área do direito, como Promotor de Justiça, Juiz de Direito e advogado, quanto como Maçom, tendo chegado ao sublime cargo de Grão-Mestre, o mais alto cargo que um maçom pode galgar, primeiramente a Deus, em especial a seus pais, da luta deles para que ele estudasse e me fizesse homem, com “H” maiúsculo, o mesmo “h” da honestidade, o “h” da honradez e o “h” da humildade.


 artigo

AS SOCIEDADES SECRETAS NO TEMPO E NO ESPAÇO – IV

Barsanulfo Reis | Colaborador

14 - Os que fogem destes parâmetros, sempre deixam a Ordem para o bem de todos. Sempre afirmamos que a Ordem não foi feita para pusilânimes e covardes.

15 - Formemos pois, uma cadeia de união através das nossas mentes, emitindo pensamentos de saúde, paz e felicidade para toda a humanidade, afim de que este vírus desapareça da face da terra. Com pensamentos e ações positivas, afugentaremos as trevas do vírus, fazendo surgir a luz da saúde, da paz e da tranquilidade entre os seres humanos. Surgindo a luz,

as trevas desaparecem. A maçonaria é luz, é esperança, é amor e é fraternidade. A luz fica mais bela quando surge da escuridão...

16 - Aprendemos que não podemos nos desesperar com as epidemias e aflições da vida, pois sempre das nuvens negras, cai água límpida e cristalina. Após uma noite escura e tenebrosa, o sol surge brilhando, espargindo seus raios luminosos sobre o planeta, proporcionando luz, vida e esperança entre os povos.

17 - Nossa solidariedade às famílias daqueles que

partiram, deixando parentes e amigos com os corações em dor. Muitos se foram por falta de leitos em UTI, graças à falta de organização do sistema de saúde em nosso país. Quem conhece a história da nossa pátria, sabe, perfeitamente, que desde o império não se investe muito em saúde, educação e segurança. Pessoas morrem nos corredores dos hospitais, a educação deixa muito a desejar e a criminalidade aumenta a cada dia que passa. Ver um ser humano morrer por falta de assistência, comove qualquer coração sensível ao sofrimento e

angustia do próximo. Atualmente não saímos de casa por dois motivos: antes com medo dos criminosos, agora, também, com medo do coronavírus. É muito dóido para os parentes, amigos e todos nós, saber que uma pessoa morreu por falta de atendimento médico. Que Deus proteja todos que estão doentes nos hospitais e que esta triste estatística mortal não suba mais e venha diminuir. Entre a economia e a vida, devemos optar pela vida, o maior bem jurídico do universo. A economia se recupera, a vida, uma vez perdida, jamais pode ser recuperada, pois é um caminho sem volta. Também nossa solidariedade àqueles que se encontram no isolamento social, com saudade dos pais, filhos, netos, parentes e amigos. Nunca estamos sozinhos, Deus está sempre conosco. Deus está presente quando

a solidão nos cerca; nos ouve quando o silêncio nos responde; nos ama quando todos nos abandonam. Neste momento, mais do que nunca, a solidariedade dos amigos e parentes é muito importante para aqueles que se encontram isolados. Podemos até ser solitários, mas devemos ser solidários com nosso próximo, na medida de nossas possibilidades.

18 - Também é um momento de introspecção e reflexão, no qual o ser humano deve reconhecer sua pequenez e a grandeza de Deus. A ciência luta, diuturnamente, para descobrir a vacina contra um vírus invisível e tão letal. Somente Deus pode inspirar os cientistas a fim de conseguir tal objetivo. Aprendemos, também, que de cada sofrimento sempre extraímos lições de sabedoria, amor e humildade.

Continua na próxima edição...



reflexão

MAGIA SILENCIOSA

Arinan Camilo Alencastro Veiga | Adjunto – Cadeira nº 22

Tem gente que nasce pra cantar, tem gente que nasce pra sonhar... mas mãe, meu amigo, nasce pra tudo ao mesmo tempo. É despertador humano, enfermeira de plantão, psicóloga sem diploma, chef de cozinha que transforma sobra em banquete, e ainda arruma tempo pra mandar mensagem perguntando: “Chegou bem, meu filho?” — mesmo que o filho more no quarto ao lado. Mãe é bicho raro!

É quem percebe o aperto do sapato mesmo quando o filho diz que está confortável.

Que adivinha mentira só de olhar nos olhos, que detecta a tristeza disfarçada de silêncio e entra no quarto do filho dizendo: “Eu sei que tem algo errado, mãe sabe, mãe sente!”

Sabe e sente mesmo! Sente antes, durante e depois — porque amor de mãe é Wifi direto conectado com o céu!

Mães são capazes de dar a vida, se preciso for, de levantar o mundo nos ombros só pra garantir que o filho possa continuar a brincar no chão da sala. São seres tão espetaculares que enfrentam o caos do mundo com um coque malfeito e uma xícara de café na mão.

São engenheiras de afetos, administradoras de contas, professoras de valores, que no mesmo dia fecham uma planilha no trabalho e abrem uma roda de conversa na hora do jantar.

Temos as mães que criam sozinhas! Essas são tempestades que aprenderam a chover e a colher ao mesmo tempo. São exércitos de uma só alma, que vão às guerras do cotidiano com a bolsa cheia de boletos, mas o coração carregado de esperança.

Sozinhas elas educam, protegem, ensinam o certo e o errado, com a firmeza de um

sermão e ao mesmo tempo com o carinho de um abraço apertado. Moldam o caráter com palavras doces e limites claros, e que ensinam que “por favor” e “obrigado” valem mais que ouro.

E tem àquelas mães que já viraram saudade!

Mães que hoje moram nas estrelas, que trocaram o abraço pelo vento, o cafuné pelo eco das lembranças. Essas mães são pontes entre saudade e sorriso, mas que a gente ainda é capaz de escutar àquela ‘vozinha’ dizendo: “Leva um casaco, não deixa a mãe preocupada”, mesmo quando faz 40 graus na sombra.

São mães que ainda ausentes, são extremamente presentes! Essas que a gente sente na brisa, no cheiro de um bolo, no silêncio da madrugada. São mães que nos deixaram o mapa do afeto, escrito em bilhetes, em receitas, em conselhos que no começo a gente

não quis ouvir, mas que hoje fazemos todo sentido.

E lembrando dessas mães, entre uma lágrima e outra, a gente ri... das vezes que ela mandava a gente sair com o guarda-chuva pois o céu estava fechado, e a gente desafiava o destino... só pra voltar ensoado pra casa e ouvir o clássico: “Não te disse? Mãe sabe, mãe sente!”

Sabe e sente mesmo!

Mãe sente o primeiro sinal de dor do filho, mãe sente o medo, ansiedade, sente o sonho pulsando no peito do filho ainda adormecido; sabem do medo que ele não confessa, do desejo que ele não ousa falar.

E que nunca nos falte o reconhecimento às mães que não puderam gerar, mas que pariram o amor com o coração. Mães do afeto escolhido, da entrega que não veio do sangue, mas da alma.

Elas mostram que ser mãe é verbo, é atitude, é renúncia, é acolhimento. São heroínas que também bordam famílias com linhas invisíveis, mas inquebrantáveis.

Então, nesse Dia das Mães, antes do buquê, do bombom,

da foto com legenda de efeito na internet... abrace essa mulher como quem segura o próprio universo. E se ela já partiu, fecha os olhos e agradece — porque mãe nunca vai embora; mãe fica, pra sempre! E como diz o ditado: “quem dera se por um descuido, mãe, Deus te fizesse eterna!”.

Se você ainda pode ouvir a voz da sua mãe, aproveite. Nem que seja pra ela dizer que você tá muito magro, ou muito gordo, ou que aquela pessoa que você tá namorando “não tem cara de quem presta”... mas aproveite! Porque, no fim das contas, mãe é a única pessoa no mundo que brigaria até com Deus só pra você ter mais cinco minutinhos de vida feliz.

Vamos encerrando nossa homenagem por aqui, pois, como diz o poeta Bráulio Besa “Nas três letras de Mãe tem tanto Amor que não há quem consiga descrever!”

E aos filhos, um conselho: se hoje sua mãe te ligar dizendo que teve um pressentimento... desliga o telefone e vai vestir o casaco.

Vai por mim.

Mãe sabe, Mãe sente!



artigo

AS CRIPTOMOEDAS E O BITCOIN – I

Gesmar José Vieira | Cadeira nº 20

Muito se fala e se discute sobre critérios de uma melhor forma de gerir recursos financeiros individuais ou de grupos de pessoas com vistas à construção de um futuro mais estável. Conhece-se que para atender tais expectativas existem técnicas especializadas e planejadas que se orientam para controle, poupança, investimento e alcance de equilíbrio entre o que se gasta e o que se pode obter diante de metas financeiras que garantem estabilidade patrimonial ao longo da vida. O objetivo dessa matéria é o de dar conhecimento sobre operações, mais tradicionais, que permitem gestões de recursos de riscos em modalidades especiais.

Entre as diversas formas de investimento e seus riscos, se inserem as criptomoedas, denominação genérica atribuída às moedas digitais criadas, administradas e partilhadas em redes com tecnologias de registro distribuído, denominadas de blockchain, cuja operacionalização se dá de forma compartilhada, com transações agrupadas em blocos interligados, operações, que aliadas aos elevados riscos,

traduzem segurança e transparência aos usuários de variadas aplicações.

Das regras acadêmicas para quem se deseja diversificar trata-se de um segredo para qualquer boa estratégia de investimento, o que é verdadeiro para quem se interessa pelo investimento nas criptomoedas. O conselho de especialistas em aplicações no mercado financeiro é sempre para que não coloquem todo o dinheiro em assemelhados ativos, cita-se entre as criptos, os bitcoins. Há milhares de opções, e o melhor é distribuir seus investimentos em variadas moedas.

A título de informação é importante destacar sobre a existência de trinta e cinco criptomoedas, entre as quais o Bitcoin, Ethereum, Tether, USD Coin, Polygon, Chainlink, Solana e a Ripple, as quais se encontram disponíveis para os aplicadores. A criptomoeda do governo brasileiro, emitida pelo Banco Central do Brasil, é chamada de Drex.

O Drex se trata de uma versão digital da moeda Real, emitida pelo Banco Central do Brasil. É importante observar que na sua definição não se trata,

especificamente, de uma criptomoeda no sentido tradicional, mas sim uma moeda digital, existente em ambiente online, com garantia do Banco Central, cujo valor é o mesmo do Real físico. A sigla Drex refere-se, conforme informações da autoridade monetária, a “Digital”, por existir no meio eletrônico; “Real”, moeda oficial do Brasil; “Eletrônico”, moeda virtual; e por fim tem-se “conexão, por se associar à ideia de Conexão, com vínculo à tecnologia de registro disponível, além da modernidade eletrônica.

A tecnologia que possibilita a existência do Bitcoin, que se trata da Criptomoeda de maior destaque, é a Blockchain, que conforme a literatura e especializada, se refere “a um sistema de registro digital que organiza informações em blocos interligados, formando uma cadeia”. É sabido que essa tecnologia permite segurança, transparência e promete confiabilidade às transações realizadas com o Bitcoin e outras aplicações.

O Bitcoin surgiu pela primeira vez em fóruns anônimos da internet voltados à criptografia, após o momento propício que foi o pós-crise de 2008. Seu criador, “Satoshi Nakamoto”, utilizou de pseudônimo e a identidade da pessoa responsável ou do grupo de pessoas, nunca foram revelados. Inaugurou-se a classe de um “criptoativo” ou “criptomoeda” por ser a primeira de fato a adquirir uma certa valorização

por parte dos usuários. Adotou-se diversas tecnologias que existiam até o momento como soluções para um dinheiro digital privado, assim como Milton Friedman previu em vida.

Para FRIEDMAN (1999), “A única coisa que falta, mas que em breve será desenvolvida, é um e-cash (dinheiro eletrônico) confiável. Um método em que comprar na Internet você pode transferir fundos de A para B, sem que A conheça B ou B conheça A. A maneira pela qual eu posso tomar uma nota de 20 dólares e entregá-la para você e não há registro de onde veio. E você pode obter isso sem saber quem eu sou. Esse tipo de coisa vai se desenvolver na Internet”.

O lançamento da criptomoeda ou ativo como se quer mencionar foi precedido de divulgação de normativo indicando a funcionalidade como moeda digital descentralizada. Após conhecimento público nos fóruns online com os usuários de tecnologia que acompanhavam o lançamento da criptomoeda, o criador desapareceu das redes de internet, fato que deu em dezembro de 2010, e assim até então não se tem notícia do responsável pela ideia da blockchain e da criptomoeda. Sobre a criptomoeda ainda restam dúvidas, porém seus criadores o traduzem como sendo “dinheiro eletrônico que permite pagamentos online, pessoa a pessoa, sem a necessidade de intermediação por instituições financeiras”.

Continua na próxima edição...



artigo

A CALÇADA DA ILUSÃO

Paulo Azeredo | Colaborador

A manhã se revela, suave e silenciosa, como um suspiro da própria natureza. A luz, que se derrama lentamente sobre o mundo, é como um delicado toque nas mãos do tempo. No interior da casa, os passos ecoam com o mesmo ritmo de sempre: um café que se prepara, uma rotina que se desenrola. E, no entanto, por trás desse simples cotidiano, há algo que desperta a mente, como se o próprio universo nos sussurrasse uma pergunta antiga: o que é a vida?

O vento, que brinca com as folhas secas lá fora, parece dançar na fronteira entre o real e o imaginado. As folhas, como pequenas marionetes do destino, flutuam sem rumo, levando consigo os ecos de uma verdade incerta. Cada movimento delas no ar é como um lembrete da efemeridade de tudo: os momentos que passam, os gestos que repetimos, as dúvidas que alimentamos.

E então, na calmaria do instante, a reflexão começa a tomar forma. O que é, afinal, real? O que é o cotidiano senão uma sucessão de gestos que, à primeira vista, parecem concretos, mas que, no fundo, podem ser tão volúveis quanto os ventos que empurram as folhas? A rotina, com sua aparente rigidez, parece nos envolver como uma teia invisível, conduzindo-nos a acreditar que estamos no controle. Mas será que estamos? Ou será que, como as folhas ao vento, somos conduzidos por algo maior, uma força invisível, cujas linhas de direção são tão fluidas quanto os próprios sonhos que temos?

Neste ponto, a mente se volta para as palavras de René Descartes: “Penso, logo existo”; ele nos ensina que, ao duvidarmos de tudo, ao questionarmos até a própria realidade, é precisamente esse ato de pensar, que afirma nossa existência. O pensamento é

a única âncora que podemos lançar em um mar de incertezas, e, paradoxalmente, é nele que encontramos a confirmação de nossa realidade. A dúvida, que poderia ser um abismo, torna-se, então, a escada que nos eleva, pois é nela que encontramos a nossa própria verdade.

Mas o que é a realidade, senão uma construção de nossa mente? Não será o que chamamos de “real” apenas uma camada daquilo que desejamos ou tememos? E, ao projetarmos nossas ilusões sobre o mundo, não estaremos apenas tecendo, com os fios do desejo, uma fantasia que, em sua essência, nos é tão familiar quanto o ar que respiramos?

A fantasia, então, longe de ser um mero escapismo, pode ser a chave que nos permite enxergar o mundo de uma maneira que, talvez, a realidade crua não possa oferecer. O cotidiano nos

ensina isso: na repetição dos gestos e nos pequenos detalhes, há sempre algo de novo, algo que escapa, algo que, por mais que tente, a razão não consegue explicar. O cotidiano, com seus pequenos gestos, serve como um palco onde a fantasia e a realidade se encontram e se desenrolam de forma sutil e imprevisível.

Nosso olhar, muitas vezes em busca de certezas, descobre que as respostas, ao contrário do que imaginamos, não estão no concreto, mas nas interrogações que surgem a cada esquina da vida. O real e o ilusório, o palpável e o etéreo, coexistem, e é nesse entrelaçar que encontramos a nossa existência. Talvez a vida seja, como o cotidiano, feita de repetições, mas também de surpresas. Cada dia é uma tela em branco, pronta para ser pintada com as cores de nossas experiências, e a cada movimento, a cada pensamento, nos questionamos: o que é real, o que é sonho? E, no fundo, percebemos que essa dúvida, que tanto nos inquieta, é a própria razão da nossa jornada. Não há resposta definitiva, talvez, mas é nessa constante busca que a vida, em sua dança suave, se revela.



sensibilização

UM NOVO ESTILO DE VIDA

Absaí Gomes Brito | Cadeira nº 18

Este é o testemunho:

Deus nos deu a vida eterna, e essa vida está em seu filho. Quem tem o filho, tem a vida; quem não tem o filho de Deus, não tem a vida. (1 João 5: 11 e 12)

O autor do livro CAFÉ COM DEUS PAI – Porções Diárias de Renovação, Pastor Junior Rostirola, falando a respeito dos dias presentes e como título acima, escreveu: “Nos tempos antigos, pessoas eram privadas de sua liberdade pela escravidão.

Contudo, a escravidão ainda vigora em nossos dias! Você mesmo pode ser escravo, sem o saber.

O medo escraviza. Quantas coisas você gostaria de fazer, mas não faz por causa do medo? O medo é mais sutil e mais socialmente aceito, até mesmo entre os cristãos, porque é discreto em manter as pessoas presas. De modo semelhante a uma serpente que rasteja em meio à grama alta para abocanhar o calcanhar de sua vítima, o medo inocula seu veneno paralisante em nossas veias.

Entretanto, você pode quebrar de vez os grilhões do medo e ser livre por meio de Jesus. Ele veio para nos trazer liberdade. Jesus tem a chave para destravar todas as prisões do medo nas quais você tem vivido.

Precisamos conquistar um estilo de vida sem medo. É trabalhoso, mas, acredite, é recompensador. Em vez de ficar focado no medo e em tantas preocupações existentes em nossa vida, eu o encorajo a encontrar passagens na Bíblia que fortaleçam a sua determinação de enfrentar o Inimigo.

A Palavra de Deus é poderosa para derrubar fortalezas. Quando o Diabo tentou Jesus no deserto, Jesus o venceu pela Palavra. Se tivermos a Palavra em nosso coração, nós também venceremos”.

Como estamos usando, no dia a dia, a Palavra? Encontramos no

Moderno Dicionário de Língua Portuguesa, de Michaelis-2000, algumas definições sobre a Palavra, entre as quais temos:

“P, secreta: na maçonaria, palavra que se impõe aos adeptos e que é enunciada letra por letra; o que é interrogado a primeira letra, o que é interrogado, a segunda, e assim por diante”, e mais? “P. de passe: na maçonaria, espécie de ordem que o neófito recebe a entrada do templo antes do início dos trabalhos e que deve transmitir ao ouvido do irmão vigilante.”

Percebemos que vocábulo Palavra tem poder e eficácia e deve ser usado com prudência e moderação, com o intuito de instruir e não destruir.

Como estamos usando em nossas atividades maçônicas?



saúde & tecnologia

O DOUTOR ALGORITMO ESTÁ DE PLANTÃO

José Henrique Bizzoto | Colaborador

Outro dia, cheguei à clínica e, em vez do tradicional bom dia da recepcionista, fui recebido por uma tela que me chamou pelo nome. “Seja bem-vindo, José”, dizia o visor, enquanto uma voz suave perguntava se eu queria atualizar meu histórico clínico. Inteligência artificial – agora ela

também sabe que eu odeio exames de sangue. A verdade é que a IA já não é mais promessa futurista; ela invadiu os corredores dos hospitais, sentou-se ao lado dos médicos e até tenta adivinhar nossas dores antes que elas virem sintomas. Seu currículo é invejável: interpreta imagens médicas com uma precisão

cirúrgica, antecipa surtos de doenças por meio de padrões ocultos e até sugere tratamentos com base em milhares de prontuários. Se fosse um residente de medicina, já teria ganhado medalha de honra ao mérito.

Mas como toda celebridade recente, a IA também carrega suas polêmicas. Afinal, por mais brilhante que seja o algoritmo, ele ainda não sabe ouvir com empatia o desabafo de um paciente assustado. Não segura a mão trêmula antes de uma cirurgia nem traduz o silêncio de quem teme o diagnóstico. E sejamos honestos: por mais que prometa precisão, ela depende de dados bem alimentados – e nem sempre nossas

redes de saúde oferecem banquetes de informação confiável.

A tecnologia tem pressa. Ela quer aprender tudo, corrigir tudo, prever tudo. Mas a saúde, bem... a saúde ainda é feita de espera, de subjetividades, de humanos cuidando de humanos. Há uma beleza em ouvir o coração com um estetoscópio de verdade, em vez de ouvir o diagnóstico de uma máquina que nunca ficou gripada.

Então, entre o estetoscópio e o chip, talvez o melhor caminho seja a convivência. Deixe o doutor algoritmo fazer os cálculos. Mas que nunca se esqueça: quem cuida de gente, ainda é gente.



ciência & saúde

ATIVIDADE FÍSICA NO COMBATE AO CÂNCER

Bráulido Brasil | Colaborador, Fisioterapeuta Intensivista e Gestor em Saúde

A atividade física tem se consolidado como uma aliada no tratamento do câncer, contribuindo não apenas para a melhoria da qualidade de vida dos pacientes, mas também para a eficácia dos tratamentos oncológicos. Estudos realizados por instituições renomadas, como o Instituto do Câncer de São Paulo, demonstram que a prática regular de exercícios físicos pode melhorar a resposta à quimioterapia e reduzir os efeitos colaterais associados ao tratamento. Os especialistas recomendam que os pacientes realizem entre 180 e 200 minutos de atividade aeróbica por semana, o que equivale a cerca de 30 minutos diários, cinco vezes por semana.

Além dos benefícios diretos relacionados ao tratamento, a atividade física desempenha um papel crucial na prevenção do câncer. Pesquisas indicam que a prática regular de exercícios pode reduzir em até 7% a probabilidade de desenvolvimento de diversos tipos de tumores. Isso se deve ao fato de que a atividade física ajuda a regular os níveis hormonais, melhora a função imunológica e promove um equilíbrio saudável entre massa muscular e gordura corporal, fatores que são fundamentais na prevenção do câncer.

Assim, a incorporação de exercícios na rotina diária não é apenas uma estratégia de enfrentamento, mas também uma medida preventiva eficaz.

É importante ressaltar que a atividade física deve ser adaptada às condições específicas de cada paciente. Antes de iniciar qualquer programa de exercícios, é essencial que os pacientes consultem seus médicos para receber orientações personalizadas.

Essa abordagem garante que a prática de atividades físicas seja segura e benéfica, respeitando as limitações e necessidades individuais durante o tratamento oncológico.

Além disso, a inclusão de atividades que proporcionem prazer, como dança ou natação, pode aumentar a adesão e o engajamento dos pacientes, tornando o processo mais agradável.

Portanto, a promoção da atividade física no contexto oncológico deve ser vista como uma estratégia multidisciplinar, envolvendo não apenas oncologistas, mas também fisioterapeutas e educadores físicos. A criação de ambientes que incentivem a prática de exercícios, como espaços adequados em hospitais e clínicas, pode facilitar a adesão dos pacientes a essa importante prática.

Sendo assim, a atividade física não deve ser encarada apenas como um complemento ao tratamento, mas como um pilar fundamental na luta contra o câncer, contribuindo para a recuperação e a qualidade de vida dos pacientes. Seja ativo e com prescrição.



crônica

A MAÇONARIA DE NOSSA TERRA

Breno Alves de Oliveira | Colaborador

Há cidades que nascem com alma, com aquele algo invisível que sustenta o concreto, os telhados, os passos e os sonhos. Acreúna é uma dessas cidades. No último 14 de maio, ela completou 49 anos — madura, vibrante, cheia de histórias que não cabem em um livro só. Quem vive aqui sabe: Acreúna é feita de gente que constrói com as mãos, com o coração e com a fé.

Mas há uma pedra fundamental que ajudou a erguer não só os prédios, mas os valores da nossa cidade: a Loja Maçônica Igualdade e União do Brasil, nº 2035, que completa 46 anos quase no mesmo compasso da cidade que a abriga. Como que em um pacto silencioso, ambas cresceram lado a lado — uma cuidando das ruas e das praças, a outra zelando pelas virtudes que moldam cidadãos.

Dentro daquelas colunas discretas, sustentam-se nomes que marcaram a história de Acreúna em todos os seus cantos — na política, no comércio, no campo, na vida pública. Homens que, à luz dos princípios maçônicos, trabalharam pelo bem comum, muitas vezes no silêncio, mas com firmeza. A creche Maria Ângela de Azevedo Assunção é um desses frutos. Por anos foi a única da cidade, e mesmo hoje, continua firme, graças a uma parceria que une a filantropia da Loja ao compromisso do poder público. Mais de 100 crianças vivem essa herança diariamente.

E como esquecer das campanhas do agasalho, dos bingos solidários, das arrecadações silenciosas

em tempos de urgência? A Maçonaria de nossa terra nunca foi apenas rito e reunião: sempre foi ação. E em cada gesto, um lembrete de que a construção de uma cidade não se faz apenas com cimento, mas com fraternidade.

Celebrar Acreúna é, também, celebrar a Loja Maçônica Igualdade e União do Brasil — que, há 46 anos, ao lado do Grande Oriente do Brasil e sob os princípios do Rito Escocês Antigo e Aceito, escreve junto conosco os capítulos de uma cidade que pulsa com orgulho, trabalho e esperança. Parabéns, Acreúna. Parabéns, Irmãos. Que venham os próximos degraus — com sabedoria, justiça e união fraternal!



opinião

ASSUNTOS SENSÍVEIS A SEREM MELHOR TRATADOS NA NOSSA ORDEM

Carlos Roberto Neri Matos | Membro Honorário

A resistência é enorme dos antigos maçons que acham que sabem demais. Na realidade poucos sabem muito de acordo com seu grau dentro da maçonaria. Dentre vários aspectos citamos apenas alguns a serem melhor enfrentados ou encarados.

É necessário espiritualizar mais nas sessões e estudar mais, revendo em todas elas partes dos rituais. Boa parte dos obreiros entenderam essa necessidade, mas aqueles maçons de aluguel e os que querem ser o donos da Loja, não. A frequência é algo deixado meio de lado, poucos não entendem a importância da presença e da troca de experiências. Eu, particularmente prefiro uma Loja cheia do que uma Loja onde tenhamos mais pagadores de mensalidades do que presentes nas sessões. Embora uma Loja com inadimplentes seja terrível. Essa é uma encruzilhada complicada.

Falta ainda aos gestores da loja um pouco mais de coragem para encarar as sessões de instruções de mestre. Sei lá, parece que têm resistências as melhorias via estudo. É melhor fazer do que não fazer. Aí ficam sempre recorrendo a autoridades especialistas no assunto e nunca fazem. Outra coisa que precisamos melhorar sensivelmente é a qualidade das sindicâncias, conforme nossa Constituição. Vimos, por diversas vezes no andar dos anos, sindicâncias feitas de forma açodadas, sem o devido critério. Aí o “irmão” é empurrado até mestre sem a mínima condição ou ele se acomoda e vira mestre maçom de aluguel após sua exaltação ou o que é não menos pior aumenta a evasão por falta de interesse e/ou suporte diversos.

Outro assunto muito sensível nas Lojas são os grupos de WhatsApp, principalmente quando se

trata das questões políticas. É que pelas nossas legislações, não são permitidas discussões sectárias. Mas e quando o sistema político dominante é diametralmente contra muitos dos dogmas que a Ordem prega a séculos? Como agir? É ficar inerte e sequer expressar o seu descontentamento, já que quem assim faz é tido como desarmonioso, mesmo se sua opinião for em favor do respeito aos dogmas. Em função da posição muitas das vezes amorfas de nossas potências, pois preferem se calar à defender nossos ensinamentos, ficamos na maioria das vezes à deriva. E cada gestor é que tem de se virar para contornar essas incongruências.

Ainda sobre o WhatsApp temos a crescente adoção das comunicações maçônicas por este meio, fato que ainda não é uma unanimidade e precisaria, por exemplo, ser melhor esclarecido pelas altas cúpulas de nossas potências.

Só ponderei a respeito dessas poucas coisas, para que ao menos pensemos a respeito de que ainda falta muito para se trilhar pelo caminho do real aperfeiçoamento, estudos e de uma unidade de direcionamento. Muitos acham ainda que a maçonaria é um clube social. As festas e as confraternizações fazem parte, mas não deveria ser a principal razão de nossas reuniões.



sensibilização

A CULTURA QUE CONSTRUÍMOS NA LOJA

Murilo Barros | Colaborador

Irmão, já parou para pensar como é o clima da sua Loja? Não o clima físico — mas aquele que se sente no ar, nas atitudes, nos olhares, nos bastidores e nos rituais. É difícil descrever, mas fácil de perceber. Isso tem nome: **cultura**. A cultura é o conjunto de práticas, hábitos, valores e comportamentos que acontecem mesmo quando ninguém está olhando. Ela não está escrita em nenhum painel, mas está impressa em tudo que fazemos — e no modo como fazemos.

Cultura se constrói. Ou se aceita.

Toda Loja tem uma cultura. A pergunta é: **estamos construindo a cultura que queremos... ou apenas aceitando a que se formou por acaso?** Se sua resposta for a segunda, este texto é para você. E mesmo que seja a primeira... continue. Sempre há o que lapidar.

A cultura do informal que une. Vamos começar com algo simples. Quantos encontros fraternais você teve este ano com os irmãos, fora do ritual?

Não falo de sessões. Falo de cafés, churrascos, ligações, caminhadas, rodas de conversa, visitas. A **fraternidade não nasce na formalidade**. Ela é sem jaleco, sem paramento, sem tempo cronometrado.

Cultura se cria com repetição. Se fizermos encontros informais com frequência, logo será natural. E quando é natural... é verdadeiro.

A cultura da sabedoria na condução democrática. Sabemos que toda Loja precisa tomar decisões — algumas simples, outras mais delicadas.

E muitas vezes, para o bom andamento dos trabalhos, a diretoria já vem amadurecendo esses temas previamente. Mas ainda assim, a forma como são levados à Loja faz toda a diferença.

Já parou para pensar como seria se cada decisão parecesse brotar do coletivo, mesmo quando já estava sendo construída nos bastidores? Isso é arte. Isso é condução com sabedoria. “A verdadeira liderança não grita, não impõe. Ela conduz com leveza, até que todos a sigam sem perceber.” Criar uma cultura de participação, escuta e diplomacia fortalece a Loja, e engrandece quem a lidera. Não é sobre ceder... é sobre fazer com que todos se sintam parte.

A cultura da preparação natural para liderar. Assumir o Oriente é uma honra. Mas também é um processo que pode — e deve — começar muito antes da instalação.

Uma reflexão aberta sobre o invisível que nos molda

Não existe um único caminho, mas há práticas que despertam o instinto de liderança nos Irmãos: Estar presente nas Assembleias Gerais; Participar das visitas a outras Lojas; Ajudar o Venerável Mestre atual na organização de eventos; Convidar profanos, acompanhar candidatos; Ser discreto, mas firme. Observador, mas atuante.

Esse tipo de dedicação não passa despercebido. Naturalmente, a Loja começa a ver naquele Irmão alguém que está pronto. Alguém que já está liderando, mesmo sem ter sido instalado. Essa cultura valoriza o mérito, o esforço e o compromisso — e prepara a sucessão como deve ser: leve, natural e inspiradora.

Assim, **os irmãos não apenas votam nele. Eles desejam vê-lo à frente.**

A cultura da excelência na formação. A forma como preparamos o futuro maçom revela muito da nossa cultura.

Você já viu candidatos que não sabiam o que estavam fazendo ao entrar? A culpa não é deles. É nossa.

Se exigirmos pouco, receberemos pouco. Mas se criarmos um ambiente de estudo, presença, responsabilidade e compromisso... então, desde o primeiro

passo, o futuro irmão entenderá que a **Maçonaria é um lugar de conquista, e não de conveniência**. Façamos visitas. Apliquemos sabatinas. Demos textos, perguntas, tarefas. Façamos o candidato **sentir o peso do que está prestes a viver**.

A cultura do reconhecimento silencioso. Você já reconheceu algum irmão por sua dedicação? Alguém que esteve 100% presente? Que visitou dezenas de lojas? Que ajudou em todas as iniciações? Muitas vezes, esses irmãos passam despercebidos. Mas a cultura muda quando o esforço é reconhecido — mesmo com um simples certificado, uma menção em sessão, um “obrigado” sincero.

Onde há reconhecimento, há motivação. A cultura da preparação impecável. Você já participou de uma sessão magna onde tudo saiu “mais ou menos”? Improviso, papéis esquecidos, atrasos, falas trocadas...

Sessões magnas exigem ensaios. No plural. **Dois. No mínimo.**

O primeiro para alinhar, o segundo para refinar.

Quando todos sabem o que fazer, o ritual flui. E quando o ritual flui, o sagrado se manifesta.

Cultura é hábito com alma.

Irmão, ao ler essa prancha, peço que se faça algumas perguntas:

Que tipo de cultura minha Loja tem incentivado?

Como eu, como pedra viva desta construção, posso contribuir?

O que posso começar a fazer — ainda hoje — para transformar o ambiente ao meu redor?



artigo

A RELEVÂNCIA DA UNIÃO NA MAÇONARIA E O COMBATE À POLÍTICA NO MEIO MAÇÔNICO

Guilherme Freire Fonseca | Colaborador

A união é um valor essencial dentro da Maçonaria, constituindo-se como a base sobre a qual se constrói a verdadeira fraternidade entre os irmãos. A Ordem Maçônica, sendo uma instituição que preza pela elevação moral, espiritual e intelectual do ser humano, reconhece que nenhum progresso individual ou coletivo pode ser alcançado sem a união sincera e o esforço conjunto de seus membros.

Essa união, no entanto, não é apenas simbólica ou protocolar — ela exige compromisso com o respeito mútuo, com a escuta atenta, com o diálogo fraterno e, acima de tudo, com a tolerância. Irmãos vindos de diferentes culturas, crenças e posições sociais encontram

no templo um espaço sagrado, livre das divisões que tanto afetam o mundo profano. Lá, todos são iguais, todos trabalham em prol de um mesmo ideal: o aperfeiçoamento humano e a construção de uma sociedade mais justa.

É nesse contexto que se entende o motivo pelo qual a Maçonaria combate firmemente a introdução da política partidária em seu seio. A política, em seu sentido mais comum e contemporâneo, está frequentemente carregada de paixões, disputas, interesses particulares e ideologias que dividem. Permitir que essas questões invadam os trabalhos maçônicos seria romper com a neutralidade e a serenidade que o ambiente exige, comprometendo a harmonia e a união entre os irmãos.

A Maçonaria não se omite diante dos grandes temas sociais ou das responsabilidades cívicas do homem. Ao contrário, incentiva seus membros a serem cidadãos ativos, conscientes e comprometidos com o bem comum. No entanto, essa atuação deve ocorrer fora do templo, no mundo profano, onde cada maçom tem liberdade para seguir suas convicções políticas, desde que estas não sejam trazidas para dentro da Loja.

A proibição da discussão político-partidária dentro da Maçonaria não é um sinal de omissão, mas de sabedoria. Trata-se de proteger o espaço sagrado da Ordem de disputas que podem enfraquecer a fraternidade e gerar cisões irreparáveis. A Loja deve ser um local de

elevação, onde se constroem pontes e não muros, onde se cultivam virtudes e não antagonismos.

Manter a união, portanto, é preservar o espírito da Maçonaria. E isso só é possível quando os irmãos compreendem que, embora pensem de forma diferente fora do templo, dentro dele compartilham uma mesma Luz. É essa consciência que fortalece a Ordem, dá sentido ao trabalho maçônico e assegura a perenidade dos seus princípios.

União, respeito e neutralidade política não são apenas normas — são fundamentos que sustentam a Maçonaria em sua missão maior: formar homens livres e de bons costumes, comprometidos com a paz, a justiça e a fraternidade universal.



tempo de estudo

A HARMONIA NA MAÇONARIA

Petronilho Alves Moura | Adjunto – Cadeira nº 21

A harmonia é um dos pilares fundamentais da Maçonaria, sustentando a convivência fraterna entre seus membros e refletindo os princípios essenciais da Ordem. Mais do que a simples ausência de conflito, a harmonia maçônica representa a construção consciente de um ambiente de respeito, compreensão e cooperação entre irmãos que, embora diferentes em suas crenças, origens e experiências, compartilham ideais

comuns de aprimoramento moral, intelectual e espiritual. O interior do templo maçônico, a harmonia manifesta-se na forma como os trabalhos são conduzidos: com ordem, disciplina e espírito de fraternidade. Cada maçom é chamado a deixar fora do templo as paixões pessoais, os preconceitos e as vaidades, trazendo para dentro de si o compromisso com o bem coletivo e com o progresso da humanidade. Essa atitude consciente contribui

para um ambiente propício ao crescimento mútuo e ao desenvolvimento de virtudes como a tolerância, a humildade e a paciência.

A busca pela harmonia também está simbolicamente representada nos rituais, nas ferramentas e nos ensinamentos da Maçonaria. O compasso e o esquadro, por exemplo, remetem à retidão de caráter e à moderação, qualidades indispensáveis para manter relações equilibradas. O silêncio, a escuta atenta e a palavra medida são práticas que favorecem o entendimento e a união entre os irmãos, permitindo que ideias diferentes coexistam sem rupturas.

Em um mundo frequentemente marcado por divisões e confrontos, a

Maçonaria oferece, por meio da harmonia, um exemplo de convivência baseada na ética, na solidariedade e no respeito à diversidade. Manter a harmonia dentro da Ordem é, portanto, um dever contínuo de cada maçom, não apenas como uma prática interna, mas como um reflexo do trabalho que se busca realizar no mundo profano: a construção de uma sociedade mais justa, equilibrada e fraterna.

Assim, a harmonia na Maçonaria não é um fim em si mesma, mas um meio poderoso para que os ideais da Ordem floresçam plenamente. Ela é o solo fértil onde germinam a sabedoria, a força e a beleza — tríade que guia os maçons em sua jornada rumo à Luz.



saúde & psicologia

O CAMINHO É LONGO

Lindonor Ribeiro dos Santos | Colaborador

Vá o mais longe que puder, mas nunca esqueça de onde veio. Tente enxergar além das sombras. Ergue-te com honra, age com retidão e caminha com humildade.

A vida nos prega surpresas boas e agradáveis, porém pode surgir contratempos. Só depende da sua visão

de mundo e de conhecimentos que adquirimos com as nossas experiências de vida. É muito importante seguir atento a tudo e a todos, não se pode descuidar de nada, pois poderá ser tortuoso esse caminho. Que a luz que te foi confiada não se apague na vaidade, seu silêncio inspira

o exemplo que não precisa de insígnias. Ser bom é fácil, difícil é ser justo.

Quanto menos você responder à pessoas negativas, mais paz você terá na sua vida. Se a palavra é de prata, o silêncio é de ouro. Não se distraia, você tem muitas bocas para serem caladas. Quem estuda e busca novos conhecimentos, não depende da sorte. Se é a perfeição que você busca, comece cultivando a justiça dentro de si.

Um Maçom é escolhido entre os homens livres e de bons costumes, com a missão de construir um mundo melhor.

Todavia existe um longo caminho a percorrer, e nesse caminho existem pedras e obstáculos, mas cabe a você trilhar no caminho que te conceda bons momentos e lugares virtuosos.

Alguns exemplos podem ser seguidos, a humildade e caridade somados com amor, pode ser o seu caminho.

Procure deixar de lado a vaidade e o orgulho bobo, são situações que verdadeiramente causarão atrasos no seu caminho. Podemos traduzir tudo isso em nosso lema cotidiano, TFA, ou seja Trabalho, Fraternidade e Amor.



opinião

A TEORIA DA CEGUEIRA DELIBERADA E O ENTENDIMENTO JURISPRUDENCIAL PARA OS CRIMES TRIBUTÁRIOS

Marcelo Bareato | Colaborador

A teoria da cegueira deliberada remonta à decisão inglesa de 1861, no famoso caso Regina V. Sleep, no qual a cegueira intencional foi equiparada ao conhecimento do fato. Nos Estados Unidos, a Suprema Corte consolidou sua aplicação no julgamento Spurr v. United States (1899). A partir da década de 1970, a teoria passou a ser amplamente utilizada nos EUA em casos de tráfico de drogas.

No Brasil, os tribunais começaram a aplicar essa teoria por influência da Corte Espanhola, destacando-se o Assalto ao Banco Central (2005) e o Caso Mensalão, ambos envolvendo lavagem de dinheiro. Com o tempo, seu uso se expandiu para crimes como tráfico de drogas, contrabando e descaminho, sempre com o intuito de punir crimes dolosos, nos quais os acusados alegam desconhecimento dos fatos relacionados ao crime.

A cegueira deliberada é um conceito jurídico que se refere à situação em que um indivíduo opta por permanecer ignorante sobre informações relevantes, frequentemente para evitar responsabilidades

legais. No contexto dos crimes tributários, a aplicação da teoria se torna significativa diante da crescente pressão governamental sobre consultores tributários envolvidos em práticas de evasão fiscal.

A determinação da intencionalidade nesses casos exige que a acusação prove que o indivíduo violou conscientemente seu dever legal. Essa questão é agravada pela tendência de expansão do conceito para outras áreas do direito, como legislações antiterrorismo, ampliando o escopo da responsabilização penal.

Nos tribunais estrangeiros, a aplicação da cegueira deliberada às questões tributárias tem sido debatida intensamente. O caso Cheek v. United States exemplifica como a defesa da ignorância pode ser rejeitada quando há evidências de que o indivíduo evitou intencionalmente conhecer a ilegalidade de suas ações.

No Brasil, decisões judiciais apontam para uma abordagem similar – Crimes contra a ordem tributária e o dolo eventual: • O tipo penal do artigo 1º da Lei nº 8.137/90 não exige o dolo específico, mas o dolo genérico de suprimir ou

reduzir o tributo devido, mediante pelo menos uma das condutas ali descritas. Situação específica destes autos em que se constata, na melhor hipótese, conduta animada pelo dolo eventual, ou seja, assumindo-se o risco de produzir o resultado previsto pela lei penal. (TRF3. Apelação Criminal – 36766. J. 04.08.2011); • Ademais, no caso dos autos, considerando que o réu tinha acesso à escrituração contábil da empresa que gerenciava, e que possuía conhecimento na área fiscal, bem como diante do elevado número de antecedentes criminais que possui, o que lhe exigiria maior cautela quanto à apuração dos tributos devidos, restou configurado, no mínimo, o dolo eventual. (TRF3. Apelação Criminal – 35365. J. 24.07.2013)

Não por menos, o fenômeno mission creep também se manifesta no Brasil, onde legislações originalmente destinadas ao combate ao terrorismo começam a ser aplicadas a crimes tributários. A responsabilidade dos profissionais de contabilidade e consultores fiscais tem sido intensificada por normativas rigorosas,

que requerem a prova de intencionalidade deliberada na violação da lei tributária.

A crescente colaboração entre Estados e Governos, como o COSUD (Protocolo de Intenções entre os Estados da Região Sul e Sudeste, de outubro de 2023), reforça essa tendência de interpretação expansiva das obrigações dos contribuintes.

Nosso artigo de hoje tem como objetivo mostrar que a aplicação da teoria da cegueira deliberada nos crimes tributários levanta desafios jurídicos e éticos. A criminalização da omissão intencional pode levar a distorções na justiça, comprometendo garantias legais tradicionais.

É certo que, com os avanços tecnológicos e o aumento das capacidades de fiscalização, as direções futuras devem considerar abordagens mais equilibradas, incluindo a ampliação da educação fiscal e da transparência. Garantir equidade na aplicação da cegueira deliberada é essencial para um sistema tributário justo e eficaz.



artigo

LUZ E ILUMINAÇÃO

Eleutério Nicolau da Conceição | Colaborador

As palavras “Luz” e “Iluminação”, assim como muitas outras, têm mais de um significado. Uma é a luz física, seja natural, das estrelas ou artificial produzida pelo homem. Mas luz também significa entendimento, razão, compreensão. Quando alguém diz: “me dá uma luz aqui neste assunto”, não está pedindo uma lanterna, mas uma explicação.

Quando a Bíblia diz “Lâmpada para os meus pés é a tua palavra e luz para o meu caminho” (Sl 119,105), refere-se novamente à instrução, esclarecimento. Quando Buda, sentado embaixo de uma árvore sente-se iluminado, não foi pelo súbito aparecimento do sol, mas pelo raiar da compreensão intelecto/espiritual sobre a natureza da vida. A multiplicidade de significados tem provocado equívocos. Quando “a luz é dada ao neófito” na cerimônia de iniciação, a luz física do momento representa o acesso que a partir daquele instante ele terá aos princípios e conhecimentos maçônicos.

Diferente é o significado e a experiência daquele que passa pela catarse psico/espiritual do “Novo Nascimento” Cristão, que ao esvaziar-se de si mesmo é preenchido pelo espírito divino, “estava em trevas e agora vê a luz”. Vê a si mesmo e ao mundo “sob nova luz”. “Vi as coisas antigas como se fossem novas, e meus olhos também estavam novos”.

Assim também, de certa forma todas as antigas iniciações buscavam “levar o iniciado para a luz” de seus particulares ensinamentos.

Devemos procurar entender os profundamente diferentes significados da palavra luz em cada caso, sob pena de não alcançarmos a compreensão correta e ficarmos “no escuro” com relação a este tema.

Todos os equívocos e confusões existentes quanto as definições da natureza do Ser, da vida e do cosmos devem-se as diferentes gradações da iluminação psico/intelectual que cada um alcança, que vai da completa escuridão, passa por vários graus de penumbra, até alcançar a raríssima compreensão da plena luz.

Em geral nossa compreensão não é precisa, pois é um processo que ocorre no interior de nossa “mente”: o evento, fenômeno, objeto externo precisa ser traduzido por nosso sistema psíquico, e o resultado dessa tradução é o que chamamos de “compreensão”.

Logo, ela depende de nosso particular acervo de conhecimentos e experiências prévias.

Teríamos condições de entender algo completamente novo, sem qualquer referência ou semelhança com o que já é conhecido? Vemos tudo envolto pelos véus das definições, conceitos, palavras e da cultura vigente. Por isso podemos brincar com as palavras e dizer que a verdade é sempre “revelada”: re-velada, envolta em novos véus, nunca a vemos “desvelada”, o que significaria ter acesso à compreensão total, completa, da plena luz.

A plena luz é privilégio de poucos, se é que existe hoje alguém que já tenha alcançado esse nível.



crônica

CAMÕES: O EPOPEU DE UMA ALMA ERRANTE

Geraldo Marcelo lemos Gonçalves | Colaborador

Lúis Vaz de Camões (Figura 01), provavelmente nasceu em Lisboa no ano 1524. Faleceu na mesma cidade em 10 de junho de 1579 ou 1580. Foi o poeta nacional de Portugal, considerado uma das maiores figuras da literatura lusófona e um dos grandes poetas da tradição ocidental.

Pouco se sabe com certeza sobre a sua vida. Aparentemente nasceu em Lisboa, de uma família da pequena nobreza. Sobre a sua infância tudo é conjectura, mas ainda jovem, teria recebido uma sólida educação nos moldes clássicos, dominando o latim, a literatura e a história antiga e moderna.

Pode ter estudado na Universidade de Coimbra, mas sua passagem por lá não é documentada. Frequentou a corte de D. João III, iniciou a sua carreira como poeta lírico e envolveu-se, como narra a tradição, em amores com damas da nobreza e possivelmente plebeias, além de levar uma vida boémia e turbulenta.

Fonte: Imagem gerada por IA



Diz-se que, por conta de um amor frustrado, auto exilou-se na África, alistado como militar, onde perdeu um olho em batalha. Voltando a Portugal, feriu um servo do Paço e foi preso.

Perdoado, partiu para o Oriente, onde morou por vários anos, enfrentou uma série de adversidades, foi preso várias vezes, combateu ao lado das forças

portuguesas e escreveu a sua obra mais conhecida, a epopeia nacionalista “Os Lusíadas” (Figura 02).

De volta à pátria, publicou sua obra prima e recebeu uma pequena pensão do rei D. Sebastião pelos serviços prestados à Coroa, mas nos seus anos finais, parece ter enfrentado dificuldades para se manter.

Logo após a sua morte a sua obra lírica foi reunida na coletânea “Rimas”, tendo deixado também três obras de teatro cômico. Enquanto viveu queixou-se várias vezes de alegadas injustiças que sofrera, e da escassa atenção que a sua obra recebia.

Porém, pouco depois de falecer, sua poesia começou a ser reconhecida como valiosa e de alto padrão estético por vários nomes importantes da literatura europeia, ganhando prestígio sempre crescente entre o público e os conhecedores, influenciando gerações de poetas em vários países.

Camões foi um renovador da língua portuguesa e fixou-lhe um duradouro cânone, tornou-se um dos mais fortes símbolos de identidade da sua pátria e é uma referência para toda a comunidade lusófona internacional.

Hoje a sua fama está solidamente estabelecida e é considerado um dos grandes vultos literários da tradição ocidental, sendo traduzido para várias línguas e tornando-se objeto de uma vasta quantidade de estudos críticos. Segue um poema em sua homenagem.

“CAMÕES, O HERÓI DAS LETRAS”
Ó, imortal Camões, herói da literatura universal,/Há cinco séculos nasceste em Portugal./Das marolas do Tejo para o grande mar,/Teu verso navegou sem nunca naufragar./Cantaste o amor, as glórias e a dor,/Em cada estrofe, o eco de um trovador./Começaste por mares nunca dantes navegados,/Terminaste com ninfas embaraçadas./Língua lusa moldada em brasa e mel,/Tu que deste à Pátria um céu de papel./“Os Lusíadas” erguendo-se como um farol./Guiando os navios sob a lua e o sol./Nas batalhas da África, tornaste-te monocular, E ainda assim, consegues tudo enxergar. Hoje, lembramos-te, mestre da razão, Pois em cada verso pulsa o coração./Ó, Camões, poeta do mundo sem fim,/Tua luz brilha como clarim./Mesmo muito tempo depois, és voz que jamais se cala, Patrimônio da Terra, glória que exala.

Fonte: <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=8100249>



TERCEIRA CASA

Getulio Targino Lima
Cadeira nº 13

Na penúltima rua da existência
Estou morando... na terceira casa,
E em mim mora alegria que extravasa
Os limites de certa reverência.

É que vejo de Deus tanta clemência
E tanto amor por mim, qual viva brasa
Que meus tropeços lança em cova rasa
E me guia com infinda paciência.

E este Pai de bondade inda segura
A minha pobre mão, fraca e impura
Que a Ele estando, em transe, quando aflito...

E assim, em nova casa, ano após ano,
Residirei, com fé, sem desengano,
Até que Ele me chame ao Infinito.



PARIDADE

Adilson Zotovici
| Colaborador

Vê a fraterna igualdade
Na Sublime Instituição
Qual crê na sua expansão
Que imprime grandiosidade

Cada elo, que cada irmão,
Uma riqueza em verdade
Dado sua diversidade
Presa à mesma Construção

Não há superioridade
De cada cargo ou função
E nem algo que dê razão
Ao amargo da vaidade

Há o leitor voraz que seu bordão
Quem só lhe apraz solenidade
Há o que faz caridade
E quem do Templo manutenção

Ledo engano a sumidade
Ou os que buscam ovação
Que o plano a todos só erudição
Que ofuscam irmão de humildade

A bom muro qual pedra o artesão
Grande ou pequena há paridade
Por seu talento e propriedade
Mesma obra o intento, a missão!



SEJA O QUE FOR

Helton Chacarosque
| Cadeira nº 35

Há quem viva num desejo alado
De entregar ao Sol um abraço
de não se render ao cansaço
Nem todo desejo é pecado

O aquém é a lenha ao fracasso
O excesso pesa ao derrotado
Ícaro venceu por tem tentado
E se suas asas fossem de aço

Talvez não me teria ensinado:
Eu tenho que assumir o que faço
O plano é viver o sonhado.

E tudo se faz a cada passo.
Nós estamos além de um punhado
De carcaças perdidas no espaço.



EU VI

José Eduardo Miranda
| Colaborador

Eu vi o fundo do poço,
o fundo às vezes desola,
mas não se assuste, seu moço,
no fundo do poço tem mola!

Eu já enxerguei neste mundo,
um tiro depois de um abraço,
também um abraço profundo
depois de um tiro no braço.

Eu vi a menina fugindo
da rosa que era presente.
Eu vi tanta coisa sumindo,
vi sonho, vi terra, vi... gente!

Vi flor que pedia ajuda
enquanto reinava a tristeza.
Vi coisas que a gente não muda
por sina ou talvez por fraqueza.

Vi gente chorando na rua
e ouro erguendo castelo.
Vi o homem pisando na lua
em busca de algo mais belo.

Eu vi tanta coisa no mundo,
vi tolos, cristãos e ateus.
Eu vi o suspiro do imundo
morrendo no colo de Deus.

DE MUJICA A DIVALDO

Anderson Lima da Silveira
Cadeira nº 02

A 13 de maio de 2025
Um aos 89 e outro aos 98
Partem juntos supostos opostos
Um era ateu, o outro médium
Um era político, o outro religioso
Um era progressista, o outro conservador
Os dois eram...
Poetas e despojados
Simples e filantropos
Cuidadosos e amorosos
Alegres e disciplinados
Idealistas e resilientes
Doces e salgados
Obstinados e fraternos
Ambos...

Polêmicos
Autênticos
Indigestos
Singulares
Presentes
Corajosos
Virtuosos
Honestos
Comprometidos

Homens raros, almas
inspiradoras
Já fazem falta
Já deixam saudades

Tributo



A ESPERA

Aidenor Aires

| Cadeira nº

Tu, que hás de vir um dia,
por que não hoje?
Meu rosto espera pronto
os dentes do teu arado.

Tu, que hás de vir um dia,
por que não hoje?
Minhas mãos assistiram,
quais raízes,
à morte azul
das flores e dos ventos.

Tu, que hás de vir um dia,
por que não hoje?
Antes que alguém
vibre na noite
gemidos de Chopin,
vem.

Tu, que hás de vir um dia,
o céu de maio é doloroso e belo,
as flores começam a morrer.



BIFURCAÇÃO

António Victor

| Colaborador

Outra vez a sós, comigo mesmo, com os meus flagrantes defeitos. E tens razão. Não poderia submeter-te a alma a mais torturas além do que já provaste.

A teu pedido, não te importunarei. Mas a mim me prometo que farei uso discreto e constante do melhor que me ofereceste.

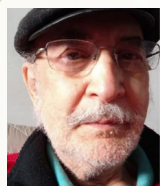
Também não precisarei da simbologia plástica da tua imagem para reverenciar-te, porque já estás, como pedra preciosa, incrustada nos anéis meninos da minha memória e do meu coração.

Desejo-te paz! A paz de que nos falou o Cristo, e que ela seja longa e reparadora das tuas chagas, as expostas e as ocultas.

Carregarei na mente o brilho infantil dos teus olhos, o toque mágico das tuas mãos e a tátil e erótica sensação dos beijos teus.

Foram poucos gramas de sal. O suficiente, porém, para temperar, por muitos anos, uma vida inteira.

E se pedir puder, alguma coisa, que te lembres de mim com ternura. Ainda que pela ternura que ofertar-te não pude.



MÃES

João Batista da
Silva Paiva

| Colaborador

Ó Mãe!... Que nome Doce
Os primeiros a Balbuciar...
No aprender dum Esboço
Do que iríamos mais falar
Ou Mamãe, soando Polida
Em respeito, a tão Querida
Mãeêê... em até se Cantando
Em tudo que queria pedindo
Quando não, Ela bem Sorrindo
E nós, ainda lhe Solicitando
&
A quem tem Ela bem Preciosa
Dedica-lhe um Referencial
Ao seu Dia, a Atitude Honrosa
Uma Homenagem Especial
Por certo um belo Buquê de Flores
E às outras Mães, que Merecidamente
A doarem vidas de dores e valores
Nossas Estimas fazemos
Solenemente...



POUCO HOJE, MENOS AMANHÃ

Flávio Roldão

| Cadeira nº 11

No encontro, onde está a alegria do toque e da palavra?
Na despedida, onde está a aflição do tempo e do abraço?
No amanhã, onde está a incerteza da chuva e do sol?
No bem-querer, onde está o desejo do nutrir e do possuir?

O tempo se faz, com a implacável passagem dos tempos.
Tempos nos quais, o nosso tempo se fez e nos fez assim.
Assim, somos fruto do pretérito que germina outro futuro.
Futuro que prescinde do presente, que desafia o existir.

Reconhecer o que nos move é medida para todo porvir.
Até quanto daquilo que sou estou disposto a me despir?
Desnudar-se não é fragilidade do ser, é saber se redimir,
Bem experienciar o breve momento do agora, ao sentir.

Em tempos tão líquidos, que realidade move o seu viver?
Em tempos tão difíceis, que facilidades lhe instiga o ter?
Em tempos tão velozes, que instante serve o seu pensar?
Em tempos tão virtuais, que conexão lhe faz reconhecer?



ALUMBRAMENTO

Anderson Lima da Silveira

Cadeira nº 02

Conversai comigo, ó mãe da minha dor!
Livrai-me das armadilhas da impaciência, dos
imediatismos e das soluções...
Ensinaí-me a contemplar o silêncio entre as palavras,
a eternidade em cada passo...

Concedei-me a condição de aprendiz, aos pés do
amanhecer e do anoitecer... do tempo no tempo

Abraçai meu estranhamento, meu pasmo, meu
alumbramento, pois que aí moro eu mesmo sem que
o saiba o meu pensamento...

Cobri-me com sua mão suave, medicina
quintessencial do fogo andarilho, gentil inimigo de
todas as certezas, virtude sem alarde dos que sabem
que não sabem...

Dai-me o doce sabor do teu beijo, inesquecível
visão de mim mesmo, nascendo e renascendo na
experiência do outro, do nós, da existência...

Olhai-me nos olhos, ainda que por infante me
tenhas, presenteando-me com o desejo de ser, com a
obstinação de transcender, o sentimento de vir a ser...



artigo

SEJA A SUA MELHOR VERSÃO!

Francisco Feitosa | Colaborador

Que o mundo está colapso não é novidade para ninguém. Que estamos atravessando um dos, senão, "o momento" mais degradante da espécie humana, não podemos negar. Uma nuvem negra paira sobre nossa existência, tentando ofuscar o Sol da Esperança de dias melhores.

Somos levados a pensar que não tem mais jeito; que tudo está em sua fase final de duração. Os ares da desesperança estão sendo soprados de todas e em todas as direções, enquanto uma constante tempestade de notícias ruins, pretensiosamente, invade nossos lares, pelas telinhas da TV e do inseparável celular, sufocando nossas aspirações de, um dia, sermos felizes.

O que está acontecendo com o mundo? Qual será o destino da humanidade que caminha às cegas, sem rumo, sem propósito e sem vontade?

Somos movidos a estímulos, atendendo, maquiavelmente, a interesses de alguns. Decerto, alguém ou "um grupo de alguéns" (permita-me aqui,

existencial, que é o de reencontrar, dentro de si, sua essência – o Criador.

A desesperança se expressa na letargia de um povo que, transformou os escândalos diários do cenário político, em normalidade do mundo do "Tudo Pode". Nunca ficou tão exposto o que, de fato, por muitos e muitos anos, esteve por debaixo do tapete dessa "politicagem". E não falo, apenas, em nosso país, mas, no cenário mundial. Há cerca de meio século, em versos, clamava aos ventos, o cantor e compositor Sílvio Brito, com sua música, intitulada: "Pare o mundo que eu quero descer". A coisa está bem por aí, né?

Pois bem, o que devemos fazer para mudar esse quadro caótico do mundo? Continuaremos a nos entreter com as distrações diárias nas telinhas da TV e no Tik Tok do nosso mais novo iphone? Que tal postar um "meme" para aquele amigo vascaíno, zoando que seu time vai mal e o nosso está de boa? Afinal, para que ficarmos pensando em um assunto que vai ser difícil de reverter?



apesar desse momento cinzento, inserir no texto as cores do meu bom humor), deve estar se beneficiando com isso. Já pararam para pensar nisso? Em textos anteriores, já abusei da paciência de vocês, citando os mais variados exemplos, de como somos manipulados. Pois é!

Um mundo conjugado sob os influxos do verbo TER, onde estimular o consumismo é tarefa diária. Induzindo a população aos ilusórios caminhos do materialismo, distanciando-a, cada vez mais, de seu mais nobre propósito

Pois é! É justamente, isso que esse "grupo de alguéns" quer que façamos – que foquemos na distração, no superfluo, enquanto saqueiam nossos impostos. "Tocam" a gente como gado e nos oferecem migalhas. E, quando a população começa a despertar para a realidade, eles criam as "cortinas de fumaça", apresentando a possibilidade de uma grande catástrofe; de uma nova pandemia, e novamente assumem o domínio da "inocente manada", através do medo. Programa Despertar

Grande Bibliotecário do Supremo Conselho do Grau 33 do REAA da Maçonaria para a República Federativa do Brasil

Então, o que fazer? Onde buscar um porto seguro para ancorar nosso barco das poucas esperanças? Distanciamos demais de Deus e possibilitamos que as forças do mal impusessem suas diretrizes, dominassem o mundo, ocupando instituições, distorcendo doutrinas e invertendo valores.

Passamos, então, a buscar fora o que, sempre, esteve dentro de nós! Vivemos ansiosos por um futuro ilusório, ou deprimidos por culpa de um passado que já se foi.

Esquecemos de viver o presente, o único momento que, de fato, importa. Os anos se passaram e a sensação é a de que nada realizamos!

Precisamos voltar às origens e reencontrar nossa essência. Somos deuses em miniatura e precisamos reacender essa Chama da Vida, dentro de nós. "Seja você a mudança que você quer ver no mundo!", bem dizia Ghandi. Portanto, o caminho é para dentro e nunca para fora. Percebe?

Quanto tempo você gasta no celular, assistindo tantas bobagens nos Tik Tok da vida? Quanto tempo você se senta diante de uma TV para assistir tantas distrações inúteis? Tire, que seja, 5 minutos e mentalize um momento melhor para o mundo. O nome disso é COCRIAR! Reserve um espaço de um instante para observar o que você pode melhorar em você! Priorize um momento para visitar uma pessoa esquecida nos asilos da vida, e leve um abraço, uma palavra amiga ou, simplesmente, escute, escute sem questionar. Afinal, quem sabe se aquela pessoa não será você amanhã? Portanto, irradie Amor, demonstre Solidariedade, seja Luz a iluminar caminhos!

A empatia é uma das maiores virtudes. Dizia o Frei Jaime Bettega: "Se te faz feliz ver o voo do outro, então entendeste tudo". Portanto, seja mais do que isso. Plante uma tamareira sem se importar se, jamais, irá saborear seus frutos! O nome disso é altruísmo. Invista nesses valores.

Não reclame que sua rua está suja, antes mesmo de varrer sua calçada! Não se empenhe

Fonte: Google.



em consertar o outro, foque em você. E quando achar que nada disso vale a pena, lembre-se do que disse Luter King: "Se eu soubesse que o mundo acabaria amanhã, ainda assim, eu plantaria minha macieira".

Caso a situação do mundo atual não te incomoda, ah.... Nem precisava chegar na parte final deste despretenso texto.

Volte para suas ilusórias distrações, junte-se, novamente, à manada, marcando o compasso do "povo marcado, povo feliz", e me desculpe por incomodá-lo com esse meu "papinho" de fazer um mundo melhor.

Por outro lado, se o tema te fez despertar da sonolência imposta por esses "alguéns" manipuladores, então te convido a ser parte da transformação, bastando, para isso, que você SEJA A SUA MELHOR VERSÃO!

Eventualmente, reservo um momento do meu precioso tempo para, com meus escritos, convidá-lo à reflexão. E você, o que tem feito para melhorar o mundo?

Fonte: Google.



João Batista Fagundes Filho
OAB/GO 14.295
fagundesadvgo@gmail.com

62. 3215-2293

Rua 10 n° 250, Sala 302 - Ed. Trade Center
CEP 74120-020 - Setor Oeste - Goiânia-GO



ENI CABRAL & G. MARTINS FERRO S/C ADVOCACIA
OAB-GO 35

Eni Cabral
ADVOGADO

Rua 10 n° 238 - Edifício Jotabrado - Sala 602
Setor Oeste - CEP 74120-020 - Goiânia - Goiás

Fone: (62) 3215-1973
Fax: 3215-1838
e-mail: enicabral@terra.com.br



ciência & saúde

VOCÊ ESTÁ PREPARADO PARA ENVELHECER?

Paulo Ricardo Arantes de Brito | Colaborador

O envelhecimento da população brasileira é um fenômeno marcado por um aumento da proporção de idosos e uma diminuição do número de jovens e crianças. Este processo é resultado de um aumento na expectativa de vida e de uma queda na taxa de fecundidade. As projeções do IBGE indicam que a população brasileira com 60 anos ou mais pode chegar a 75,3 milhões em 2070, quando representarão 37,8% da população total.

Talvez você que esteja lendo diga: “não muda nada, já estou velho” uma pergunta volta a fazer, você está preparado para envelhecer? E se sim, como quer estar na sua velhice. O processo de mudança do nosso corpo ocorre desde o momento do nosso nascimento e assim passamos por mudanças estruturais e fisiológicas

que nos capacitam e nos limitam a execução de movimentos, e então eu pergunto novamente, em qual momento deixei de conseguir executar as atividades prazerosas? Qual momento minhas dores começaram? Talvez poucos saibam o dia e a hora exatos, tudo mudou e ninguém percebeu.

Quando descobriu a pressão já estava alta, a glicemia alterada, a alimentação já não estava tão saborosa, e a bicicleta que antes tão companheira, deixou de participar de momentos alegres. A bola murchou, a caminhada até a padaria não se faz mais. Não levantamos do sofá para trocar de canal e a comida feita em casa mudou para fastfood.

Que dia você se tornou velho? O que conta é o calendário ou as mudanças das atividades que antes fazia e hoje não faz mais? Quando foi a

última vez que você dançou abraçado? Que você caminhou sem ser até o seu carro para ir trabalhar, só andou por prazer mesmo? Amarrar o tênis sozinho ainda é uma opção? As facilidades dos dias atuais nos tornaram melhores ou não? A quem diga que não abre mão do que tem hoje por nada, mas há aqueles que talvez neste momento estejam a pensar, não me preparei para envelhecer.

Realizar atividade física, não significa perda de tempo ou um luxo para poucos, atividade física direcionada e funcional te prepara para o futuro que acontece daqui a pouco. Poder fazer atividades simples como se vestir sozinho, amarrar um sapato, arrumar o cabelo, comer, caminhar, ter atividades de vida diárias com funcionalidade – isso sim é um objetivo para o envelhecimento saudável.

Fonte: Google.



Precisamos querer ir ao médico para um acompanhamento do processo natural do aumento das doenças provocadas no aumento da idade não somente para remediar. Nos tornar refém de inúmeros medicamentos não pode ser uma opção. Nossa melhor escolha deve ser nós mesmos, nossa família, nossa liberdade! Cuide de você, corpo, mente, alma. Se preparar para envelhecer, não é se preparar para a morte, mas sim, se preparar para uma etapa fantástica e cheia de vida!!!! A morte começa quando desistimos de nós mesmos!!!



artigo

DIREITO À TRANSPARÊNCIA E BOA-FÉ – II

Isaías Costa Dias | Cadeira nº 24

Da qualidade de produtos e serviços e da Prevenção do vício oculto

1. Conceito de qualidade; 2. Conceito de produto; 3. Conceito de serviço; 4. Meios de prevenção; 5. Controle administrativo; 6. Controle judicial

Conceito de qualidade

A Lei nº. 8.078/90 em diversas passagens utiliza a expressão “qualidade” que, na sua *ratio legis* agrega valor fundamental ao vício oculto do produto ou serviço, de tal modo que o adjetivo “qualidade” tem sua exata dimensão e correspondência em dois aspectos considerados de alta relevância nas relações de consumo.

Em primeiro lugar, a vinculação do elemento “qualidade” está nos dados ou característicos próprios do objeto em causa, a identificá-lo ou distingui-lo de qualquer outro, tais como o tamanho, o peso, a rotulagem, a cor, o tipo de embalagem, o cheiro, além de todo um quadro de informações gerais ou especiais respeitante a composição, fórmula, grau de nocividade ou periculosidade que o produto pode encerrar ao consumidor. Em segundo, diz respeito a adequação do produto ou serviço aos fins a que se destina, isto é, especificamente ao preenchimento das reais expectativas do consumidor.

Por conseguinte, produto ou serviço com vício de qualidade pode ser definido como o produto ou serviço reputado como impróprio, ou inadequado, quer no tocante ao uso quer ao consumo, ou, de outra banda, lhe diminua o valor ou, ainda, aquele decorrente da disparidade com as indicações constantes do recipiente, da embalagem, rotulagem ou mensagem publicitária (CDC, arts. 18 e 21). Falando de outro modo, o vício de qualidade na sua definição legal compreende a falta de requisitos extrínsecos ou intrínsecos do produto ou serviço, de modo que, ao se falar em vício de qualidade, já se falou em vício intrínseco do bem jurídico relevante, aliás, dada a manifesta inadequação para os fins a que se destina.

Segundo Aurélio Buarque de Holanda: Qualidade é “Propriedade, atributo ou condição das coisas ou das pessoas, que as distingue das outras e lhes determina a natureza..

Conforme Plácido e Silva: “qualidade é o conjunto de características intrínsecas ou extrínsecas, concretas ou abstratas que imprimem ou impõem ao produto ou serviço um caráter próprio, para que o distinga e o individualize”

Obviamente que no quesito “qualidade” se compreende a existência de produto ou serviço. Daí, o Código de Defesa do Consumidor, art. 3º, § 1º,

apresenta a definição seguinte: “Produto é qualquer bem, móvel ou imóvel, material ou imaterial” 3 o que, aliás, se ajusta à classificação geral do Código Civil (art. 82 a 103) em bens imóveis e móveis, fungíveis e consumíveis, divisíveis e indivisíveis, singulares e coletivos, principal e acessórios, públicos e privados. Registre-se, ademais, consoante o Estatuto Consumo, o produto tanto pode ser natural (produto in natura) como artificial ou transformado, produzido, confeccionado, fabricado, construído (v. ex: o prédio de apartamento, o computador, a televisão, o veículo de qualquer tipo ou marca, o fogão, o material elétrico ou hidráulico), sendo de capital valia que o bem, coisa, objeto ou produto tenha valor econômico. Dado esse aparente emaranhado de informações acima, sabemos não ser de fácil compreensão ao consumidor, a identificação clara, desde logo, sobre o vício de qualidade do produtos ou do serviço adquirido. Todavia, a par dessas considerações, o Código do Consumidor define o que seja produto defeituoso, art. 12, § 1º: “O produto é defeituoso quando não oferece a segurança que dele legitimamente se espera, levando-se em consideração as circunstâncias relevantes, entre as quais sua apresentação, o uso e os riscos que razoavelmente dele se esperam, a época em que foi colocado em circulação”.

Direitos do Consumidor

Nesse contexto aparece com frequência o produto industrial, que pode ser qualificado como “o bem, coisa ou objeto produzido mediante processo de industrialização” (produzido em série) obedecendo o conceito, a forma, a cor e outras características do produto, que pode ser fabricado com defeito. Consequentemente uma pergunta: como solucionar quando o produto industrial contém vício de qualidade?

Sobre o tema são inúmeras as situações em que o produto, aparentemente bom e em pleno funcionamento na loja do fornecedor, logo após a negociação, apresenta vício oculto (v. ex: o aparelho televisor que embora funcionando na loja, na residência do consumidor não capta os canais ou que não aparece a respectiva imagem; ou o computador que possui defeitos intrínsecos de tal modo a não permitir o acesso a internet; ou o automóvel fabricado com vício na barra de direção ou nos amortecedores, ou no sistema de ventilação, de modo a produzir falhas de funcionamento.

Assim, Aurélio Buarque de Holanda, define a palavra produto como sendo “o que é produzido, resultado de uma atividade humana, consequência, resultado, valor total da produção de bens e serviços num país, em determinado período, roduto de beleza, produto intermediário, final,...”;

Continua na próxima edição...



reflexão

MÃE, CRIAÇÃO DIVINA, PATRIMÔNIO UNIVERSAL

Hélio P. Leite | Colaborador

Tempos atrás cunhei uma frase: "mãe é mãe em quaisquer circunstâncias", me referindo ao ser humano feminino e as fêmeas do reino animal, sempre que aparecia nas redes sociais uma fotografia mostrando a ação de uma figura materna. O tempo passou, não mais tenho usado esta expressão, porém hoje amanheci o dia lembrando-me de minha mãe, neste Planeta Terra, que para mim foi uma grande heroína.

Sem dúvida, a criatura criada por Deus, com a missão de gerar seres, sejam humanos, sejam animais irracionais, foi uma das mais belas criações divinas, com uma missão de procriar e de povoar este nosso Planeta.

A mãe é uma figura fundamental em muitas culturas, representando a vida, o amor, a proteção, que pode deixar um legado em suas famílias e

comunidades, transmitindo valores, tradições e conhecimentos. Sem dúvida ela influencia na vida de seus filhos e na sociedade como um todo, moldando a forma como as pessoas pensam, sentem e agem. A figura de mãe é uma criação divina. Em muitas religiões a maternidade é considerada um dom divino, e as mães são vistas como agentes da criação e do amor de Deus. Ela é associada a divindades femininas ou a figuras sagradas que representam a fertilidade, a proteção e o cuidado.

Do ponto de vista filosófico a maternidade pode ser vista como uma manifestação da capacidade humana de criar e nutrir a vida, o que pode ser considerado um aspecto divino da natureza humana. E a relação entre mãe e filho pode ser vista como um exemplo

de interconexão e do amor incondicional que existem no universo.

Do ponto de vista cultural, as mães são reverenciadas e respeitadas por sua capacidade de dar à luz e criar vida. É associada a valores como amor, a proteção e o cuidado, que são considerados fundamentais para a sociedade.

Do ponto de vista de heroísmo pessoal, existem vários tipos de mães. No Brasil existem mais de 11 milhões de mulheres que criam seus filhos sozinhas, enfrentando desafios como dupla jornada de trabalho, dificuldades financeiras e falta de apoio. São consideradas "guerreiras" por sua força e determinação de superar obstáculos e cuidar de seus filhos com amor e entrega total. Algumas mães enfrentam desafios adicionais ao criar filhos com necessidades especiais, como autismo. Elas são exemplos de amor incondicional e força, e muitas vezes se tornam defensoras dos direitos e necessidades de seus filhos.

São verdadeiras heroínas anônimas em suas famílias e comunidades, embora não sejam famosas ou reconhecidas publicamente. Algumas se destacam por suas histórias de superação e inspiração, como aquelas que venceram doenças graves ou alcançaram sucesso

profissional enquanto cuidavam de seus filhos.

Considerar a Mãe como patrimônio universal é uma forma de reconhecer a importância e o valor da maternidade em todas as culturas e sociedades. A mãe é frequentemente vista como um símbolo de amor. Por outro lado, a maternidade é um tema universal que transcende fronteiras e culturas, e é celebrada de muitas maneiras diferentes ao redor do mundo. A expressão "mãe patrimônio universal" pode ser uma forma de homenagear a importância da maternidade e reconhecer o valor das mães em todas as partes do mundo.

Por todas essas opiniões, a figura de Mãe, a minha, a sua, a nossa, são ou foram de grande importância em nossa criação, em nos mostrar a força do amor, da resistência, da Fé e da Esperança, que nos prepararam para enfrentar o mundo, algumas com a ajuda de seus companheiros, nossos pais.

Muito felizes são os filhos, mesmo já pais e ou avós, que ainda podem abraçar suas queridas mães, cuidarem delas, abraçá-las e beijarem seus rostos angelicais. Muitos de nós, porém, as guardamos em nossas memórias, em nossa eterna gratidão e respeito.



tempo de estudo

GNOSIOLOGIA MAÇÔNICA – I

Herbert de Melo | Colaborador

A linha interpretativa de toda escrita deste opúsculo é a faculdade do discernimento. Defendemos a proposta de que é, o conhecimento, é o sinal característico da maçonaria, desde os antigos aos modernos, da operativa a especulativa.

Deste modo, procuramos escrever este trabalho nossa experiência iniciática como aprendiz e companheiro maçom, no que se refere a faculdade mais importante ao gênero humano, o saber.

As jornadas formativas ao iniciado e ao elevado possuem um significado íntimo da descoberta do homem, mas sobretudo, da descoberta íntima, do construir a si mesmo, arquétipo peculiar da gnosiologia maçônica.

Se a vida é um perpétuo devir, de acordo com concepção heraclitiana, se desse movimento reconhecemos a transitoriedade de todas as coisas, há ao menos uma permanência, e nisso concordamos em parte com a teoria parmenídica (Severino, 1996), o que permanece, justamente, é nosso desejo por conhecer!

O conhecimento se apresenta como a condição necessária para o transcender do homem. Mesmo admitindo sua falseabilidade ou refutabilidade, mas é verdadeiramente nisso que reside a essência do conhecimento, é esta condição sua veia filosófica.

Se o mundo apresenta esse movimento, e este somente é possível pelo questionamento, pela tormentosa

dúvida. O que move o mundo são as perguntas. Mas como tudo que é indagado exige necessariamente, mesmo que seja transitória, respostas. Que seja essa resposta dialética, para que possamos refinar e apurar nosso paladar. Como des-crito por Nietzsche em sua análise sobre Tales de Mileto (ver livro *Os Pré-Socráticos*, 1996), reconhecendo na etimologia latina de saber, *sapere*, a necessidade de o homem aprender a degustar o saber. Para o filósofo Nietzsche o saber deve ser visto como 'alimento'.

Para a produção do texto deste trabalho optamos por uma pesquisa bibliográfica. Contudo, para a temática estudada não encontramos obras que tratassem diretamente do tema, uma revisão da produção bibliográfica sobre a temática ficou prejudicada. Encontramos algumas referências, às vezes de forma pontual sobre um ou outro conceito. Assim pela necessidade adotamos também uma perspectiva metodológica dialética.

Este trabalho foi desenvolvido em cinco momentos. Na primeira abordagem 'O que podemos conhecer?' buscamos descrever a necessidade de indagar o próprio saber, sua validade e permanência. Em seguida, 'O ato de conhecer: da intuição ao conhecimento discursivo' apresentamos as possíveis formas para o conhecimento, desde dos sentidos e da intuição ao conhecimento

discursivo. A terceira discussão 'Arte: a faculdade de conhecer pela sensibilidade' refletimos sobre a relação 'sensibilidade e racionalidade'. Na penúltima abordagem 'Ciência: a nova mentalidade' procuramos apresentar uma interpretação pessoal da evolução do pensamento científico moderno. E por fim, a última interpelação 'Os benfeitores da humanidade e a glorificação do trabalho' refletimos sobre a formação do Companheiro em sua tarefa como arte-são de seu destino.

O que podemos conhecer?

O *conhecimento* pode ser entendido como o ato ou ação que nos garante e o que nos identifica com *humanidade*. A *condição de ser humano* é muito mais do que a forma determinada fisicamente, pois quando nos primórdios da humanidade, ainda quando não expressávamos abstratamente, a forma física identificava como mais uma espécie do reino animal.

O ato de conhecer, mas, sobretudo, a capacidade de 'pôr-se para fora', isto é, a capacidade de se autoexaminar, nós distingue de todos os outros viventes. Contudo, há aqui um dilema, um problema fundamentalmente humano. Podemos realmente conhecer as coisas, o mundo? O que nos garante o conhecimento real, ou verdadeiro das coisas?

Podemos partir da concepção básica e comum de que o conhecimento é a

apresentação verídica ou adequada de algo (objeto) ao pensamento (sujeito). Mas como garantir se minha percepção é fidedigna ao objeto? É possível ser tão objetivo a tal ponto de sufocar nossas subjetividades?

A litogravura do artista holandês Maurits C. Escher é intrigante quando a possibilidade de jogar com nossa percepção. Nós fazendo pensar se até então, confiantes no conhecimento adquirido não foi este resultado de ilusões? Quais são as garantias de minha certeza?

Essas questões filosóficas nos coloca diante da questão do modo como podemos apreender o mundo que nos cerca. De que forma o sujeito cognoscente apreende o real pode ser respondida com o encadeamento de ideias e juízos, para chegar a uma conclusão.

Mas será o conhecimento mera representação. Representar o que é exterior à nossa mente, a reconhecendo como se fosse um 'espelho da natureza'. É o que essa corrente filosófica procura expressar.

Isso que dizer que conhecer seria representar o que é exterior à mente. Seria obter uma "imagem" ou "reprodução" do mundo externo, projetada na consciência. Conhecer um pássaro, por exemplo, consistiria em formar uma representação, uma "imagem adequada" desse pássaro em nossa mente.

Da dúvida tormentosa ao embate do raciocínio dialético



artigo

1º DE MAIO

Célio César de Moura Gomes | Cadeira nº 36

A té 1700 as relações entre trabalho e saúde, passam como que despercebidas. Mas nesta época, na Itália, é publicado o livro “*De morbis artificum diatriba*” – em português “*As doenças dos trabalhadores*”, de autoria de Bernardino Ramazzini, descrevendo com muita perfeição uma série de doenças relacionadas à cerca de 50 profissões e introduzindo à anamnese orientada por Hipócrates, uma nova pergunta cujo valor pode bem ser avaliado: “Qual é a sua ocupação?”

Por este motivo Bernardino Ramazzini, é muito justamente cognominado o “Pai da Medicina do Trabalho”. Assim nasceu esta especialidade médica, que chega oficialmente ao Brasil, na década de 1970, quando, no nosso País, são desenvolvidas atividades para de fato ocorrer o cumprimento do Capítulo V da CLT - Consolidação das Leis do Trabalho, que trata das condições de higiene e segurança no trabalho, mais especificamente da proteção da vida, da integridade e da saúde dos trabalhadores em todos os ramos de atividade, públicos e privados.

A década dos anos 1970, inicia com o Brasil, no México, sagrando-se tricampeão de futebol, com uma seleção composta por brilhantes jogadores de futebol, dentre eles Pelé, eleito como o melhor jogador do Século XX da FIFA – Federação Internacional de Futebol Associado – e outras organizações e reconhecido como um dos ícones do século.

Nesta mesma época, decorrente da fusão do sistema de previdência brasileiro no INPS – Instituto Nacional de Previdência Social, hoje Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), até então, desenvolvido por categorias de trabalho através dos chamados Institutos de Pensões e Aposentadorias, inicia a publicação decorrentes dos registros oficiais através da carteira do SAT (Seguro de Acidente de Trabalho), sobre a ocorrência de acidentes e de doenças relacionadas ao trabalho, no Brasil. Estes dados revelam uma situação preocupante vez que o Brasil é apontado como campeão mundial de acidentes do trabalho.

Em 1972 publica-se então a Portaria 3236 pelo Ministério do Trabalho, instituindo o Programa Nacional de Valorização do Trabalhador (PNVT), visando promover a melhoria da qualidade de vida dos trabalhadores.

Entre seus objetivos, está o desenvolvimento de cursos de especialização de profissionais de nível médio e superior para o desenvolvimento das melhorias de condições de trabalho, implantação de medidas de prevenção de acidentes e doenças, especialmente, relacionadas ao trabalho, conforme o Capítulo V da CLT, e dos acordos e tratados assinados com a OIT – Organização Internacional do Trabalho – ligada a OMS – Organização Mundial de Saúde.

Assim a existência destes serviços no Brasil, é relativamente recente, e atualmente são regulamentados pela

Portaria de nº 3214, de 08 de junho de 1978, que traz as normas técnicas, conhecidas como normas regulamentadoras – NRs – que detalham as exigências e procedimentos para garantir segurança e a saúde dos trabalhadores nos mais diversos setores e atividades. Observação: estas NRs são revisadas periodicamente, com o objetivo de incorporar novas tecnologias, experiências e conhecimentos na área de segurança e saúde no trabalho.

Os registros históricos mostram que apesar da sistematização destes estudos terem iniciado com a publicação do livro de Bernardino Ramazzini em 1700, já em 94-55 a. C., Lucrécio, filósofo romano, a respeito dos escavadores de minas, manifesta sua indignação frente a morte prematura desses trabalhadores, perguntando: “Não viste e ouviste como morrem em tão pouco tempo, quando ainda tinham tanta vida pela frente?”

Em 43 a. C. – 18 d. C., o poeta Ovídio, cita, em sua principal obra *As Metamorfoses*, que, nas regiões destas minas, a população passa a pedir ajuda celeste: “...cansados de tantos funerais, vendo inúteis os esforços e a arte dos médicos, os habitantes imploram ajuda celeste”.

Em 23-79 d. C., Plínio, conhecido como o Velho, menciona o uso, pelos escravos, de panos e membranas cobrindo o rosto, como máscaras nas minas para se protegerem das poeiras.

Em nosso meio, há registros mais disponíveis principalmente nas áreas de minas e em trabalhos relacionados com produção de poeiras originadas pela manipulação e uso de sílica, especialmente nos momentos que ocorrem exposição simultânea ao bacilo da tuberculose.

Estes trabalhos iniciam há mais de 90 anos, e em 1886 ocorre o registro de trabalho apresentado na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, intitulado “*Diagnóstico e Tratamento das Pneumokonioses* (hoje *Pneumoconioses*)”, destacando seu pioneirismo “numa época em que mal se ensinavam as primeiras descrições mais minuciosas nos círculos científicos europeus e norte-americanos”.

Quem desejar atualizar sobre estes dados estatísticos a fonte mais segura é a relacionada com a administração do SAT – Seguro Acidente do Trabalho, no INSS – Instituto Nacional do Seguro Social.

Vários outros temas são de interesse relacionados com intoxicações por metais pesados, pelo uso de agrotóxicos, pelo uso e manuseio de benzeno e seus derivados, além de outros solventes especialmente os de ação sobre o sistema nervoso central, as dermatoses ocupacionais, dentre outros, como os decorrentes dos estudos ergonômicos e sobre a saúde mental no trabalho.

Voltando ao título do trabalho, 1º de maio de 1886, foi o dia que operários promoveram uma gigantesca manifestação em Chicago (EUA) exigindo a redução da jornada de trabalho para 08h/dia (oito horas/dia). O movimento foi duramente reprimido ocorrendo prisões e cinco deles foram condenados à morte, quatro enforcados e um suicidou-se. E passaram para a história como os Mártires de Chicago.

Em 1894 o Governador de Illinois, anula a sentença. “Era tarde os manifestantes já estavam mortos”.

Assim nasceu a data-símbolo dos Movimentos dos Trabalhadores.



opinião

POR QUE JESUS TEVE MÃE?

Charles Wellington de Matos Pinheiro | Cadeira nº 38

Por que Jesus teve mãe biológica? Sim, é uma pergunta interessante, por que Jesus teve mãe?

Em tese não haveria necessidade, não seria preciso nem mesmo ter ele nascido como todo nós. Como Deus e como ser supremo bastaria ter descido das nuvens em glória, poder e se manifestado aos homens. Bastaria ter se tornado carne e sangue e começar a peregrinar pelo mundo fazendo seu trabalho de andar pregando a boa nova.

Mas não foi assim, não foi dessa maneira que ele resolveu ser Deus-homem. Para ser verdadeiramente humano ele precisava experimentar todas as etapas da vida humana: nascer, crescer e morrer, conhecer nossas dores, fraquezas, necessidades, enfim, nossa humanidade.

E para ser plenamente a experiência humana deveria experimentar o amor mais puro, desinteressado, verdadeiro, humanamente divino e divinamente humano, o

amor materno. O amor de Maria, a mulher simples, mas que achou graça diante de Deus e diante de Jesus que a escolheu para se manifestar como homem.

Maria é a Mãe de todas as Mães, a suprema mulher que aceitou a missão mais sublime que a feminilidade poderia conhecer, que não foi a de dar à luz a Deus, mas a de ser Mãe. Missão de cuidar, missão de educar, missão de torná-lo capaz de iniciar sua caminhada de pregador nas Bodas de Caná, através de sua intervenção e de seu pedido materno.

Maria foi a mulher que conheceu o Deus-homem, que o viu viver e morrer como homem, para renascer como Deus, para ir à Glória eterna depois de deixar sua graça com o mundo.

Mas será que todas as mulheres mães também não experimentam a mesma graça e a mesma sensação que Maria sentiu ao receber a notícia de que seria mãe? Então ela representou todas as alegrias, todas as ansiedades maternas, todas as preocupações,

todas as decepções e todas as dores que todas as mães sentem todos os dias mundo afora.

Hoje temos muitas Marias por aí, muitas mães que passam pelas mesmas necessidades, privações, dores e alegrias que a mãe de Jesus passou, tornando-as semelhante em coração a nossa querida Mãe Celestial, fazendo-as “santas” na visão de seus filhos, operando o mais puro milagre que alguém poderia produzir, o milagre da vida, o milagre do amor, o milagre de tornar a vida de cada filho uma experiência divinamente humana e única. Mãe, majestosa criatura de natureza nitidamente humana, mas, sagradamente divina.

Fonte: Google.





reflexão

UM ENCONTRO DE AMOR, VIRTUDE E RECONHECIMENTO

Joás de França Barros | Cadeira nº 29

Maio é o mês em que os corações se voltam à figura materna — símbolo de amor incondicional, força silenciosa e dedicação sem limites. Para além das homenagens costumeiras, esse é um momento propício para refletirmos sobre o verdadeiro papel das mães na formação do ser humano. Na Maçonaria, essa reflexão ganha contornos ainda mais profundos, pois a mãe é vista não apenas como genitora, mas como a primeira mestra dos princípios que a Ordem tanto valoriza.

Desde os primeiros ensinamentos no lar até as lições transmitidas por meio do exemplo, é

nas mãos das mães que muitas vezes se moldam os alicerces da moral, da ética e da fraternidade. Dentro da tradição maçônica, ela é, muitas vezes, uma figura silenciosa, mas reverenciada — presente no simbolismo, nas homenagens e na memória afetiva de cada iniciado. Embora a Maçonaria seja uma instituição composta por homens, o feminino é respeitado e exaltado como essência criadora e equilibradora.

Não por acaso, a figura da mãe é constantemente evocada como exemplo de pureza, sabedoria e amor desinteressado — valores

caros à vida maçônica. Nas lojas, o Dia das Mães é frequentemente celebrado com sessões abertas e eventos especiais. Nessas ocasiões, as mães — sejam esposas, mães dos irmãos ou convidadas — são homenageadas com flores, palavras e gestos de carinho. São momentos de confraternização que reafirmam o compromisso do maçom com a família, com a gratidão e com os valores mais elevados da convivência humana.

A mãe, dentro e fora da Maçonaria, representa o princípio da luz — aquela que conduz com ternura, que orienta com firmeza e que ama sem medida. Homenageá-la é um dever de todos, e para o maçom, é também um ato de reconhecimento por tudo o que ela representa: a primeira instrutora no caminho do bem.

Neste mês de maio, que a reverência às mães ultrapasse as palavras e se transforme em atitudes de afeto, respeito e gratidão. Porque mais do que gerar a vida, a mãe é quem inspira a vivê-la com dignidade.



artigo

IRMÃOS POR TODA PARTE – II

Luiz Gonzaga da Rocha | Colaborador

Como maçons, devemos estar sempre atentos ao impacto das nossas ações e omissões, não apenas no presente, mas também no futuro. A Maçonaria, desde a sua criação, tem sido uma força motriz para o progresso humano, promovendo valores como a fraternidade, a solidariedade e a busca do conhecimento. Em tempos de rápidas mudanças e incertezas, é essencial que reforcemos esses princípios e os transmitamos inalterados para as futuras gerações. A compreensão de que somos parte de um todo maior, uma continuidade que abrange passado, presente e futuro, é fundamental para o fortalecimento da Ordem Maçônica. Cada maçom, ao ingressar na Ordem, herda não apenas os rituais e tradições, mas também a responsabilidade de preservar e aperfeiçoar essa herança. É através desse compromisso com a perpetuidade e a integridade dos valores maçônicos que podemos garantir um futuro promissor para a Maçonaria.

Então, podemos partilhar, propositadamente, que nesses primeiros vinte e cinco anos do século XXI, assistimos algo diferente e incomum de quase tudo o que ocorreu no século passado, e a Maçonaria, embora lentamente, passe por ajustes pontuais, e em considerando esses poucos ajustes em sua orientação ritualística, doutrinária e filosófica, os maçons avançam, fortalecendo as Colunas da Maçonaria com novos Irmãos, sem, contudo, demonstrarem preocupação como a educação formativa desses Irmãos está sendo veiculada. Avançam sem demonstrarem preocupação consolidada em vistas às transformações dos

tempos em que vivemos e dos tempos que se avizinham. Sem se atentarem que o mundo está passando por turbulências nunca concebidas e que, com toda certeza, será radicalmente transformado em termos econômicos e geopolíticos (Brant, CB, 2025), e, socialmente, em resposta à nova realidade socioeconômica e sociopolítica que se estabelecerá recorrentemente.

O mundo não está apenas mudando rapidamente, ele está sendo drasticamente reconfigurado (Friedman, 2017: 39). Pense no aplicativo do Uber e do Waze no seu smartphone, no Chat GPT, no AI Chat ou em outros aplicativos similares com Inteligência Artificial e em suas implicações. Pense no que e como podemos aprender a parar de nos preocupar e abraçar o futuro com inteligência e imaginação ou correr o risco de uma IA conhecê-lo melhor do que você mesmo (Lee; Qiufan, 2022: 51). Pensou? Agora, pense no legado maçônico que, a partir da aplicação dos seus saberes, poderão contribuir para os Maçons no Futuro. Para podermos moldar o futuro da Ordem e contribuir para o aperfeiçoamento dos Maçons no futuro, temos que renovar continuamente nossos estoques de conhecimentos ao tomar parte em fluxos relevantes de novos conhecimentos. A regra básica reside em sentar-se para aprender, antes, e se levantar para ensinar, depois.

Todos nós, maçons, vivemos um momento crucial na história da nossa Ordem, pois estamos situados em um ponto de interseção entre o passado que precisamos preservar e o futuro em que almejamos que a Maçonaria

brilhe como uma estrela de primeira grandeza. Avaliando com seriedade o que e o quanto podemos fazer em relação ao quanto o passado contribuiu para o nosso orgulho presente, não podemos deixar de considerar a importância de mantê-lo íntegro, para podermos repassá-lo com a mesma integralidade aos maçons que nos sucederão.

O momento presente exige profunda reflexão por parte dos Maçons e dos dirigentes maçônicos, conquanto sejam construtores sociais do amanhã. A Lenda de Hiram é um desafio permanente para os maçons de todos os graus e ritos, um desafio onde cada maçom é convocado para cuidar da vida maçônica, fazendo valer o instinto de autopreservação, e cuidando para não permitir que possa fenecer o ideal de transformar a sociedade pelo aperfeiçoamento dos costumes, devotando especial atenção ao próprio autoaperfeiçoamento. Os Maçons são desafiados a se instruírem e a instruírem os outros, a partir do próximo mais próximo.

Pensando em quanto podemos e no quanto devemos valorizar e manter a integralidade do nosso legado, para que possamos transmiti-lo intacto aos futuros maçons, descobrimos que existem muitas coisas que podemos fazer para auxiliar a Maçonaria e os Maçons do presente rumo à Maçonaria e aos Maçons no futuro. Uma dessas coisas é cuidar hoje em preservar a história, os princípios e os valores éticos, morais e educacionais da Ordem, e sobretudo, cuidar dos Maçons, e, em assim procedendo, com toda a probabilidade, estaremos cuidando da formação das gerações futuras que, para mim, parecer ser o ponto crucial enquanto ação e prática com a qual devemos nos ocupar agora. O que fazemos hoje afetará um número inconcebível de maçons no futuro.

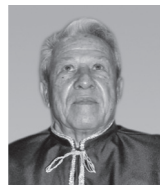
Longotermismo, como define MacAskil, é uma prioridade-chave moral

de nossa época para gerar impacto positivo no longo prazo, com a perspectiva de que é nosso dever fazer muito mais para proteger os interesses das futuras gerações. Apresento esse exercício mental porque a moralidade, em seu âmago, consiste em nos colocarmos no lugar do outro e em tratarmos de seus interesses como tratassem dos nossos.

Quando fazemos isso com toda a escala da história da humanidade, o futuro — no qual está quase todo o potencial de alegria e de felicidade — vem à superfície (Macaskill, 2024: 19). As pessoas do porvir importam. Os Maçons do futuro e a Maçonaria no futuro importam. Precisamos AGIR hoje. Mais cedo do que se espera, o amanhã chega.

Vendo a ideia de que a preocupação com as futuras gerações de maçons seja algo comum com que se preocupar, em considerando a possibilidade de influenciar positivamente e fortalecer os pilares de sustentação da Maçonaria em todo parte, sem se importar onde, quando ou a quem beneficiar, mantendo-os tais quais herdamos dos nossos antecessores, revestindo-nos e assumindo a condição de antecessores da Maçonaria e dos Maçons no futuro. Presumo que muitos maçons e não-maços possam comprar, ou melhor, incorporar, gratuitamente, essa ideia.

Aos Aprendizes, melhor, aos Maçons, antes da despedida ou a despedida, com estas palavras: a leitura e a reflexão são essenciais para a construção do caráter e evolução moral, intelectual e espiritual do Maçom. Aprender Sempre. Ao mergulhar nas obras clássicas e na vasta literatura da maçonaria, os Irmãos encontrarão respostas, inspiração e a sabedoria necessária para enfrentar os desafios do presente e preparar-se para os desafios futuros. Os Maçons, em toda e qualquer parte, nos honrarão in memoriam. E, se não honrarem, fizemos a nossa parte.



artigo

O SINAL DE SOCORRO E OS FILHOS DE NOÉ

Airton Batista de Andrade | Cadeira nº 26

O sinal de socorro existe no grau de mestre e não no grau de aprendiz e companheiro. Conforme o escritor Pedro Juk, formas discretas de pedidos de ajuda; remontam às guildas medievais de construtores, nos séculos XII e XIII. No período da maçonaria operativa não havia os graus especulativos como temos hoje. Eram duas classes de trabalhadores, conhecidos no ideário maçônico, os aprendizes do ofício e companheiros da arte. Os aprendizes permaneciam sob a tutela dos companheiros, pelo tempo necessário de seu aprendizado (3 anos), onde sua permanência era exigida no mesmo local onde servia ao seu senhorio. Já os companheiros se deslocavam em busca de trabalho e contratos para seu ofício.

Tinham liberdade de locomoção, dominavam os sinais, toques e palavras de reconhecimento e também sinais que os auxiliariam em caso de instabilidade em suas jornadas, o que hoje é denominado sinal de socorro, destinado apenas aos que alcançarem o grau de mestre, que emblematicamente são senhores de todos os caminhos e espaços da Loja, podendo se deslocar como os maçons do passado, pelos 4 cantos do Orbe. Este sinal permanece mais como tradição, do que prática utilizada, pois em casos raros e excepcionais um mestre maçom se utiliza dessa prática fora dos templos. Ela permaneceu condicionada à posse da plenitude simbólica, ou do grau 3, e não nos graus 1 e 2.

O ritual do grau 3 da Grande Loja Maçônica do Estado de Goiás – GLEG, em sua 2ª edição, relativa

ao período 2014/2017, mencionou em sua segunda instrução, a existência do sinal de socorro, reservado para os casos de extremo perigo. Este sinal de socorro faz referência a Ísis, viúva de Osíris.

Segundo relatos bíblicos, eram filhos de Noé. Ele teria vivido 950 anos e quando tinha 500 gerou a Sem, Cam e Jafé. Aos 600 anos enfrentou o dilúvio e viveu ainda mais 3 séculos e meio. Os descendentes de Sem eram chamados de semitas, os de Cam estabeleceram-se em Canaã, no Egito e na África, os de Jafé, em sua maioria, na Europa e Ásia Menor. Noé é chamado de um “servo agradecido”. Como fidedigno mensageiro, alertou as pessoas dos tormentos que estavam vindo e que o tempo do dilúvio já tinha sido declarado. Chance de arrependimento e perdão.

Jafé ou Jafet foi o 3º filho de Noé. Sua esposa era Adataneses. Fundador da cidade de Jafa, foi o pai dos jafetitas indo-europeus. Seus filhos nasceram após o dilúvio e foram Gômer, Magogue, Madai, Javã, Tubal, Meseque e Tiras.

Cam, filho mais novo de Noé, foi pai de Cuxe, Misraim, Pute e Canaã. Foi salvo do dilúvio com seus irmãos, na arca que Deus mandou construir. Patriarca de importantes nações, como Núbia, Sabá, Nimrod, Filístia, Fenícia e povos cananeus.

Sem ou Sime, viveu 600 anos, sendo 500 após o dilúvio. Alcançou Abraão e viveu até a época de Isaque e Jacó. Viveu mais que seu filho Aparchade, morto em 438, antes do pai falecer. Sem, teria se apresentado a

Abraão como rei de Salém e com sua experiência com Deus de Noé, teria passado ensinamentos a Abraão, teoria esta contestada historicamente. É considerado o ancestral do povo semita. Religiosos árabes se consideram filhos de Sem, através de Aparchade, também o povo da China e Índia. Foram seus filhos, Elão, Assur, Aparchade, Lude e Arã, que teve como filhos, Uz, Hul, Geter e Más.

A maldição de Cam – após o dilúvio, Noé plantou uvas e produziu vinho de sua colheita. Embriagou-se e adormeceu. Cam deparou com o pai embriagado e desacordado, viu a nudez paterna. Contou aos irmãos. Não guardou o pudor e não cobriu o pai. Sem e Jafé o cobriram e não viram a nudez do pai. Ao recobrar a consciência Noé amaldiçoou o filho de Cam, seu neto Canaã: “maldito seja Canaã, seja servo dos servos a seus irmãos”.

“Noé seria então a ascendência de toda humanidade, quase completamente destruída durante o dilúvio, face ao estado pecaminoso da humanidade. Noé e os oito sobreviventes se salvaram desta catástrofe, sendo responsáveis pela multiplicação e dispersão da raça humana por toda terra”. A visão bíblica é a de que “todos os seres humanos da Terra são descendentes da família de Noé”. Os nomes dos filhos de Noé têm os significados seguintes: Cam, significa “quente, morno ou inflamado”, referente a paixão. Sem, significa “nome, fama, glória ou reputação”. Jafé, significa “largo, espaçoso ou aberto”.

A tabela das nações ou descendência de Noé traz uma lista extensa dos descendentes de Noé, a partir da posteridade de seus três filhos listados em Gênesis 10, do Antigo Testamento da Bíblia, fornecendo uma árvore genealógica das nações de toda a Terra, tendo Sem 26 descendentes, Cam 30 descendentes e Jafé 14 descendentes.



crônica

PROTAGONISTA DE UM FATO HISTÓRICO – I

Paranyhyba Santana | Cadeira nº 25

Sou um machado sem cabo confesso! Não sei nadar e não beiro barranco de rio, tampouco me atrevo entrar em canoa. Quando vamos à maravilhosa Pousada das Acácias, em Aruanã, fico lá na sede. Não perdi e não tenho o que procurar lá para as margens do majestoso Araguaia. Sempre pensei que aquele que não sabe nadar tem menor chance de morrer afogado. Por uma razão simples: não dá chance ao afogamento respeitando o poder da água.

Mas, independentemente dessa falta de habilidade dentro d'água, acabei comprando um pacote de um Cruzeiro de Travessia Brasil/Europa! Agora, dia 06 de abril de 2025, me vi passageiro de um monstruoso resort de altíssimo luxo e que sabe nadar. O fantástico MSC Grandiosa! Coisa de quatrocentos metros de comprimento e dezenove andares de altura. E, muito luxo!

Dentro do meu planejamento, depois de 18 dias navegando, chegamos a Valência, onde desembarcamos. A viagem total tinha como destino

Roma. Mas, como já conhecia a Itália e não conhecia a Espanha, desembarcamos em Valência. Decisão das mais acertadas. Depois de conhecer aquela cidade linda, nos deslocamos, em trem de alta velocidade, à maravilhosa cidade de Barcelona! Almocei no Mercado de La Boqueria (lindo) e no Botafumeiro, um espetacular restaurante com estrelas Michelin. Depois de desfrutar de tudo de bom que Barcelona tem para deliciar os olhos de um turista, com sua Sagrada Família, museus, Ramplas, etc., fomos embarcar em um trem de alta velocidade com a intenção de fechar o passeio em Madri.

Aí, começa a história que dá referência ao título destas mal traçadas linhas. A OPORTUNIDADE DE SER PROTAGONISTA DE UM FATO HISTÓRICO!!!

O trem, com uma precisão absurda, exatamente às 11:30 horas, partiu de Barcelona em direção a Madri. Digamos de passagem que a viagem em um desses trens é melhor do que a de avião. Anda rápido e lhe oferece

um conforto que somente as classes mais caras da aviação lhe proporciona. Às custas de muito dinheiro. O trem, não! Com menos de quarenta euros você estará embarcado para uma bela viagem. Isso, se não acontecer imprevistos!!!

Falando em imprevisto, após passar por Zaragoza, com parada rápida de uns cinco minutos, lá vamos nós a 280 km/h. Entretanto, após ter rodado por cerca de vinte minutos, o dano do trem perdeu a vontade de viver e foi perdendo velocidade até parar de vez. Suas luzes internas, apagadas! Isso aconteceu por volta das 12:30 horas. Cá comigo pensei, deve ter dado uma pane no setor elétrico, mas logo eles chamam a Celg, Enel ou Equatorial, para dar um jeito de religar a “chave do poste” que deve ter caído e nós seguiremos a viagem. Se acabou a Celg por aqui, por lá nunca existiu! E a Enel e a Equatorial nunca prestaram um serviço de qualidade.

O tempo foi passando e nada da energia voltar para levar aquela serpente gigantesca para casa. Um

trem daqueles, sei lá quantos vagões possui, transportam incríveis mil passageiros. Mundo veio de gente! Ficamos parados em meio a uma plantação de trigo. Para quem já viu um campo de trigo, sabe da beleza que é, principalmente quando o vento bate formando ondas. Lindo!!! Bonito, mas no meio do nada. O tempo foi passando e a primeira demonstração do desastre que estávamos metido, foi o saturamento dos sanitários dos vagões. Esses sanitários, quando o veículo está em funcionamento e andando, vão despejando seus dejetos pelo caminho. Quando parados, fecham a saída embaixo e os vasos sopitarão com o uso. Não deu outra. Sanitários impraticáveis de serem usados! daquelas mil pessoas/passageiros do trem, sua maioria era composta do sexo feminino. Fisiologicamente, o homem se resolve facilmente atrás de uma moita e ficando de costas para os espectadores. A mulher, não! Há de ter local minimamente adequado. Mas, onde com os banheiros derramando seu conteúdo? Tudo isso, aconteceu com o trem parado coisa de uma hora, ou menos! A primeira orientação, transmitida na modalidade do tipo boca a boca, era de que os homens não se dirigissem à frente da locomotiva.

Continua na próxima edição...



artigo

PARA LER E ESCREVER LITERATURA BRASILEIRA

Alexandre Avelino Giffoni Junior | Cadeira nº 12

Já anunciamos na Folha da Cidade o projeto de um Curso chamado “Tópicos de Literatura Brasileira” que será oferecido de forma presencial e online pela Academia de Letras de Rio Verde (ALERVE) e Academia Goiana Maçônica de Letras (AGML).

Esse curso será resumido e publicado aqui e no Jornal “O Confrade”, como verdadeiros capítulos de um livro até o final do ano, seu tempo de duração. Terá como núcleo teórico uma Teoria da Literatura que dialoga com a Abordagem Histórico-Cultural e o Pensamento Complexo transdisciplinar.

Trilharemos o caminho da Literatura Brasileira de hoje, até chegar nos escritores e obras principais do Brasil colônia. Mas faremos apenas algumas primeiras aproximações aos temas pois o pequeno espaço que temos não comporta todas as explicações e as trocas de ideias que professor e estudantes compartilham em sala de aula.

Para pensar, ler e escrever com a Teoria da Complexidade precisamos estar atentos para o problema da contextualização da fala oral ou escrita. Perceber as perspectivas dos outros, a situação social de todos os envolvidos nos processos cotidianos de produção dos textos, dos discursos.

Em outras palavras, trabalharemos com a vida ela mesma, com a realidade produzida pelas pessoas (escritores ou leitores) no processo histórico situado no contexto da produção das falas, das culturas que perpassam as instituições através das pessoas, presentes na sociedade constituída pelos indivíduos.

A contextualização é uma das ferramentas para a compreensão de qualquer discurso, seja ele oral ou escrito. A literatura não escapa dessa regra. Ao se deparar com um texto literário, é necessário situá-lo em seu contexto histórico, cultural e social para que as nuances e os significados mais profundos sejam devidamente apreendidos.

Com esse conceito em mente, faremos a análise do livro escrito por Marcelo Rubens Paiva, “Ainda estou aqui” (Rio de Janeiro: Alfaguara, 2015), em que ele narra a história da sua família, da sua mãe, Eunice Paiva, e do seu pai, Rubens Paiva, preso, torturado e morto, tendo o seu corpo desaparecido pela ditadura militar brasileira, que durou 21 anos, entre 1964 e 1985.

A brutalidade do governo autoritário e repressivo deixou marcas sombrias na história do nosso país e ainda hoje os reflexos emergem do inconsciente coletivo do nosso povo e das

pessoas que viveram aquele período. Mas já vem sendo esquecida... e tal esquecimento vem sendo aproveitado e fomentado por aqueles que tentam destruir a democracia brasileira, ainda tão jovem.

Essa é a denúncia do autor, o alerta de quem afirma não se tratar de revanchismo, mas de cuidado para que aquele período recente de trevas e dores não ocorra mais. Marcelo fala sobre os complexos, os traumas individuais e sociais dos brasileiros, através da metáfora concreta do esquecimento popular, no esquecimento que sua mãe desenvolveu através da demência chamada Alzheimer.

Essa obra é um excelente exemplo de como a contextualização pode enriquecer a leitura, pois nos permite entender a dor, a resistência e a memória familiar dentro de um período turbulento da história do Brasil. Além disso, mostra os fatores contraditórios que deflagraram aquele movimento: os problemas econômicos e políticos no Brasil e no mundo dividido em comunistas e capitalistas, em plena guerra fria.

O livro é escrito em um contexto da história recente do Brasil em que a luta pelo poder faz reviver os mesmos receios em uma população manipulada pelos meios de comunicação e as chamadas mídias sociais. Em um momento em que o nosso país e outras nações começam a destruir as democracias através de líderes autoritários eleitos pelo voto popular.

Quem lê “Ainda estou aqui” percebe que a propaganda política das redes sociais promove atualmente a mesma exaltação dos ânimos e fortalece uma

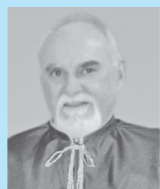
verdadeira guerra entre pessoas que se dizem de direita e as que se dizem de esquerda; as amizades e as famílias são destruídas pela paixão partidária e cega, de pessoas que leem cada vez menos e constroem a sua visão de mundo no âmbito estreito dos Whatsapps e TikToks.

Em verdade, a atitude agressiva daqueles que afirmam “quem não está comigo está contra mim” impossibilita o diálogo, o respeito às diferenças, a busca do que há de bom nas diferentes formas de pensar e ver o mundo. E desemboca no comportamento autoritário, fascista, ditatorial.

Portanto, o autor escolhe o mesmo caminho da sua mãe Eunice e do seu pai, Rubens: defender a democracia a qualquer custo e fazer lembrar o quanto a ditadura é perversa. Mesmo sendo acusado pelos ditadores de ser comunista e terrorista, o que não era, e ser torturado e morto, como tantas outras pessoas.

Penso que esse é um belo exemplo de que a Literatura influencia e é influenciada pelas pessoas, instituições e sociedade, além das outras artes. O livro do Paiva é reescrito em um roteiro do filme de mesmo nome: assim, o cinema brasileiro ganha inúmeros prêmios pelo mundo, inclusive o Oscar de 2025.

Portanto, desejamos a todos um excelente passeio pelas salas dos nossos cinemas e uma boa leitura de “Ainda estou aqui”, contextualizados por um bom livro de História, daqueles livros que mostram o verde das árvores, como elas são. E... aguardem o lançamento do Curso Tópicos de Literatura Brasileira pela ALERVE e AGML, com apoio desta Folha.



memorial

AGML CELEBRA FUNDAÇÃO DA ALERVE

Alexandre Avelino Giffoni Júnior | Cadeira nº 12

No dia dezesseis de junho último, a Academia de Letras de Rio Verde (ALERVE) comemorou seu primeiro ano de constituição, na sala de reuniões gentilmente cedida pelo Grupo Cereal, em uma reunião festiva e de trabalho, aberta com uma oração e os hinos Nacional e à Rio Verde, que foram cantados por todos.

Estiveram presentes à reunião os Acadêmicos Alexandre Avelino Giffoni Júnior (Presidente), João Orlando Cruvinel de Lima (Vice-presidente), Evaristo Lira Baraúna (Tesoureiro), Dill Ferreira (Secretária), Adriano Hertzog (Relações Públicas), Virneide de Fátima Bueno de Lima (Bibliotecária), Oníria Guimarães (Comunicações), e a Confreira Zilda Pires. O encontro foi enriquecido com a troca de experiências, com a participação do Presidente da Academia Goiana Maçônica de Letras (AGML), Confrade José Mariano L. Fonseca e do também acadêmico

Abel Tolentino. E o jornalista Antônio Osvaldo Carvalho.

O Presidente da AGML, José Mariano, convidou a ALERVE para participar dos trabalhos no Encontro Nacional das Academias Maçônicas e não Maçônicas do Brasil, no período de 22 a 24 de agosto, em Caldas Novas. “Haverá espaço para uma boa prosa, uma boa poesia e vocês estão convidados” – afirmou o Prof. José Mariano.

A reunião foi marcada por alegre bate-papo, regado por rica retrospectiva dos fatos culturais e da vivência dos membros ao longo dos 12 meses da ALERVE. O Presidente Alexandre Giffoni e todos os acadêmicos lembraram momentos marcantes da trajetória individual e as vividas pelo grupo. Todos enalteciram o importante papel cultural e educativo desta Academia junto à sociedade e a administração pública rio-verdenses.

Na avaliação de todos os presentes, o primeiro ano da ALERVE foi muito

produtivo: “... tivemos reuniões de trabalho nas casas uns dos outros, o que nos uniu ainda mais e, agora, neste espaço cedido pelo nosso Confrade Evaristo. Um dos grandes marcos foi a oportunidade de entrelaçarmos nossos corações, enfrentando com humildade ativa as resistências”, destacou o Prof. Alexandre Giffoni.

Podem ser citadas como iniciativas importantes, nesse período, as reuniões com o Ex-Prefeito de Rio Verde, Dr. Paulo do Vale, e com o atual, Dr. Wellington Carrijo, que avalizaram a fundação da ALERVE, com o apoio total aos projetos de parceria público-privado entre a ALERVE e a Prefeitura Municipal de Rio Verde, através das Secretarias Municipais de Educação e a de Cultura.

Também foi pauta da reunião a nomeação de 5 novos membros da ALERVE. Estes foram apresentados por seus padrinhos, através de currículos e obras

produzidas, de maneira a atender os estatutos da Academia de Letras de Rio Verde. São eles: Carlos Augusto, Gina Barros, Leonardo de Oliveira, Maria José Jardim Godoi e Nayanne Rezende. Todos foram aprovados por unanimidade.

Durante a reunião também foram explicados dois dos principais projetos da ALERVE, para os quais serão direcionadas parte das energias da academia nos próximos períodos: a produção de uma Festa Literária em Rio Verde, de autoria do Acadêmico Adriano Hertzog e o de elaboração de uma obra literária composta por personalidades importantes para o desenvolvimento social, econômico, educativo e cultural de Rio Verde, de autoria do Acadêmico João Orlando.

Ao final da reunião de trabalho, aconteceu o momento festivo, comemorado com “os parabéns para você”, jovem ALERVE. Foram servidos um lanche delicioso e o bolo de aniversário, presenteados pelo Grupo Cereal e as tradicionais fotos e abraços refletiram o compromisso fraterno e a garantia de que cada vez mais esta entidade trabalhará pelo desenvolvimento da arte e da cultura da sociedade brasileira.



educação & cultura

ENTRE NÔMADES E HIPERNÔMADES

Hamilton Werneck | Colaborador

A primeira reação quando falamos em nomadismo é a visão de um povo errante, sem destinos definidos e sem metas específicas. Levar esta idéia a um profissional nesta década do século XXI pode parecer absurda e causadora de alguma repulsa.

Nomadismo reflete uma vida cigana, lembra os curdos deslocando-se na fronteira entre Iraque e Turquia e, em suma, tudo o que já foi considerado ultrapassado pela civilização patriarcal indo-européia que se estabeleceu justamente através do sedentarismo, admitindo algumas práticas nômades de menor profundidade como a transumância e os movimentos pendulares. Enquanto um refletia a vida de pastores que buscavam pastagens férteis e se deslocavam para as montanhas e, depois, retornavam aos vales, o outro representa o deslocamento diário entre centros de trabalho e de moradia, onde ônibus, metrô e barcos se deslocam transportando as pessoas de casa para o trabalho, retornando ao final das tarefas.

Uma breve história do futuro, livro importante para ser lido por qualquer pessoa em fase de

escolha de uma carreira profissional, aborda através do estilo claro e preciso de Jacques Atalli, a questão do profissional nômade, hipernômade e infranômade como estratégias para exercer bem qualquer profissão neste século de incertezas.

Se qualquer carreira profissional apresenta incertezas e as pessoas migram de uma função para outra em curto espaço de tempo, se as mudanças de profissão ocorrem várias vezes durante a vida ativa, nada melhor para enfrentar esses transtornos e transformá-los em oportunidades que a visão do moderno nomadismo. O nômade não trabalha em local fixo. Este time é formado por consultores e assessores que circulam entre regiões, cidades e países, através do nomadismo físico ou do nomadismo virtual das infovias conhece pouco a distância entre a casa e o escritório. Lançam-se mais além.

Muitos eventos profissionais, tais como congressos e simpósios são nômades. Hoje ocorrem numa cidade, amanhã noutra. Os eventos nômades exigem profissionais, palestrantes, expositores, por sua vez hipernômades que, praticamente, vivem

em deslocamento. Se o evento é atrator, também ele provoca o deslocamento momentâneo de algumas pessoas que ali se encontram porque o evento foi organizado. Pode ser o vendedor de café, fazendo a divulgação de sua marca, como o fotógrafo que documenta a presença das pessoas naquele evento. Esses são os infranômades. Eles residem nas cidades onde os eventos ocorrem, deslocando-se até eles por interesses momentâneos, porém, se permanecessem em suas oficinas, nada produziriam porque o evento tem local definido e os profissionais é que se deslocam até eles.

O profissional, por mais adaptado às tecnologias, por mais capaz de se articular em seus blogs, tweters e sites, se não for capaz de se adaptar às locomoções variadas para participar de cursos, executar tarefas e assessorar empresas, em pouco tempo estará com seu prazo de validade vencido.

A tecnologia de ponta pode determinar que em dois anos sem atualização, o profissional daquele setor esteja ultrapassado. Certas profissões exigem atualização diária, portanto, na sociedade do conhecimento só vale quem tem conhecimento, só serve a empresa que desenvolve conhecimento. As máquinas ajudam, porém, sem o conhecimento das pessoas não sustentam empresa alguma.

Para tornar-se um profissional eficiente e eficaz o nomadismo é uma exigência da sociedade das incertezas, onde “tudo corre, tudo passa e nada permanece”.



opinião

MAÇONARIA E POLÍTICA: UMA POSIÇÃO PRECISA SER TOMADA

Antônio Leite | Cadeira nº 27

Muito se fala de um passado grandioso da Ordem Maçônica em movimentos marcantes da vida nacional, como a Independência, a Libertação dos Escravos e a Proclamação da República. De fato, foram quadras importantes da história brasileira, nas quais os maçons tiveram participação efetiva, embora não fossem os únicos atores envolvidos, uma vez que as demais forças sociais também tivessem tomado parte nos eventos que antecederam e também sucederam essas transformações da ordem política e social do país.

Entretanto, esses movimentos ocorreram no século 19, a Independência tem mais de 200 anos, a República existe há quase 150 anos. Ao longo deste enorme espaço de tempo, paulatinamente, nossa Ordem foi perdendo influência nas grandes decisões nacionais. O apogeu da ascensão da maçonaria sobre os rumos do país deu-se, principalmente entre o final do Império e a República Velha.

A seguir, manifesto uma opinião pessoal que, por dever de consciência, tomo a iniciativa e a liberdade de apresentar aos Irmãos de todas as potências maçônicas, uma vez que, a meu modo de ver, esse é assunto que diz respeito à Maçonaria brasileira em geral, em todas as formas em que é praticada.

Como dito acima, o apogeu da influência dos maçons sobre a sociedade teve um espaço temporal bastante claro. Culmina com a participação de expoentes da economia, da política, do exército e do judiciário. Estes encontraram no seio das Lojas um ambiente seguro para discussão das ideias e projetos de transformação dos rumos da vida nacional naqueles tempos. Dessa aproximação de líderes nacionais, surgiu a força que a Ordem imprimiu às mudanças que aconteceram.

Entretanto, dois momentos também cruciais alteraram essa dinâmica dos maçons na vida brasileira. Foram as rupturas institucionais que culminaram nas ditaduras de 1930 e 1964. Como é próprio das ditaduras, as atividades de sociedades sobre as quais elas não têm poder ou influência são vistas como perigosas para o regime e consequentemente, ou são banidas, ou cerceadas, como houve naqueles dois períodos.

Dois outros fenômenos, em minha maneira de ver, somam-se a esta nova realidade. Como um círculo de causa e efeito, as classes políticas dominantes deixaram de se interessar pela maçonaria (basta ver que o último presidente eleito, que foi iniciado maçom, foi Jânio Quadros, em 1961) Na esteira de todo esse processo, nossa Ordem, que era

“secreta”, passou a ser “discreta”, o que por um lado permitiu a entrada de um grande número de novos filiados a partir da segunda metade do século 20, homens de valor, buscados no seio da nova classe média urbana que surge com a industrialização pós Vargas e as transformações sociais que de deram após os anos 50.

Neste novo cenário que se dá a partir de todas essas mudanças, surge na Maçonaria brasileira, uma nova diretriz que afastou ainda mais a Ordem das decisões da vida nacional. Passou-se a desestimular a discussão de temas políticos nas Lojas, sob o pretexto de que se devem evitar temas polêmicos entre os maçons. Pensando em se manter um clima neutro na Maçonaria, esta é uma deliberação até certo ponto, interessante.

No entanto, esse distanciamento progressivo fez com que cada vez menos, tivéssemos influência cada vez menor nos acontecimentos de relevo no Brasil. A título de ilustração, não me recordo de uma posição firme da Maçonaria na Campanha das Diretas Já, no Impeachment dos ex-presidentes Collor e Dilma, nas manifestações populares à época da Lava Jato. Foram situações de destaque, de relevo, a partir das quais, houve inquestionáveis transformações na ordem nacional e... a Maçonaria passou ao largo, como se não fizesse parte daquela mesma sociedade que se posicionou em relação àqueles temas.

O que defendo aqui não é que se deva tomar posição a favor desse ou daquele partido ou candidato, de forma alguma! O que se propõe é que não podemos ficar omissos no debate das ideias, da discussão sobre o que pensamos para o futuro do país, sobre os riscos e benefícios que

uma ou outra proposta representam, ou ainda que, ante o embate dos extremos, possam existir opções que sejam compatíveis com os ideais que devem sempre nortear nossa instituição. O que se defende aqui, não é a discussão partidária, mas das ideias, dos projetos, do que se pensa para o país e para sociedade.

Não se pode perder nunca de vista que as bases da maçonaria, estabelecidas lá em 1717 se encontram suas bases mais sólidas no que o Iluminismo deu de mais importante para o ocidente a partir do século 17 e que até hoje rege nossas relações de poder e os limites da sociedade. A maçonaria deve ser sim, um ponto importante de debate e discussão para o futuro do país, deve ser sim, uma referência nacional, pela qualidade de seus membros, pela sua capilaridade em todo território nacional.

Acredito que é chegado o momento de se rever essa situação. Acredito também que nós desconhecemos a força e o respeito que temos para além dos nossos templos e que é nosso dever debater ideias, propostas de maneira firme, corajosa e aberta. É preciso sair deste lugar de aparente não interferência para uma postura de participação ativa nos vários e graves problemas do país.

Igrejas (especialmente as neopentecostais) órgãos de classe, associações de produtores rurais, sindicatos entre outros não se omitem no debate e progressivamente assumem maior protagonismo. Nós, lamentavelmente, estamos ficando cada vez mais isolados neste processo. É preciso que isto mude, é fundamental que isto mude. Não podemos mais ficar a reboque dos outros nestes tempos tão dramáticos



opinião

REFLEXÕES SOBRE INTERFERÊNCIAS NOS PODERES E O PAPEL DO DEPUTADO

Maceió de Goyaz Leite Neto | Colaborador

Imagine a democracia como um time de futebol. Cada jogador (os Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário) tem uma posição e uma função específica para o time jogar bem. Quando um jogador tenta dizer ao outro como jogar ou tenta escolher quem será o capitão (interferência, especialmente em eleições internas), isso atrapalha todo o time. Se o Executivo tenta controlar como os deputados votam ou como os juízes decidem, ele quebra esse equilíbrio importante. É como um vírus que deixa o time doente.

Essa tática de tentar controlar todos os espaços é típica de ditadores e governos autoritários, algo que a Maçonaria exige de seus membros combater. Aqueles que não respeitam essa independência e tentam interferir usando da estrutura de poder que detêm, só estão preocupados com seus próprios interesses e não com os do coletivo, pois não se importam com as destabilizações que podem causar.

Precisamos estar atentos, essa tentativa de controle acontece muitas vezes de um jeito disfarçado, falando em fazer o bem para todos, por meio de um

discurso amigável, fazendo acusações infundadas, tentando depreciar, menosprezar os outros, usando sua posição e a de seus subalternos para fazer pressões e constrangimentos.

Para a Maçonaria, essa intromissão é algo espúrio, contrário a seus princípios, uma verdadeira violação dos juramentos. O funcionamento interno de um Poder, como o Legislativo, deve ser livre, como todo Maçom deve ser, não pode estar recebendo ordens de fora em suas questões internas.

Os deputados têm um papel muito importante. Eles são os guardiões da independência dos Poderes e da nossa democracia. É responsabilidade deles perceber essas tentativas de dominação e opor-se a elas, devem servir como uma barreira contra quem quer mandar em tudo.

Um bom deputado deve ser como um “fiscal” consciente. Ele não vai ser contra a gestão só por ser contra ou para atrapalhar o andamento. Ele vai se opor quando ver que algo está errado, baseado em seus princípios e no entendimento de que certas ações prejudicam a coletividade e a democracia. Ele deve votar e se posicionar de acordo com

o que acredita ser certo no bem de todos. A responsabilidade de seu voto é apenas dele, não pode se submeter a pressões de ninguém, mesmo de pessoas ou grupos próximos a ele. O seu compromisso é com o interesse geral e com a democracia.

A verdadeira harmonia entre os poderes não significa que eles precisam sempre concordar em tudo, mas sim que cada um deve fazer o seu trabalho com independência e respeito pelos limites dos outros, sempre buscando o bem da sociedade. Quando essa harmonia é quebrada por interferências indevidas, a democracia fica mais fraca e todos perdemos, quebra a credibilidade e a confiança nas instituições.

Precisamos estar sempre atentos e os deputados precisam agir com firmeza para proteger a independência dos poderes em geral e do Legislativo em particular. Ele é responsável pela manutenção da ordem e do sentimento de fazermos parte de algo sério e ético. Devem garantir que o que é melhor para todos seja sempre a prioridade. Não deve perder os ideais maçônicos em políticas profanas de toma lá da cá, que só exalta vaidade e nos cobre de vergonha.

Sejamos verdadeiramente, homens livres e de bons costumes, exemplos ao mundo lá fora, que não nos prestemos ser uma mera cópia de suas perversidades e ausência de moral. Nosso compromisso primeiro não é com a gestão A ou B, mas com a Maçonaria, nossa sociedade e nossa família.

tempo de estudo

APRENDIZ MAÇOM, QUEM É VOCÊ?

Marcelino Taveira da Silva | Colaborador

A palavra *aprendiz* é derivada do verbo *aprender*, o qual, por sua vez, tem origem na palavra latina *apprehendere*. Dessa maneira, um aprendiz é aquele que busca captar o conhecimento de outrem (Cunha, 2010). O aprendiz é quem aprende um ofício, uma arte; é um principiante (Ferreira, 2004), um neófito.

Aprendiz Maçom é aquele que, no complexo maçônico (Camino, 1999), busca aprender conceitos, símbolos, alegorias e, sobretudo, que busca aperfeiçoar-se moral e espiritualmente. Encontra-se ele em tenra idade, é inexperiente e sabe apenas soletrar.

Torna-se imprescindível mencionar que esse perfil mencionado aqui é traçado por uma via que abarca o conhecimento, o sentimento e a ação.

Assim que o Aprendiz Maçom estuda o significado dos instrumentos de trabalho, espera-se que ele descubra que os referidos instrumentos representam o próprio conjunto da vida em três aspectos: cognição, emoção e atividade. É possível perceber que a experiência vital tem por base o tríplice *conhecer-sentir-agir*.

Conhecimento, sentimento e ação conectam-se, simbolicamente, aos

instrumentos de trabalho do Aprendiz Maçom.

O ato de conhecer é retidão, envolve o planejamento do trabalho. Imaginamos aquilo que iremos concretizar em nossa vida. O Aprendiz Maçom, por meio de suas faculdades mentais, pensa, reflete, planeja, projeta, é capaz de estudar-se. Justamente nessa jornada, é interessante perceber que o pensamento humano carrega a receita do sucesso e que inexistem barreiras para o conhecimento.

Emoções e sentimentos são o descarregar de golpes em nosso próprio ser. A capacidade de corrigir-se e evitar equívocos é a representação da própria natureza, e esta age incessantemente. Ela, a mãe *natura*, é capaz de realizar prodígios. Vale uma reflexão: o Aprendiz Maçom deve considerar a natureza humana o agente de sua própria mudança interior ou deve tê-la como matéria-prima para o autoconhecimento?

Resulta oportuno salientar que esse processo de autoconhecimento desemboca naquilo que chamamos de desbastar a pedra bruta. Cada Maçom deve ter isso em mente, pois, todos os dias, deverá construir templos que sirvam à exaltação das virtudes e cavar profundas e

escuras masmorras que sejam capazes de aprisionar delitos e vícios. Tal é o trabalho de uma vida inteira, querido irmão Aprendiz Maçom.

Em pauta, falar de autoconhecimento é falar em consciência. Falar em consciência resulta fazer uso da percepção que temos de nós mesmos. De acordo com o Dr. Ouspensky (1987), a consciência só pode ser conseguida de maneira voluntária, isto é, é preciso querer perceber-se.

Cotidianamente, estamos envolvidos em nossos próprios pensamentos. Não é difícil perceber que muitas imagens surgem em nossa mente sem que, de fato, estejamos acessando-as. Por vezes, um emaranhado de ideias pode nos trazer cansaço mental e físico.

Seria possível relacionar esse conjunto de pensamentos que passam por nossa mente durante o dia com a Sala dos Passos Perdidos. Nela, há múltiplos diálogos, há recordações, conversas amistosas e despretensiosas, desa-bafos, reencontros e pouco silêncio. E é assim que deve ser.

E quem nós somos no nosso cotidiano? Paramos para pensar, ou melhor, para observar os pensamentos que passam pela nossa mente durante o dia? Entendemos de onde vêm nossos sentimentos? Arrependermo-nos, irmão Aprendiz Maçom, de nossas ações? Quando nos ocupamos dessas questões, sem dúvida, passamos a trilhar o caminho do autoconhecimento e tornamo-nos senhores do correto pensar, do correto sentir e do correto agir. Desbastando a pedra bruta

com malho e cinzel, é possível realizar uma grande obra.

Pois bem, existem o Eu e o Não Eu. Pode-se inferir que o EU é o sujeito; o NÃO EU, o objeto. O EU é aquele que conhece algo; o NÃO EU é algo a ser conhecido. O EU deve ser observador; o NÃO EU deve ser observado. Aqui, é preciso limitar-se a dizer que o EU e o NÃO EU não formam duas naturezas individuais, mas sim, um terreno pronto para a construção, para o entendimento daquilo que podemos realizar em nosso cotidiano, quando nos referimos ao Conhecimento. Seria muito interessante que o Aprendiz Maçom se dedicasse a observar, a prestar atenção àquilo que pensa, àquilo que sente, àquilo que faz. Percebendo-se, é possível torna-se um homem melhor. Uma outra reflexão

oportuna: somos merecedores da retribuição que recebemos, a cada dia, do Grande Arquiteto do Universo pelo trabalho que temos realizado na construção de nosso Templo Interior?

Afastar-se do *apprehendere* cotidiano não é uma opção para o Maçom. E esse entendimento é, realmente, para a vida toda. A sugestão aqui é para que cada um de nós busque observar a si mesmo. Precisamos descobrir o que é preciso mudar para que a obra seja bem realizada, seja sólida, firme, inspiradora, bela. Pode-se afirmar que o NÃO EU faz parte do planejamento da construção de nosso Templo Interior, morada de nossa Alma. Hoje é dia de refletir.

Aprendiz Maçom, quem é você?



artigo

O SIGNO DE SALOMÃO

Jefferson Soares de Carvalho | Cadeira nº 15

Também conhecido como Selo de Salomão, nos é apresentado no Grau de Companheiro Maçom. É uma estrela formada por dois triângulos equiláteros sobrepostos, entrelaçados em forma de seis pontas. É a representação gráfica da união do fogo e da água.

A atmosfera psíquica, que envolve nossa personalidade, sob a ótica hermética, é composta de água vaporizada pelo fogo – a água ígnea, o fluido vital, carregado de energias ativas.

O triângulo com a ponta para cima é a representação do fogo – a mesma dada pela Alquimia – é um masculino-ativo, representando a energia individual, o ardor da própria personalidade e o outro, com a ponta para baixo, é a representação da água, é feminino-passivo, em forma de taça, destinado a receber o orvalho depositado pela umidade através do espaço.

Para alguns Gnósticos, o Divino deve ser entendido como uma relação harmônica e dinâmica de opostos, próxima a concepção oriental do *yin* e *yang*.

Trata-se de um dos significados primordiais da civilização onde o triângulo apontado para cima é uma representação refinada do sexo do homem e que a ponta para baixo – conforme era representada na Índia, Grécia e Roma – corresponde à parte íntima da mulher.

Biologicamente, características do homem estão presentes no corpo feminino e vice-versa. Carl Jung descobriu que esse tipo de fenômeno ocorre também em nível psicológico, sendo de grande importância no aspecto social dos indivíduos, pois atua no seu relacionamento com o mundo afetivo exterior.

Chamou-os de *Anima* e *Animus* esses aspectos psicológicos autônomos dentro do nosso inconsciente e nos quais temos pouco controle consciente sobre suas influências em nossas atitudes.

Jung os definiu como personificações do inconsciente que tem como função conectar o consciente com o inconsciente de forma a criar uma relação dialética entre eles. Jung diz: “*A anima, sendo feminina, é a figura que compensa a consciência masculina. Na mulher, a figura compensadora é de caráter masculino, e pode ser designada pelo nome de anima*”.

Anima, do latim alma, é o princípio feminino da personalidade do homem – triângulo voltado para cima – e *Animus*, do latim espírito, é o princípio masculino na personalidade da mulher – triângulo voltado para baixo.

Anima, se caracteriza pelo sentimento e *Animus*, pelo pensamento racional. *Animus* é ativo, rígido, cobrador, ligado à razão, à lógica, usa mais o amor condicional, busca o conflito, a agressividade e a destruição. Quando a mulher

atua de forma fria e violenta ou apresenta determinação para levar algo até o fim, ou como uma entidade que acaba inspirando espiritualmente a mulher; é o aspecto *Animus* agindo.

Já a personalidade *Anima* é passiva, flexível, tolerante, ligada ao sentimento, à intuição, usa mais o amor incondicional, evita o conflito, é protetora do mundo afetivo e ligada a criação. O homem voltado para a sua *Anima*, valoriza a sensibilidade, os dotes artísticos, a espontaneidade, em detrimento de sua agressividade e assertividade primitivas. Quando é tomado por um sentimento de fúria ou de ciúme, bem como uma sabedoria feminina capaz de intuir sobre o funcionamento do mundo e da vida; é o aspecto *Anima* agindo.

A *Anima* possui seu lado positivo e negativo, pode tornar o homem exageradamente vaidoso, faz com que tenha alterações constantes de humor, que seja excessivamente sensível, melancólico e emocionalmente instável. Positivamente, torna-o uma pessoa criativa, que sabe expressar sua sensibilidade, ternura, paciência e sensualidade.

O mesmo ocorre com o *Animus*, negativamente, faz com que a mulher seja rígida e autoritária em suas opiniões, manifesta julgamentos preconceituosos, é dogmática e tem comportamento agressivo. Muitas vezes, desenvolvem um sentimento revolta, de raiva e impotência diante das injustiças da vida e do mundo, podendo gerar atitudes neuróticas incapacitantes. Positivamente, desempenha um importante papel no desenvolvimento da criatividade, além de conferir à personalidade a sensação de autoconfiança e força intelectual.

A transformação da personalidade é brusca e impressiona, pois há uma mudança da personalidade dominante. Normalmente as testemunhas dizem: não era ele agindo ou falando, parece que estava possuído. Veja uma mulher sociável e acolhedora, que não julga os outros, comumente dita como “*de bem com a vida*”; de repente responde friamente a uma pessoa querida, fala verdades chocantes e situações que a incomodaram e que vinha guardando a muito. Um homem calmo e racional, de repente, tem um ataque de mal humor e a menor provocação extravasa ressentimentos e reclamações emocionais.

Há pessoas que sofrem de constante e inadequada manifestações de sua *Anima* ou de seu *Animus* em sua personalidade (fora do controle consciente).

Um homem muito másculo, voltado a conquista material e poder, pode sentir sua atenção sendo levada para coisas mais sensíveis e imateriais. Irritado, ele reprime essa manifestação de sua *Anima*. Isso só fará fortalece-la ainda mais e um belo dia, embaraçado e envergonhado, ele cai em um choro compulsivo ao ter uma experiência emotiva.

A integração de nossa contrapartida de gênero – o equilíbrio e harmonia entre os dois triângulos – é um imenso desafio, um processo árduo e contínuo. Jung chamou esse trabalho de integração de conteúdos inconsciente de individuação.

Cotidianamente, podemos buscar esse equilíbrio, prestando atenção nas nossas atitudes e entender o que a *Anima* ou o *Animus* quer de nós e assim, encontrar maneiras de reconhecer e integrar suas demandas à nossa vida.



crônica

NÃO OFEREÇA UM BAGUETE A UM ITALIANO!

Carlos André Pereira Nunes | Cadeira nº 10

Manhã de terça-feira de Carnaval. Saio para comprar pão, como – aliás – faço todos os dias! A verdade é que a compra de um pão é muito mais do que um ato de compra de um símbolo crístico que nos remete à alteridade. A compra de um pão é a oportunidade única de conhecermos as pessoas na aurora de suas percepções; no despertar de suas bondades; no alvorecer de suas necessidades de convivência.

À hora da compra do pão, todo mundo ratifica a filosofia rousseauiana de que o homem é bom; de que a fraternidade é o que move as relações humanas; e, finalmente, de que a insólita e draconiana convivência do resto do dia é causada tão-somente por um sistema competitivo anti-humanista, que nos afasta de nossa humanidade.

Mas, não se esqueça, leitor!

O texto foi escrito em uma manhã de carnaval e – como você sabe – o carnaval, até pela etimologia, carnis vales, reserva-nos a visão da face hedonista do ser humano; dos prazeres da carne; da intimidade com nossas fraquezas narcísicas, herculeamente combatidas nos jejuns pascais.

No carnaval, as máscaras são, em uma lógica lacanianiana, a representação de nós mesmos; de nossas fraquezas diante de nossa insignificância cósmica...

Acalme-se, leitor! Não quero assustar você! Não quero aqui fazer a filosofia do pão ou um conagraçamentismo com a epistemologia cosmogônica existencial...

Não... O que eu quero é falar a você da nossa querida Última Flor

do Lácio, a partir de um fato que me marcou a última manhã de Carnaval deste ano.

Pois bem! Cheguei ao supermercado para comprar o bendito pão e, por óbvio, postei-me à fila para esperar minha vez de ser atendido, quando, de repente... (como dizem os italianos: “*Porca miséria!*”)... vejo uma cena grotesca!

Não é que uma senhora hedônico-narcísica, saída das entranhas da Sapucaí, pede um pão, que, segundo ela, seria italiano, que – novamente, segundo ela – era UM BAGUETE. Sim, leitor!

Ela pediu um pão ITALIANO que – acredite, segundo ela – era UM BAGUETE.

Um pouco estarecida, mas com muita gentileza, a atendente – quase que em um estado de ironia eufemística – indagou se ela gostaria do pão italiano que estava ao lado, ou se gostaria mesmo de UMA BAGUETE, francesa.

Leitor,

Em um surto de autossuficiência linguística, daqueles que não se encontram nem em filólogos como Aurélio e Houaiss, aquela senhora, rainha de bateria da escola Acadêmicos da

Ignorância, retrucou imediatamente as sábias palavras da atendente:

– A senhorita não sabe nem o que vende! Baguete é um pão italiano!

Continuou:

– Ah! Somente para constar, a palavra é masculina, porque é um pão!

Ao mesmo tempo em que saía, a mulher – com um ar de superioridade daqueles que não são percebidos nem em Luís XIV, à época áurea do absolutismo francês – dizia que morara na Itália por 11 anos, quase como um sinal de gozo capitalista.

Leitor,

A verdade é que o gênero das palavras não é um assunto considerado simples e seguidor de uma lógica aristotélica, matemática. O gênero de uma palavra é assunto que ultrapassa as fronteiras da etimologia: aventura-se também ao campo da sociologia. Por isso, não é realmente fácil...

Mas... É fundamental entender que dominar o gênero gramatical de um verbete (se masculino ou feminino) é muito importante, principalmente em situações formais ou contextualmente exigíveis, como é o caso do que ocorreu em nossa história.



artigo

COMO A MAÇONARIA IRÁ CONVIVER COM A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL – II

Michael Winetcki | Colaborador

Neste momento pude expressar a minha própria opinião. – Já conversei muitas vezes com alguns irmãos sobre este tema. A IA obriga-nos a uma objetividade, quer na pergunta, quer na resposta, a qual não estamos acostumados. E muitas vezes, a suposta tradição a ser guardada e apenas o costume ou a falta de conhecimento das alternativas ou pior ainda, o desconhecimento da evolução da sociedade no entorno. Uma das coisas mais difíceis para o homem é alterar seus hábitos ou costumes. Estacionado na chamada “zona de conforto” ele reage a qualquer mudança por mais desconfortável que esteja.

A Loja deveria ser exclusivamente um local de estudos e desenvolvimento pessoal através das práticas ritualísticas e da interpretação do seu simbolismo, mas uma espécie de mentalidade cartorial herdada dos séculos de gestão portuguesa no Brasil transformou a maior parte das Lojas em escritórios de administração. A burocracia lusitana de justifica pelo imenso tamanho do império e de suas enormes distâncias em tempos de lentíssima comunicação e transporte. Tudo precisava ser meticulosamente registrado para que a corte central em Lisboa pudesse tomar conhecimento do andamento dos negócios de Estado.

- Mas nada justifica que em uma sessão maçônica se perca precioso tempo de estudos discutindo cardápios de ágapes ou a troca das lâmpadas no salão.

Perdi a conta de quantas sessões assisti, cujo tempo foi desperdiçado com sessões inócuas, sem sentido, sem nenhum valor de aprendizado.

- Quando simbolicamente se entroniza um Venerável Mestre no “Trono de Salomão” está se coroando um rei, em um sistema monárquico, herdeiro das tradições europeias na época da formação da Grande Loja Unida de Londres e Westminster. Não se conhecia na época outro regime de governo que não fosse a monarquia ou o império. O Venerável Mestre é o REI. É um rei eleito para tomar decisões em nome de seus súditos e não precisa solicitar a eles para poder trocar uma lâmpada, um aparelho de ar condicionado ou acrescentar picanha a ágape festiva de comemoração. Ele tem uma diretoria, equivalente aos conselheiros reais, que lhe darão o suporte necessário às decisões e as reuniões administrativas não devem ser feitas no Templo. Este deve ser destinado EXCLUSIVAMENTE ao desenvolvimento dos estudos maçônicos.

O irmão Paim contribuiu: – Já aprendi em algumas palestras que os rituais que usamos receberam inúmeros acréscimos ao longo dos anos. Do ponto de vista formal, pelo menos no Rito Escocês Antigo e Aceito, estão bastante diferentes daqueles que nos foram legados pelos fundadores da Ordem. Mas com o passar do tempo estes acréscimos são incorporados e se tornam tradição, embora poucos saibam explicar o porque destas

mudanças ou qual é o seu simbolismo. Houve acréscimos de misticismo, esoterismo, Cabalá, numerologia e outros tantos assuntos, que embora interessantes pouco contribuem para o objetivo principal da Ordem que é transformar homens bons em homens ainda melhores.

- Pior ainda – prosseguiu o irmão Hamilton Rios – como esses temas citados por você são interessantes e mais agradáveis de ler, muitos autores, que adquiriram reputação, se comprazem em escrever livros como se a maçonaria fosse uma espécie de conhecimento mágico cheio de segredos, que com um toque ou uma palavra misteriosa podem transformar a vida das pessoas, trazendo fama e fortuna. Os verdadeiros maçons sabem que o caminho para o autoconhecimento e a busca da verdade é longo e penoso e demanda muito tempo e muito e muito estudo. Mas maçom gosta de estudar?

- Entendo, eu disse, que neste caminho que percorremos os rituais são apenas indicadores, como placas em uma rodovia. A placa mostra por exemplo: São Paulo – 1000km. Sabemos que estamos no caminho certo, mas apenas no primeiro quilometro da estrada. Os ensinamentos ocorrem à medida que vamos percorrendo o caminho e esse percurso exige dedicação e estudo.

- Mas bom maçom não é apenas quem estuda; existem irmãos que por diversas razões não tem condições de estudar. Mas são irmãos que apoiam a

Loja, que contribuem com a beneficência, que são fraternos inclusive com as famílias, que visitam adoentados e socorrem viúvas e sobrinhos, que preparam ágapes e banquetes, que tem comportamento social exemplar, são queridos e admirados pela sociedade, que apresentam profanos para iniciação, que são tolerantes com os erros que todos cometemos, que não recusam cargos ou encargos, que se oferecem para todos os tipos de tarefas, etc. Todos estes, na minha opinião, são excelentes maçons.

- Verdade, disse o irmão Mariano – A maior parte dos maçons operativos era analfabeta. Eram raros os mestres que sabiam ler ou escrever. Mas isso não impediu que essa multidão de iletrados construísse e nos legasse essas magníficas obras que até os dias de hoje encantam quem visita a Europa. Na maçonaria é a mesma coisa, a Ordem não funciona só em razão dos intelectuais, mas na união de todos os talentos e recursos dos que se propõe a tornar feliz a humanidade.

- Vejam por exemplo as Lojas Virtuais – falou Airtton – formadas durante a pandemia trouxeram novas ares ao estudo da maçonaria. Foi a primeira imersão da Ordem no mundo digital e a despeito do trabalho e das dúvidas que cercavam a sua instalação constituem hoje um sucesso que uniu irmãos estudiosos de todo o Brasil e alguns do exterior, que jamais se teriam conhecido e compartilhado conhecimento maçônico. O conhecimento maçônico atingiu níveis nunca antes alcançados em toda a história da maçonaria no Brasil e atualmente milhares de irmãos são beneficiados com estes estudos em uma vasta quantidade de Lojas Virtuais e grupos de estudo e

ainda Lojas comuns, mas que proporcionam instrução pela internet.

Acredito que a Inteligência Artificial irá facilitar a pesquisa de fontes e os estudos. Imagino também que alguns se sentirão tentados a utiliza-la para fazer os seus trabalhos, suas peças de arquitetura ao invés de se dedicarem a elabora-las de próprio cunho – contribuiu Getúlio Targino – mas isso é um problema de quem busca este engodo e não da maçonaria ou da IA. Da mesma forma que muitas potências e Lojas informatizaram seus procedimentos administrativos utilizando a informática em sua gestão, a Inteligência Artificial deverá contribuir para o avanço da maçonaria proporcionando múltiplos conhecimentos, facilidade de acesso e alta velocidade, sem esbarrar nas tradições. Por outro lado, alguns tradicionais procedimentos administrativos incorporados ao longo da história à Ordem, podem ser repensados, tais como a publicação de atas no grupo da Loja ao invés de sua leitura e uso de pix anônimo em lugar de circulação de bolsa de beneficência. Muitas Lojas já fazem isso, e ao invés de violentar a tradição ganharam um precioso tempo de estudos para o que realmente importa: – o estudo e internalização da simbologia maçônica.

Já passava de meia noite e alguns celulares começaram a tocar. Os trabalhos estavam encerrados e as famílias chamavam de volta os obreiros para o sossego e conforto dos seus lares e todos retornaram com algumas sementes que iriam crescer em suas mentes e em tempo oportuno brotar para uma nova maçonaria, mais rápida e inteligente, mais eficaz e solidária, sem deixar de respeitar suas tricentenárias tradições.



tempo de estudo

A RELAÇÃO DO SALMO 133 COM A MAÇONARIA – II

Lindomar Nascimento de Souza | Colaborador

Na Maçonaria, essa metáfora é aplicada à ideia de renovação espiritual e moral. O orvalho que desce sobre os montes é visto como uma bênção contínua e vital, assim como a fraternidade entre os maçons é uma fonte constante de crescimento e renovação.

Para a Maçonaria, o orvalho representa também a disseminação dos

valores e ensinamentos da ordem. Assim como o orvalho traz vida à terra árida, a sabedoria e os princípios maçônicos têm o potencial de trazer clareza e vitalidade à vida daqueles que buscam a verdade e o conhecimento. O salmo sugere que, na união e na harmonia, o ambiente espiritual se torna fértil para o crescimento pessoal e coletivo, algo que é altamente valorizado na prática maçônica.

Embora a Maçonaria não seja uma organização religiosa, ela adota muitos símbolos e textos espirituais para promover os valores universais que defende. O Salmo 133, apesar de ser um texto bíblico, é visto de forma simbólica e universal. Ele não é usado como conotação religiosa, mas como um lembrete da importância da união fraternal. A fraternidade maçônica transcende divisões religiosas, étnicas e culturais, e o salmo serve como uma afirmação dessa busca pela harmonia entre todos os seres humanos. Dentro do contexto maçônico, o Salmo 133 é lido na abertura dos trabalhos nas seções de Aprendiz Maçom e nas cerimônias de iniciação para reforçar o espírito de unidade e a importância do respeito mútuo e da cooperação entre os

membros. Ele é uma expressão de como a união entre os maçons é fundamental para o fortalecimento da ordem e para a realização de seus objetivos, que incluem o aperfeiçoamento moral e o serviço à humanidade.

O Salmo 133, ao celebrar a união fraternal, se encaixa perfeitamente nos valores defendidos pela Maçonaria. Ele oferece uma mensagem poderosa de harmonia e consagração, que ressoa profundamente com a visão maçônica de que a fraternidade e a solidariedade são essenciais para o crescimento moral e espiritual. Ao usar este salmo em seus rituais, a Maçonaria reafirma seu compromisso com a unidade e a busca por uma sociedade mais justa e harmoniosa.



E-books disponíveis no portal da AGML. Acesse pelo link:
<https://agml.com.br> ou pelo aplicativo do QR Code



HOME AGML DOCUMENTOS EVENTOS NOTÍCIAS MÍDIAS CONTATO

Jornal – O Confrade

Antologia Escritores

Antologia Confrades

Antologia dos Confrades escritores da AGML



[Publicações In memoriam]

Fonte: Google.



reflexão

FILHO DAS ESTRELAS

Jorge Antônio Vieira Gonçalves | Colaborador

É possível explorar o universo de maneiras que seriam inimagináveis algumas décadas atrás. Podemos visualizar galáxias distantes que se encontram a milhares de anos-luz de distância, analisar a composição química de planetas remotos e até mesmo acompanhar o nascimento e a morte de estrelas. Descobrimos que a infinidade de pontos brilhantes no céu noturno são, na verdade, sóis gigantes que possivelmente abrigam seus próprios planetas.

A Terra realiza uma rotação completa em torno de seu próprio eixo a cada 24 horas, resultando na sucessão dos dias e das noites. Além disso, ela orbita o Sol anualmente e a inclinação do eixo de 23,5° em relação ao plano orbital é responsável pelas estações. O Sol não permanece fixo em relação às estrelas. Diariamente, ele parece se mover do Leste para o Oeste, mas também se move anualmente no céu, de oeste para leste. Por estarem a grandes distâncias da Terra, as estrelas parecem se

mover juntas, mantendo suas posições relativas. Mas na verdade não são as estrelas que se movem, e sim a Terra que gira em torno de seu eixo. O movimento de rotação da Terra é responsável pelo aparente movimento das estrelas no céu noturno.

As estrelas visíveis estão tão distantes que parecem estar em repouso. Vistas da Terra, as estrelas parecem fixadas na superfície de uma esfera cristalina, girando constantemente em torno do globo terrestre, hoje sabemos que esse modelo é imaginário. Tal aparente posição fixa das estrelas é devido à enorme distância entre elas e a Terra, o que torna seus movimentos aparentes insignificantes ao longo do tempo, sem mudanças abruptas de uma noite para outra ou mesmo de um ano para outro. Entretanto o firmamento inteiro dessas estrelas “fixas” parece se mover do Leste para o Oeste, em torno de um ponto específico do céu que é sempre localizado ao norte, conhecido como Polo Norte Celeste.

AGML em ação

A Academia Goiana Maçônica de Letras (AGML), realiza projeto de extensão com foco em Educação, Cidadania, Segurança e Trabalho Seguro a Partir de Nossas Casas. A ação foi realizada em parceria com a Loja Maçônica Justiça e União nº 1012, a Fraternidade Feminina Cruzeiro do Sul da Loja Justiça e União e o Lions Clube Internacional – Goiânia Norte, e contou com a presença expressiva de membros da família maçônica e convidados da comunidade local.

O evento teve como principal objetivo oferecer formação, qualificação e treinamento voltados ao cotidiano e à promoção da segurança no ambiente familiar, com foco especial nas atividades realizadas dentro de casa, especialmente nas cozinhas – locais de grande potencial de risco quando não são observadas as normas de segurança.



registro ABIN



confraria celestial

Mas – o que é um pormenor de ausência. Faz diferença? “Choras os que não devias chorar. O homem desperto nem pelos mortos nem pelos vivos se enluta”– KRISHNA instrui Arjuna, no Bhágavad Gita. A gente morre é para provar que viveu. Só o epitáfio é fórmula lapidar. [...] Alegremo-nos, suspensas ingentes lâmpadas. E: “Sobe a luz sobre o justo e dá-se ao teso coração alegria!”– desfere então o salmo. As pessoas não morrem, ficam encantadas. [GUIMARÃES ROSA]

GRANDE ORIENTE DO BRASIL-GOIAS



MEMBROS DA ACADEMIA GOIANA MAÇÔNICA DE LETRAS

CADEIRA	MEMBROS	E-MAIL
01	Licínio Leal Barbosa	Maurício Lopes Ferreira (adjunto)
02	Anderson Lima Silveira	andersonlimadasilveira3@gmail.com
03	Aidenor Aires Pereira	aidenoraires@hotmail.com
04	Breno Boss Cachapuz Caiado	brenocaiado@hotmail.com
05	Luis Carlos de Castro Coelho	luiscoelho.adv20@gmail.com
06	José Mariano Lopes Fonseca	josemarianolopesfonseca@hotmail.com
07	José Eduardo Souza de Miranda	jemiranda@mirandacorrealima.com
08	Filadelfo Borges de Lima	Elismar Rodrigues dos Santos (adjunto)
09	Luiz Antônio Signates Freitas	signates@gmail.com
10	Carlos André Pereira Nunes	carlsoandre@carlosandre.com.br

CADEIRA	MEMBROS	E-MAIL
11	Flávio Roldão de Carvalho Lelis	flavio.roldao@ifg.edu.br
12	Alexandre Avelino Giffoni Júnior	agiffoni@outlook.com
13	Getúlio Targino Lima	gtargino@hotmail.com
14	Sebastião de Oliveira Castro Filho	Petronilio Alves Moura (adjunto)
15	Jefferson Soares de Carvalho	jcarv57@yahoo.com.br
16	João Batista Fagundes	fagundesadv@hotmail.com
17	Paulo Roberto Marra	marra.paulo@gmail.com
18	Absai Gomes Brito	brito.absai@gmail.com
19	Mauro Marcondes da Costa	Abel Tolentino de Oliveira Júnior (adjunto)
20	Gesmar José Vieira	gesmarjv@uol.com.br
21	Adegar José Ferreira	degmarjferreira@uol.com.br
22	Joveny Sebastião Cândido de Oliveira	Arinan C. Alencastro Veiga (adjunto)
23	Genserico Barbo de Siqueira	Edmilson Junqueira de Mendonça (adjunto)
24	Isaías Costa Dias	isaiascdmc@hotmail.com
25	Paranahyba Santana	paranasan@gmail.com

CADEIRA	MEMBROS	E-MAIL
26	Airton Batista de Andrade	airtonbandrade@gmail.com
27	Hélio Moreira	Antonio Rosário Leite Filho, (adjunto)
28	Heitor Rosa	Adalto Bento Leal (adjunto)
29	Joás de Franca Barros	quintinobocaiuva@hotmail.com
30	Mucio Bonifácio Guimaraes	
31	Aparecido José dos Santos	ajsaparecido09@hotmail.com
32	Anestor Porfírio da Silva	silvaanestor001@gmail.com
33	Carlos Alberto Barros de Castro	barros@polipar.com.br
34	Rogério Safatle Barros	rogeriosafatle@gmail.com
35	Helton Chacarasque	
36	Célio César de Moura Gomes	celio2004mg@hotmail.com
37	Hamilton Rios de Araújo	relacoesinteriores@gleg.com.br
38	Charles Wellington de Matos Pinheiro	charleswellingtonpinheiro@yahoo.com.br
39	Tito Souza do Amaral	